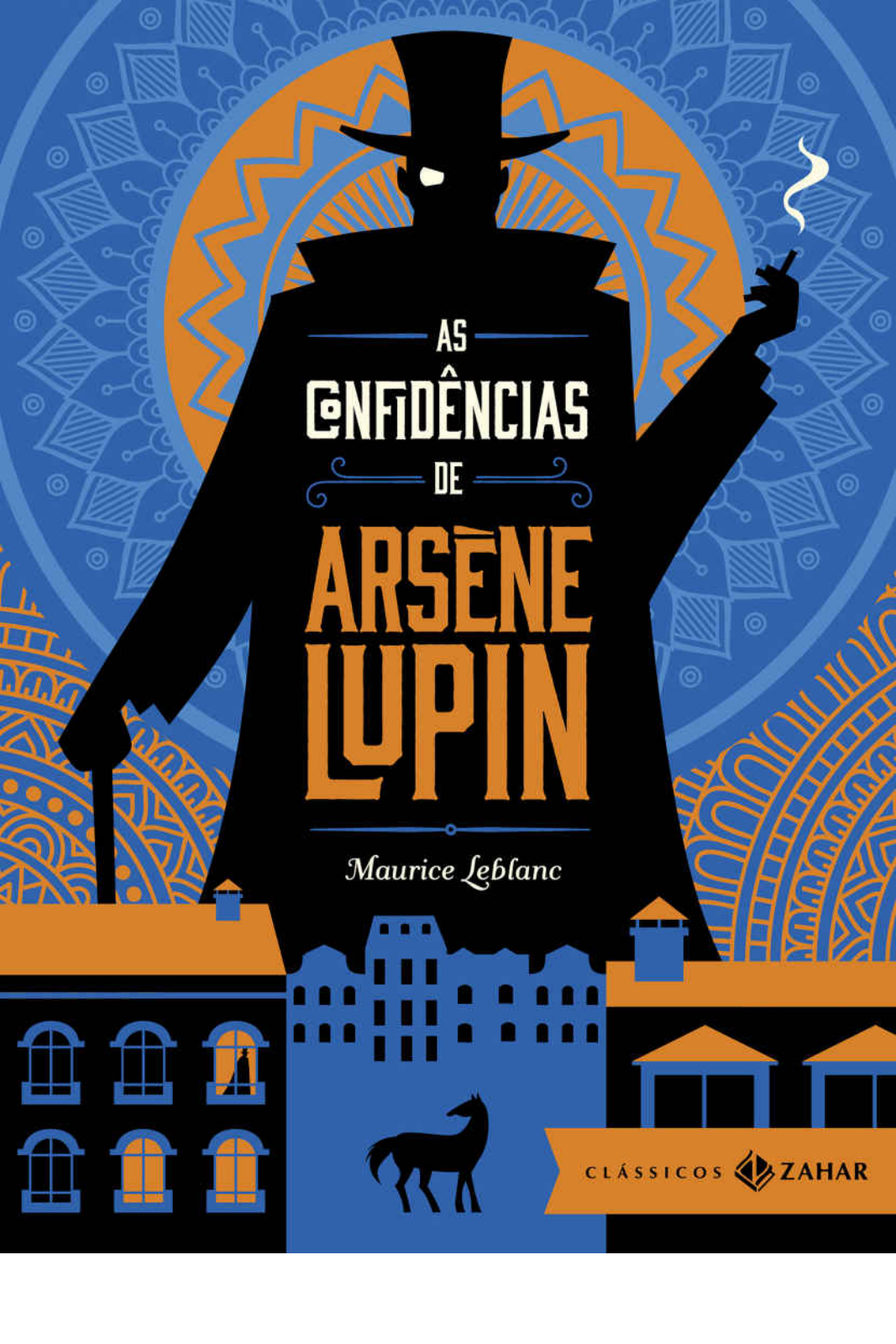




AS
CONFIDÊNCIAS
DE

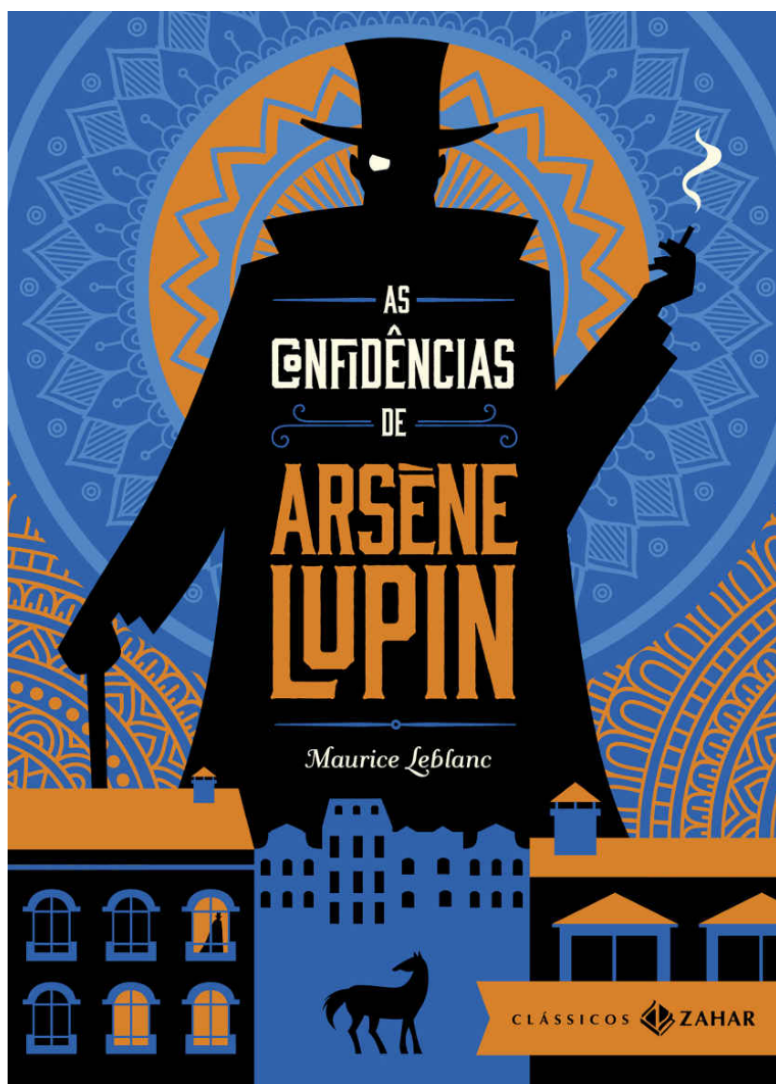
ARSENE
LUPIN

Maurice Leblanc

CLÁSSICOS  ZAHAR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



AS
CONFIDÊNCIAS
DE
ARSÈNE
LUPIN

Maurice Leblanc

CLÁSSICOS  ZAHAR

Maurice Leblanc

AS CONFIDÊNCIAS
DE ARSÈNE LUPIN

Tradução
Dimitris de Bruchman



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Apresentação

1. Reflexos do sol
2. A aliança de casamento
3. O sinal da sombra
4. A cilada infernal
5. A echarpe de seda vermelha
6. A morte rondando
7. Edith Pescoço de Cisne
8. A palhinha
9. O casamento de Arsène Lupin

Cronologia: Vida e obra de Maurice Leblanc

Créditos

APRESENTAÇÃO

MAURICE LEBLANC NASCEU EM 1864, em Rouen, na Alta Normandia francesa. Filho de um empresário da construção naval e de mãe oriunda de família tradicional, veio ao mundo pelas mãos de Achille Flaubert, médico e irmão do já consagrado Gustave, ambos amigos íntimos da família.

Formado em direito, aos 24 anos vai para Paris, onde se torna jornalista e começa a escrever contos, romances e peças teatrais. Em 1905, Pierre Lafitte, um editor conhecido e respeitado, convida Leblanc a publicar uma ficção policial na revista *Je Sais Tout*.

O personagem que resulta do convite é, possivelmente, uma mistura de cinco figuras históricas e literárias: o anarquista francês Marius Jacob, famoso pela generosidade com suas vítimas; um conselheiro municipal de Paris chamado Arsène Lopin; bem como os ladrões de casaca ficcionais Raffles, criação de Ernest William Hornung, Arthur Lebeau, personagem do romance *Os 21 dias de um neurastênico*, e o protagonista da peça *Scruples* — os dois últimos concebidos por Octave Mirbeau.

Sherlock Holmes, o detetive de Arthur Conan Doyle, é também uma evidente inspiração — em negativo — para Arsène Lupin. Ambos são indivíduos superdotados no que se refere a grandes estratégias, um do lado da lei, desvendando-os, o outro do crime, concebendo-os — ainda que o anti-herói francês aja sempre de acordo com seu código de honra anarquista e cavalheiresco.

Intitulada “A detenção de Arsène Lupin”, a primeira aventura de Lupin aparece no nº 6 da *Je Sais Tout*, em 15 de julho de 1905. O sucesso é imediato e outras oito a seguem. Logo na segunda história, “Arsène Lupin na prisão”, Holmes é mencionado como exemplo de bom investigador. No ano seguinte, ele reaparece como coadjuvante em “Sherlock Holmes chega tarde demais”, sendo derrotado por um

jovem Lupin. Dessa vez, contudo, Conan Doyle não achou divertida a apropriação de seu personagem — ou o desfecho do duelo — e recorreu à justiça para barrá-la.

Em 1907, as nove histórias inaugurais foram reunidas na coletânea *O ladrão de casaca*, trazendo o embate com o rival inglês como fecho do volume, porém com uma pequena alteração: Sherlock vinha parodiado como Herlock Sholmes. Essa nova encarnação do gênio de Baker Street apareceria ainda em três outros livros: *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes* (1908), *A Agulha Oca* (1909) e *813* (1910).

O sucesso de Arsène Lupin e suas mirabolantes aventuras só fez crescer. Entre 1905 e 1941, o personagem protagonizaria ao todo quinze romances, três novelas e 38 contos, distribuídos ao todo em 23 livros, afora quatro peças de teatro. Sua astúcia e fama chegaram a fazer com que o criador da série, em 1921, fosse convidado a colaborar com a Sûreté, a polícia francesa. Maurice Leblanc casou-se duas vezes e teve uma filha do primeiro casamento e um filho do segundo. Após sua morte, em 1941, dois romances de Lupin ainda seriam publicados, um deles inacabado.*

* Esta é uma versão reduzida da apresentação de Rodrigo Lacerda para *O ladrão de casaca: as primeiras aventuras de Arsène Lupin*, publicado pela Zahar em 2016.

1. REFLEXOS DO SOL

— VAMOS, LUPIN, conte-me alguma coisa.

— E o que você quer que eu lhe conte? Já sabem tudo da minha vida — respondeu Lupin, que dormitava no sofá do meu gabinete.

— Ninguém sabe! — exclamei. — Sabe-se, por tal ou tal carta sua publicada nos jornais, que você esteve envolvido em tal caso, que fez deslanchar tal outro... Mas do seu papel nisso tudo, do próprio cerne da história, do desfecho do drama, ninguém faz ideia.

— Ora, é tudo um monte de boatos sem importância alguma.

— Seu presente de cinquenta mil francos para a esposa de Nicolas Dugrival não tem importância? E a forma misteriosa como decifrou o enigma dos três quadros também não?

— Era um enigma estranho mesmo — disse Lupin. — Eu sugiro um título para ele: *O sinal da sombra*.

— E seus sucessos na sociedade? — acrescentei. — E suas boas ações secretas? E essas tantas histórias a que se referiu várias vezes na minha frente e denominava *A aliança de casamento*, *A morte rondando* etc.? Quanta confiança em atraso, meu pobre Lupin! Vamos lá, um pouco de coragem...

Isso era na época em que Lupin, embora já famoso, ainda não havia travado suas mais formidáveis batalhas; a época que antecede as grandes aventuras da *Agulha Oca* e do *813*. Quando, sem pensar em se apropriar do tesouro secular dos reis da França ou em assaltar a Europa nas barbas do Kaiser, ele se contentava com golpes mais modestos e lucros mais módicos, despendendo esforços cotidianos, praticando o mal dia a dia, e o bem também, por índole e diletantismo, qual um dom Quixote que se diverte e se comove.

Como ele se calasse, insisti:

— Por favor, Lupin!

Para minha estupefação, ele respondeu:

— Pegue um lápis, meu caro, e uma folha de papel.

Obedeci no mesmo instante, todo animado com a ideia de que ele iria por fim me ditar algumas dessas páginas em que sabe imprimir tanta verve e fantasia e que eu, infelizmente, sou obrigado a estragar com densas explicações e elaborações fastidiosas.

— Está pronto? — perguntou.

— Estou.

— Anote: 3 — 21 — 9 — 4 — 1 — 4 — 15.

— Como?

— Estou dizendo, anote.

Ele estava sentado no sofá, os olhos voltados para a janela aberta, e enrolando entre os dedos um cigarro de tabaco oriental.

Pronunciou:

— Anote: 5 — 5 — 13 — 16...

Fez uma pausa. Retomou em seguida:

— 15.

E, depois de um silêncio:

— 18 — 20...

Teria enlouquecido? Eu o encarei e percebi que já não tinha o mesmo olhar indiferente de poucos minutos atrás, estava atento e parecia acompanhar, num ponto qualquer do espaço, um espetáculo que parecia fasciná-lo.

E seguia ditando, com intervalos entre um número e outro:

— 1 — 14 — 20 — 5...

Pela janela, não se avistava mais do que uma nesga de céu azul, à direita, e a fachada do prédio em frente, um antigo palacete, com suas venezianas fechadas como de costume. Não havia nisso nada de especial, nenhum detalhe que me parecesse novo naquele cenário que eu contemplava fazia muitos anos.

— 5 — 22 — 9...

E, de repente, entendi... ou melhor, achei que tinha entendido. Pois como supor que um homem como Lupin, tão sensato, no fundo, por trás da sua máscara de ironia, fosse desperdiçar seu tempo com bobearias desse tipo? Entretanto, não havia dúvida possível. Era isso mesmo que ele estava fazendo, estava contando os reflexos

intermitentes de um raio de sol que dançava na fachada escurecida do velho prédio, na altura do segundo andar.

— 20 — 1... — ditou Lupin.

O reflexo sumiu por alguns segundos, depois riscou de novo a fachada em intervalos regulares, e tornou a sumir.

Eu tinha instintivamente contado, e disse em voz alta:

— 18...

— Entendeu agora? Já não era sem tempo! — caçoou Lupin.

Ele foi até a janela e se debruçou, como que para conferir a trajetória exata do raio luminoso. Depois voltou a deitar no sofá, dizendo:

— Sua vez de contar... continue.

Obedeci, de tanto que o danado do homem parecia saber aonde queria chegar. Também não podia deixar de admitir que era realmente curiosa aquela sucessão de sinais de luz na fachada, a regularidade com que eles surgiam e sumiam como um farol piscando.

Vinham de um prédio situado do nosso lado da rua, já que àquela hora o sol entrava obliquamente no meu apartamento. A impressão era de alguém abrindo e fechando uma janela, ou melhor, entretendo-se em refletir raios de luz com um espelhinho de bolso.

— É uma criança brincando! — exclamei depois de um instante, um pouco irritado com a tarefa estúpida que me era imposta.

— Não importa, prossiga!

E segui contando e anotando os números... E o sol continuava a bailar à minha frente com uma precisão matemática.

— E então? — indagou Lupin, depois de um silêncio mais prolongado.

— Bem, parece que acabou. Faz vários minutos que não vem mais nada.

Esperamos, e, como não aparecesse nenhum clarão de luz bailando no ar, brinquei:

— Estou achando que perdemos tempo à toa. Uns poucos números numa folha de papel. Magro butim!

Sem se mover do sofá, Lupin retomou:

— Por gentileza, meu caro, substitua cada um desses números pela

letra do alfabeto que lhe corresponde, considerando que A é 1, B é 2 etc.

— Mas isso é ridículo.

— Totalmente ridículo, mas fazemos tantas coisas ridículas na vida! Uma a mais, uma a menos...

Resignando-me àquela tarefa absurda, anotei as primeiras letras: C-U-I-D-A-D-O...

E me interrompi, surpreso:

— Uma palavra! — exclamei. — Está se formando uma palavra.

— Pois prossiga, meu caro.

Prossigui, e as letras seguintes compuseram outras palavras, que fui separando uma da outra. Até que, para meu grande espanto, uma frase inteira se formou diante dos meus olhos.

— Terminou? — inquiriu Lupin ao fim de um instante.

— Terminei! Ora essa, tem erros de ortografia.

— Não se preocupe com isso... leia devagar.

Então li a seguinte frase inacabada, que reproduzo aqui tal como apareceu para mim:

Cuidado! É importante evitar o perigo, triblar os ataques, ter muita cautela ao enfrentar às forças inimigas, e...

Comecei a rir.

— Pronto! Fez-se a luz! Estamos cegos de tanta claridade, não? Agora confesse, Lupin, que esse rosário de conselhos de botequim realmente não elucida grande coisa.

Sem se desfazer do seu silêncio desdenhoso, Lupin se levantou e pegou a folha de papel.

Lembro que o acaso, naquele momento, deteve meu olhar no relógio de parede. Marcava cinco e dezoito.

Lupin, entretanto, estava parado de pé com o papel na mão, e tive o prazer de observar a extraordinária mobilidade de expressão do seu rosto tão jovem, capaz de confundir os mais finos observadores e que é sua grande força, sua melhor salvaguarda. Por meio de que sinais se guiar para reconhecer um rosto que se transforma a seu bel-prazer, mesmo sem o auxílio de maquiagem, e em que qualquer expressão

passageira parece ser a expressão definitiva? Quais são os sinais? Um deles eu conhecia, pois era imutável: duas rugas miúdas em forma de cruz que vincavam sua testa sempre que ele fazia um esforço intenso de atenção. E naquele momento eu vi, nítida e funda, aquela cruzinha reveladora.

Ele largou a folha de papel e murmurou:

— Elementar!

O relógio tocou cinco e meia.

— Como assim? — exclamei. — Conseguiu decifrar? Em doze minutos!

Ele deu alguns passos de um lado para o outro da sala, depois acendeu um cigarro e me disse:

— Por gentileza, telefone para o barão Repstein e avise-lhe que estarei na sua casa logo mais, às dez da noite.

— O barão Repstein? — perguntei. — O marido da famosa baronesa?

— Sim.

— É sério?

— É muito sério.

Totalmente confuso, e incapaz de resistir ao seu pedido, abri a lista telefônica e tirei o aparelho do gancho. Nesse momento, porém, Lupin me deteve com um gesto peremptório e disse, com os olhos ainda voltados para o papel, que tornara a examinar:

— Não, esqueça, não precisa avisar. Há algo mais urgente... algo estranho, que está me intrigando. Por que diabos essa frase ficou inacabada? Por que essa frase...

Apanhou depressa o chapéu e a bengala.

— Vamos. Ou muito me engano, ou esse caso exige uma solução imediata. E não creio que eu me engane.

— Já sabe alguma coisa?

— Por enquanto, nada.

Na escada, cruzou o braço no meu e disse:

— Sei o que todo mundo sabe. O barão Repstein, financista e desportista hípico, cujo cavalo, Etna, ganhou este ano o Derby de Epsom e o Grande Prêmio de Longchamp, o barão Repstein foi vítima

da sua esposa, a qual, bem conhecida pelos seus cabelos louros, vestidos finos e hábitos luxuosos, fugiu quinze dias atrás levando uma quantia de três milhões roubada do marido, além de uma vasta coleção de diamantes, pérolas e joias que a princesa De Berny lhe confiara e ela ficara de comprar. Faz duas semanas que estão perseguindo a baronesa pela França e Europa, o que não tem sido difícil, uma vez que ela deixa um rastro de ouro e joias por onde passa. A todo momento acham que vão conseguir prendê-la. Anteontem mesmo, num grande hotel da Bélgica, nosso policial nacional, o inefável Ganimard, deteve uma viajante contra quem se acumulavam provas das mais irrefutáveis. Feitas as averiguações, tratava-se de Nelly Darbel, uma conhecida atriz de teatro. Quanto à baronesa, nem sinal. O barão Repstein, por seu lado, ofereceu uma recompensa de cem mil francos a quem ajudar a encontrar sua esposa. O dinheiro está depositado em cartório. Além disso, acaba de vender de uma tacada seu haras de corrida, o palacete no bulevar Haussmann e o castelo de Roquencourt a fim de ressarcir a princesa De Berny.

— E o valor da venda deve ser pago hoje à tarde — acrescentei. — A princesa De Berny receberá sua parte amanhã, segundo os jornais. Só não percebo, na verdade, qual a relação entre essa história, que você resumiu tão bem, e a frase enigmática...

Lupin não se dignou a responder.

Seguindo pela rua onde eu morava, tínhamos andado uns cento e cinquenta, duzentos metros, quando ele se afastou da calçada e se pôs a examinar um prédio, de construção já antiga, que devia abrigar numerosos moradores.

— Pelos meus cálculos, os sinais vinham daqui — disse. — Provavelmente daquela janela aberta.

— Aquela no terceiro andar?

— Sim.

Ele foi até a zeladora e lhe perguntou:

— Sabe me dizer se um dos moradores tem algum tipo de relação com o barão Repstein?

— Ora, se sei! Claro! — exclamou a mulher. — Temos aqui o excelente sr. Lavernoux, que é o secretário, o intendente do barão. Sou

eu que faço faxina para ele.

— Poderíamos falar com ele?

— Falar com ele? Pobre homem, está muito doente.

— Doente?

— Faz uns quinze dias, desde o episódio da baronesa... No dia seguinte, ele chegou em casa com febre e ficou de cama.

— E não tem levantado?

— Ah, isso eu não sei.

— Como assim, não sabe?

— É que o médico me proibiu de entrar no apartamento. Ele até pediu minha chave de volta.

— Ele quem?

— O médico. Ele mesmo tem vindo duas, três vezes por dia cuidar do doente. Saiu daqui não faz vinte minutos... Um velho de óculos e barba grisalha, todo encurvado... Ei, senhor, onde vai?

— Vou subir, me acompanhe — disse Lupin, já correndo em direção à escada. — Terceiro andar, à esquerda, não é?

— Mas estou proibida! — gemeu a mulher, indo atrás dele. — E aliás, nem tenho a chave, já que o doutor...

Um atrás do outro, subiram os três andares. Chegando ao patamar, Lupin tirou um instrumento do bolso e, não dando ouvidos aos protestos da zeladora, introduziu-o na fechadura. A porta cedeu quase no mesmo instante. Entramos.

Ao fundo de uma sala escura, avistava-se um clarão de luz se infiltrando por uma porta entreaberta. Lupin acorreu e, já desde o limiar, soltou um grito:

— Tarde demais! Maldição!

A zeladora caiu de joelhos, como que desfalecida.

Entrando no quarto, por minha vez, vi um homem seminu estendido no tapete, com as pernas encolhidas, os braços contorcidos e o rosto muito pálido, um rosto afilado, macilento, que tinha nos olhos uma expressão de pavor e a boca contraída num esgar horroroso.

— Foi assassinado — declarou Lupin, depois de um rápido exame.

— Mas como? — exclamei. — Não há sinal de sangue.

— Há, sim — respondeu Lupin, mostrando, pela camisa entreaberta,

duas ou três gotas vermelhas no peito. — Devem ter agarrado o pescoço com uma das mãos e, com a outra, espetado o coração. Digo “espetado” porque o ferimento é mesmo imperceptível. Parece o furo de uma agulha bem comprida.

Olhou o chão em volta do cadáver. Não havia nada que chamasse a atenção, a não ser um espelhinho de bolso, o espelhinho com que o sr. Lavernoux fazia raios de sol dançarem no ar...

De súbito, ouvindo a zeladora gemer e chamar por socorro, Lupin se atirou sobre ela e a repreendeu:

— Quieta! Primeiro me escute, depois a senhora chama o socorro. Me escute e responda. É muito importante. O sr. Lavernoux tinha um amigo nesta rua, não tinha? Deste mesmo lado, à direita... Um amigo bem próximo?

— Sim.

— Um amigo com quem se encontrava no café nos finais de tarde, com quem trocava revistas ilustradas?

— Sim.

— O nome dele?

— Sr. Dulâtre.

— E o endereço?

— Nesta rua, número 92.

— Só mais uma coisa: o velho médico de óculos e barba grisalha de que me falou... faz tempo que ele vinha aqui?

— Não. Eu não o conhecia. Apareceu na noite em que o sr. Lavernoux ficou doente.

Sem dizer mais nada, Lupin me arrastou de novo atrás de si, desceu a escada e, uma vez na rua, pegou a direita, o que nos fez passar defronte ao meu apartamento. Quatro prédios adiante, parou em frente ao número 92, um edifício pequeno cujo térreo era ocupado por uma loja de vinhos. O proprietário estava fumando na porta, junto à entrada do prédio. Lupin perguntou se o sr. Dulâtre estava em casa.

— O sr. Dulâtre saiu — respondeu o homem. — Faz uma meia hora. Parecia muito nervoso, e tomou um automóvel, o que não é seu costume.

— E o senhor não sabe...

— Para onde ele foi? Bem, não é segredo nenhum, ele gritou o endereço em alto e bom som: “Para a Chefatura de Polícia!”, foi o que disse ao motorista.

Lupin já ia ele próprio chamando um táxi quando mudou de ideia, e o ouvi murmurar:

— Para quê? Ele já deve estar longe!

Perguntou então se alguém tinha procurado pelo sr. Dulâtre depois que ele saíra.

— Sim, um senhor idoso, de óculos e barba grisalha. Subiu ao apartamento do sr. Dulâtre, tocou a campainha e foi embora.

— Obrigado, meu senhor — disse Lupin, despedindo-se.

Pôs-se a andar devagar, sem se dirigir a palavra e com um ar preocupado. Era evidente que achava o problema difícilimo e que tateava sem muita clareza no breu em que aparentemente se movia com tanta segurança.

Ele mesmo, aliás, me confessou:

— Casos desse tipo exigem muito mais intuição do que raciocínio. Agora, este é um daqueles que realmente valem a pena...

Tínhamos chegado aos bulevares. Lupin entrou num gabinete de leitura e consultou demoradamente os jornais das duas últimas semanas, murmurando de quando em quando consigo mesmo:

— Sim... sim... claro, é apenas uma hipótese, mas explica tudo. E uma hipótese que responde a todas as perguntas não está longe de ser uma verdade.

Anoitecera, jantamos num pequeno restaurante ali perto, e reparei que o semblante de Lupin ia se animando aos poucos. Havia nele mais alegria, vivacidade, havia mais decisão nos seus gestos. Quando saímos, e no caminho que ele me fez percorrer pelo bulevar Haussmann até a residência do barão Repstein, já era o Lupin dos grandes dias, o Lupin decidido a agir e a ganhar a batalha.

Pouco antes da rua de Courcelles, nosso passo diminuiu. O barão Repstein morava à esquerda, entre essa rua e o *faubourg* Saint-Honoré, num palacete de três pisos cuja fachada ornada de colunas e cariátides já avistávamos.

— Alto! — disse Lupin de repente.

— O que foi?

— Mais uma prova que confirma minha hipótese.

— Que prova? Não estou vendo nada.

— Eu estou, é o que basta.

Levantou a gola do casaco, abaixou a aba do chapéu mole e anunciou:

— Pelos céus! O combate será renhido. Vá para casa dormir, meu amigo. Amanhã lhe conto minha expedição, se é que não vai me custar a vida.

— Hã?

— Pois então, estou me expondo a um risco enorme. De ser preso, para começar, o que seria pouco. E de morrer, o que é pior! Só que...

Ele segurou meu ombro com força:

— Também me exponho a outro risco, que é o de embolsar dois milhões. E, quando eu tiver um cacife inicial de dois milhões, aí sim vão ver do que sou capaz. Boa noite, meu caro, e, se não voltarmos a nos encontrar...

Declamou:

Plante um salgueiro no cemitério,

*Me encanta sua triste ramagem...**

Fui embora em seguida. Três minutos depois — prossigo o relato conforme o próprio Lupin me contou no dia seguinte —, três minutos depois ele tocava à porta do palacete Repstein.

— O sr. barão se encontra?

— Sim, senhor — respondeu o criado, examinando o intruso com uma expressão de surpresa. — Mas o sr. barão já não recebe ninguém a esta hora.

— O sr. barão está a par do assassinato do seu intendente, o sr. Lavernoux?

— Certamente.

— Pois queira dizer a ele que vim tratar desse assassinato, e que não há um instante a perder.

Uma voz gritou lá de cima:

— Pode mandá-lo subir, Antoine.

Diante dessa ordem, enunciada em tom peremptório, o criado conduziu Lupin ao primeiro andar. No vão de uma porta aberta o aguardava um cavalheiro, que Lupin reconheceu por ter visto uma fotografia sua nos jornais: o barão Repstein, marido da famosa baronesa, e proprietário de Etna, o cavalo mais célebre do ano.

Era um homem muito alto, de ombros largos, cujo rosto, inteiramente barbeado, ostentava uma expressão afável, quase sorridente, que a tristeza do olhar não atenuava. Vestia um traje de corte elegante, um colete de veludo marrom e, na gravata, uma pérola que Lupin estimou ter um valor considerável.

O barão convidou Lupin a entrar no seu gabinete, um amplo cômodo com três janelas, mobiliado com estantes de livros, armários verdes, uma escrivaninha americana e um cofre-forte. E foi logo perguntando, em tom visivelmente ansioso:

— Está sabendo de alguma coisa?

— Sim, sr. barão.

— Sobre o assassinato do pobre do Lavernoux?

— Sim, e também sobre a sra. baronesa.

— Será possível? Fale, eu lhe imploro!

Ofereceu uma cadeira. Lupin sentou-se e começou:

— A situação é grave, sr. barão. Vou ser breve.

— Aos fatos! Vamos aos fatos!

— Pois bem, sr. barão, em poucas palavras e sem preâmbulos, os fatos são estes: agora à tarde, Lavernoux, que há quinze dias vinha sendo mantido pelo seu médico numa espécie de reclusão forçada, Lavernoux, ali do seu quarto... como direi?... telegrafou, através de sinais, certas revelações, parte das quais anotei e me puseram na pista deste caso. Quanto a ele, foi flagrado transmitindo a mensagem e assassinado.

— Mas por quem? Por quem?

— Pelo seu médico.

— E quem é esse médico?

— Não sei. Mas um amigo do sr. Lavernoux, o sr. Dulâtre, que é justamente com quem ele estava se comunicando, o sr. Dulâtre deve saber. E também deve saber o inteiro e preciso significado da

mensagem, uma vez que, sem nem mesmo esperar para ler o final, saltou num automóvel e pediu para ser levado à Chefatura de Polícia.

— Por que isso? Por quê? E qual foi o resultado dessa iniciativa?

— O resultado, sr. barão, é que seu palacete está cercado. Há neste momento doze policiais deambulando sob suas janelas. Assim que o sol nascer, eles vão entrar em nome da lei e prender o culpado.

— Quer dizer que o assassino de Lavernoux está escondido neste palacete? É um dos meus empregados? Não, claro que não, o senhor mencionou um médico!

— Repare, barão, que quando foi à Chefatura de Polícia comunicar as revelações do seu amigo Lavernoux, o sr. Dulâtre não sabia que seu amigo Lavernoux seria assassinado. O assunto do sr. Dulâtre era outro...

— Que outro?

— A verdade sobre o desaparecimento da baronesa, que ele descobriu graças à mensagem de Lavernoux.

— O quê?! Descobriram, enfim! Encontraram a baronesa! Onde ela está? E o dinheiro que me extorquiui?

Extremamente agitado, o barão Repstein se levantou e, interpelando Lupin:

— Conte tudo o que sabe, cavalheiro. Não posso ficar nesse suspense.

Lupin prosseguiu, com voz lenta e hesitante:

— É que... bem... Nesse ponto a explicação começa a ficar difícil, já que nossos pontos de vista são totalmente opostos.

— Não estou entendendo.

— Mas precisa entender, sr. barão. Estamos supondo, e aqui me refiro ao que dizem os jornais, estamos supondo que a baronesa Repstein tinha conhecimento de todos os seus assuntos, e estava apta a abrir não só esse cofre-forte mas também o do Crédit Lyonnais, onde o senhor guardava todos os seus valores.

— Sim.

— É fato que uma noite, quinze dias atrás, enquanto o senhor estava no clube, a baronesa Repstein, que tinha vendido todos esses títulos à sua revelia, saiu daqui levando uma sacola de viagem contendo seu

dinheiro, além de todas as joias da princesa De Berny?

— Sim.

— E não foi mais vista desde então?

— Não.

— Pois bem, há um excelente motivo para ela não ter sido mais vista.

— Que motivo?

— A baronesa Repstein foi assassinada.

— Assassinada?! A baronesa?! O senhor está louco!

— Assassinada. E, bem provavelmente, naquela mesma noite.

— Repito: o senhor está louco! Como pode a baronesa ter sido assassinada se estão seguindo seu rastro, a bem dizer, passo a passo?

— Estão seguindo o rastro de outra mulher.

— Que mulher?

— A cúmplice do assassino.

— E quem é esse assassino?

— O mesmo homem que, ciente de que Lavernoux, pelo cargo que ocupava neste palacete, havia descoberto a verdade, o manteve preso nos últimos quinze dias, forçando seu silêncio, ameaçando-o, aterrorizando-o; o homem que, ao flagrar Lavernoux se comunicando com um amigo, o eliminou a sangue-frio com um golpe de estilete no coração.

— Ou seja, o tal médico?

— Sim.

— Mas quem é esse médico? Quem é esse ser maléfico, essa criatura infernal, que aparece e desaparece, que mata nas sombras e do qual ninguém suspeita?

— O senhor não faz ideia?

— Não.

— E quer saber quem é?

— Ora, se quero! Fale! Fale logo! Sabe onde ele se esconde?

— Sei.

— Neste palacete?

— Sim.

— E é este homem que a polícia está procurando?

— Sim.

— Quem é ele?

— É o senhor!

— Eu?!

Não fazia nem dez minutos que Lupin estava com o barão e o duelo começava. A acusação caiu brutal, precisa, implacável.

Ele repetiu:

— Sim, o senhor, usando barba postiça e um par de óculos, encurvado como um idoso. Em suma, barão Repstein, é o senhor, e é o senhor por uma razão muito simples para a qual ninguém atentou, que é a seguinte: se não foi o senhor que maquinou essa trama toda, o caso é inexplicável. Ao passo que, com o senhor sendo culpado, com o senhor assassinando a baronesa para se livrar dela e gastar os milhões com outra mulher, com o senhor assassinando seu intendente para eliminar uma testemunha indiscutível... Bem, aí tudo se explica.

O barão — que desde o início da conversa estava inclinado em direção ao seu interlocutor, espreitando cada palavra com uma avidez febril — se endireitou e agora fitava Lupin como se, definitivamente, estivesse lidando com um louco. Quando Lupin terminou, ele recuou dois, três passos, pareceu prestes a falar alguma coisa, que por fim não disse, e então foi até a lareira e tocou a campainha.

Lupin não fez um gesto. Aguardou, sorrindo.

O empregado entrou. Disse-lhe o patrão:

— Pode ir se deitar, Antoine. Depois eu mesmo acompanho o cavalheiro.

— Quer que eu apague as luzes, senhor?

— Deixe acesa a do vestíbulo.

Antoine se retirou, e o barão, depois de pegar um revólver na escrivaninha, voltou em seguida para junto de Lupin, pôs a arma no bolso e disse com muita calma:

— O senhor há de desculpar essa pequena precaução, que me vejo obrigado a tomar para o caso, aliás pouco provável, de o senhor estar louco. Não, o senhor não está louco. Mas me aparece aqui com um propósito que ainda não tenho claro, e faz contra mim uma acusação tão espantosa que estou curioso para saber o motivo.

Falava com voz emocionada, e seus olhos tristes pareciam marejados de lágrimas.

Lupin estremeceu. Estaria enganado? Estaria errada a hipótese sugerida pela sua intuição, assentada numa base frágil de pequenos fatos? Um detalhe, porém, chamou sua atenção: pela abertura do colete, ele viu a ponta do alfinete preso à gravata do barão, o que o fez reparar no insólito comprimento do objeto. Sua haste de ouro, além disso, era triangular e formava como que um minúsculo punhal, muito fino e delicado, porém temível em mãos experientes.

E Lupin não teve dúvida de que o alfinete ornado com a magnífica pérola era a arma que tinha perfurado o coração do pobre sr. Lavernoux.

Murmurou:

— É mesmo muito esperto, sr. barão.

O outro continuou sério, em silêncio, como se não tivesse entendido e aguardasse as explicações a que tinha direito. E essa atitude impassível, bem ou mal, perturbava Arsène Lupin.

— Sim, muito esperto, pois está claro que a baronesa, quando vendeu seus títulos, quando pediu emprestadas as joias da princesa a pretexto de querer comprá-las, estava apenas cumprindo determinações suas. E está claro que a pessoa que saiu deste palacete levando uma sacola de viagem não era sua esposa, e sim uma cúmplice, uma namorada, provavelmente, e é essa sua namorada que tem se deixado seguir deliberadamente por toda a Europa pelo nosso bravo Ganimard. Acho esse plano genial. Que risco corre essa mulher, afinal, se quem está sendo procurada é a baronesa? E por que iriam procurar outra mulher, se o senhor prometeu cem mil francos de recompensa para quem encontrasse a baronesa? Ah, depositar esses cem mil francos em cartório foi uma jogada de mestre! Ofuscou a polícia. Cegou os olhos dos mais perspicazes. Um cavalheiro que deposita cem mil francos em cartório só pode estar dizendo a verdade. E saem no encalço da baronesa! E o deixam cuidar tranquilamente dos seus negócios, vender seu haras e seus imóveis nas melhores condições e organizar sua fuga! Céus! É hilário!

O barão continuava impassível. Avançou em direção a Lupin e

perguntou, sempre com a mesma fleuma:

— Quem é o senhor?

Lupin deu uma risada:

— Que importância tem isso na atual circunstância? Digamos que eu seja um enviado do destino, surgindo das sombras para destruí-lo!

Ele se levantou apressadamente, segurou no ombro do barão e continuou, num tom enfático:

— Ou para salvá-lo, barão. Agora escute! Os três milhões da baronesa, quase todas as joias da princesa, o dinheiro que você recebeu hoje pela venda do haras e dos imóveis, está tudo aí, no seu bolso, ou então nesse cofre-forte. Está tudo pronto para sua fuga. Olhe só, posso ver parte da sua mala atrás daquela tapeçaria. Seus papéis estão em ordem na escrivaninha. Esta noite, você ia escapar furtivamente. Esta noite, bem disfarçado, irreconhecível, tomando todas as precauções, você ia se encontrar com sua amante, aquela por quem você matou: Nelly Darbel, sem dúvida, a mulher que Ganimard deteve na Bélgica. E eis que surge um obstáculo, súbito, inesperado: a polícia, os doze agentes que as revelações de Lavernoux postaram debaixo das suas janelas. Você está perdido! Pois bem, eu vim salvá-lo. Basta um telefonema e, lá pelas três, quatro da manhã, vinte amigos meus eliminam o obstáculo, livram-se dos doze policiais, e nós escapulimos de fininho. O que eu quero em troca? Quase nada, uma ninharia para você: a divisão meio a meio dos milhões e das joias. Concorda?

Ele estava inclinado sobre o barão e o interpelava com uma energia irresistível. O barão sussurrou:

— Estou começando a entender. É uma chantagem...

— Chame do que quiser, meu caro, mas, chantagem ou não, terá que dançar de acordo com minha música. E não ache que vou fraquejar na hora H. Não pense: “Está aí um cavalheiro que o medo da polícia fará refletir duas vezes. Posso estar arriscando alto se recusar, mas ele também corre o risco de ser algemado, encarcerado e tudo o mais, já que estamos os dois acuados feito animais”. Ledo engano, barão. Eu sempre consigo me livrar. É de você, e só de você que se trata. A bolsa ou a vida, nobre senhor. Meio a meio, ou senão... o

cadafalso! E então?

Um gesto brusco. O barão se soltou, empunhou o revólver e atirou.

Mas Lupin já previa o ataque, mesmo porque o semblante do barão fora aos poucos perdendo seu aprumo e, numa lenta irrupção de medo e fúria, assumira uma expressão feroz, quase bestial, que prenunciava a revolta por tanto tempo contida.

Duas vezes ele atirou. Lupin primeiro se jogou para o lado, depois rolou aos pés do barão, que ele agarrou pelas pernas e fez cambalear. O barão se soltou com um safanão. Os dois adversários se engalfinharam, e a luta foi feroz, furiosa, selvagem.

Lupin, de repente, sentiu uma dor no peito.

— Ah! Canalha! — berrou. — Como fez com Lavernoux. O alfinete!

Retesou-se com todas as forças, dominou o barão e apertou sua garganta, enfim vencedor e soberano.

— Imbecil! Se não tivesse aberto o jogo, eu era capaz de desistir. Você tem tanta cara de ser honesto! Mas que músculos, nobre senhor! Por um momento cheguei a temer. Mas agora acabou! Vamos, meu amigo, me passe o alfinete e ponha um sorriso no rosto... Não, isso é uma careta... Será que estou apertando demais? O cavalheiro vai desmaiar? Ora, comporte-se! Muito bem, um cordãozinho de nada em volta dos pulsos... Permite? Meu Deus, que concordância perfeita entre nós! Chega a ser comovente! No fundo, tenho simpatia por você, sabe... E agora, cuidado, caro irmão! E mil desculpas!

Soerguendo-se, desfechou-lhe com toda a força um murro formidável na boca do estômago. O outro arquejou, atordoadado, sem sentidos.

— É nisso que dá ter falta de lógica, meu amigo — disse Lupin. — Eu lhe propus metade das suas riquezas. Agora não concedo mais nada... isso se eu conseguir alguma coisa. Pois aí é que está o x da questão. Onde será que o sujeito escondeu seu pé-de-meia? No cofre-forte? Puxa, vai ser dureza. Ainda bem que tenho a noite toda pela frente.

Pôs-se a revistar os bolsos do barão, pegou um molho de chaves, certificou-se de que os documentos e joias não estavam na mala escondida atrás da tapeçaria e se dirigiu ao cofre-forte.

Mas estacou de repente: estava ouvindo um barulho em algum lugar. Seriam os empregados? Impossível! Suas dependências ficavam no terceiro andar. Apurou o ouvido. O barulho vinha lá de baixo. Então compreendeu: eram os policiais que, alertados pelos dois disparos, batiam à porta do palacete sem esperar que amanhecesse.

— Maldição! Estou em apuros! — disse ele. — Esses cavalheiros que chegam justo agora, quando eu ia colher o fruto de tão laborioso esforço. Vamos, Lupin, mantenha o sangue-frio! Vejamos, do que se trata? De abrir, em vinte segundos, um cofre do qual você não conhece o segredo. E está se afobando por tão pouco? É só descobrir o segredo, ora. Quantas letras são? Quatro?

Continuou pensando em voz alta, sempre atento à movimentação lá fora. Trancou a porta da antecâmara à chave e voltou para o cofre.

— Quatro números... Quatro letras... Quatro letras... Que diabos, quem é que poderia me dar uma mãozinha? Uma pista qualquer? Quem? Mas claro, Lavernoux! O bravo Lavernoux que se deu ao trabalho, arriscando a própria vida, de se comunicar por telegrafia óptica... Santo Deus! Que burro que eu sou. Sim, é isso, é isso mesmo! Caramba! Fico até emocionado. Lupin, você agora vai contar até dez e controlar as batidas do seu coração. Do contrário, vai pôr tudo a perder.

Contou até dez e então, perfeitamente calmo, ajoelhou-se na frente do cofre-forte. Manejou os quatro botões com minuciosa atenção. Em seguida, examinou o molho de chaves, escolheu uma delas, depois outra, tentou enfiá-las na fechadura, sem sucesso.

— Na terceira sempre dá certo — murmurou, experimentando uma terceira chave. — Vitória! Entrou, é essa! Abre-te, sésamo!

A fechadura girou. A porta do cofre se moveu. Lupin puxou-a para si, já pegando as chaves de volta.

— Venham a nós os milhões — disse. — Sem mágoas, barão Repstein.

Mas, súbito, deu um salto para trás, com uma exclamação de pavor. Sentiu suas pernas bambearem. As chaves chacoalharam em sua mão trêmula num sinistro tilintar. E durante uns vinte, trinta segundos, mesmo com toda a barulheira que faziam lá embaixo e as campainhas

elétricas ressoando pelo palacete, ficou ali parado, com os olhos esbugalhados, contemplando a pavorosa, a abominável visão: um corpo de mulher seminua, dobrado ao meio no interior do cofre, socado feito um embrulho grande demais... e cabelos louros esparramados... e sangue...

— A baronesa! — gaguejou. — A baronesa! Ah, que monstro!

Emergindo do seu torpor, pôs-se a cuspir, de repente, na cara do assassino e enchê-lo de pontapés.

— Tome, miserável! Tome, canalha! E leve junto o cadafalso, a guilhotina!

Entretanto, gritos vindos dos andares de cima respondiam ao chamado dos policiais. Lupin ouviu um som de passos desabalando escada abaixo. Hora de pensar na retirada.

Isso pouco o preocupava, na verdade. Durante a conversa com o barão Repstein, observando o tremendo sangue-frio de seu adversário, tivera a impressão de que devia haver uma saída privativa. Por que teria o barão iniciado a luta, aliás, se não estivesse seguro de poder escapar da polícia?

Lupin foi até o quarto vizinho. Dava para um jardim. No exato momento em que os policiais entravam no palacete, pulou a sacada e se deixou escorregar por uma calha. Contornou a construção. Do outro lado, havia um muro margeado de arbustos. Enveredou entre esse muro e os arbustos e se deparou com uma portinhola, que abriu facilmente com uma das chaves do molho. A partir daí foi só atravessar um pátio, cruzar as salas vazias de um pavilhão e, instantes depois, estava na rua do *faubourg* Saint-Honoré. A polícia, naturalmente — disse não tinha a menor dúvida —, não contava com essa saída secreta.

— E ENTÃO, O QUE ME DIZ do barão Repstein? — exclamou Lupin, depois de me contar aquela noite trágica em todos os detalhes. — Que figura asquerosa, não? Como é preciso, às vezes, desconfiar das aparências! Juro para você que ele parecia um verdadeiro homem de bem!

Perguntei:

— Mas e os milhões? E as joias da princesa?

— Estavam no cofre. Lembro perfeitamente de ter visto o pacote.

— E então?

— Continuam lá.

— Não acredito...

— Pois. Eu poderia dizer que tive medo da polícia, ou alegar um prurido repentino. A verdade, porém, é muito mais simples e prosaica: o fedor era demais!

— O quê?

— Sim, meu caro, o cheiro que vinha daquele cofre, daquele caixão... Não, não consegui. Senti uma tontura... Mais um segundo e eu passava mal. Não é ridículo? Veja, isto é tudo que eu trouxe da expedição: o alfinete de gravata. A pérola deve valer, por baixo, uns cinquenta mil francos. Mesmo assim, confesso que me sinto tremendamente envergonhado. Que burrice!

— Só mais uma pergunta — insisti. — E a senha do cofre-forte?

— O que tem ela?

— Como adivinhou?

— Ah, foi muito fácil. Só me espanta eu não ter pensado nisso antes.

— Ou seja?

— Estava na mensagem telegrafada pelo Lavernoux, coitado.

— Hã?

— Pense bem, meu caro, os erros de ortografia...

— Os erros de ortografia?

— Ora, eram propositais! Seria inadmissível o secretário, o intendente do barão, cometer erros de ortografia, escrever *importante* com *e*, *triblar* com *t*, *muinta* com *n*, e *enfrentar às forças* com crase no *a*! Isso, de saída, me chamou a atenção. Juntei as quatro letras e obtive a palavra ETNA, o nome do famoso cavalo.

— E só essa palavra bastou?

— E como! Primeiro para me pôr na pista do caso Repstein, que estava em todos os jornais, e depois para me sugerir a hipótese de que era a senha do cofre-forte, já que Lavernoux, por um lado, sabia do seu macabro conteúdo e, por outro, estava denunciando o barão. Foi também o que me levou a supor que Lavernoux tinha um amigo

naquela rua, que ambos frequentavam o mesmo café, que gostavam de decifrar os enigmas e charadas criptográficas das revistas ilustradas e costumavam se comunicar telegraficamente um com o outro pelas suas janelas.

— E pronto! — exclamei. — Muito simples!

— Simplíssimo. Essa história só vem provar, mais uma vez, que na resolução de um crime há algo bem mais importante que análise dos fatos, observação, dedução, raciocínio e outras baboseiras, e que é, repito, a intuição. A intuição e a inteligência... E a Arsène, sem falsa modéstia, não falta nem uma nem outra.

* “*Plantez un saule au cimetière,/ J’aime son feuillage éploré.*” “Lucie”, poema de Alfred de Musset (1810-57). (N. T.)

2. A ALIANÇA DE CASAMENTO

YVONNE D'ORIGNY DEU UM BEIJO no filho e recomendou que se comportasse direitinho.

— Você sabe que sua avó d'Origny não gosta muito de crianças. Já que excepcionalmente ela lhe pediu que a visite, precisa mostrar que você é um garotinho educado.

E, dirigindo-se à governanta:

— Não se esqueça, Fräulein, traga-o imediatamente depois do jantar. O sr. conde ainda está em casa?

— Sim, senhora, está no gabinete.

Tão logo se viu sozinha, Yvonne d'Origny foi até a janela de modo a avistar o filho assim que chegasse lá fora. Instantes depois, de fato, ele saiu do palacete, ergueu a cabeça e lhe enviou beijos, como sempre fazia. A governanta então pegou a mão dele com um gesto em que Yvonne notou, surpresa, uma brusquidão inabitual. Debruçou-se mais um pouco e, de repente, assim que o menino alcançou a esquina do bulevar, viu um homem saltar de um automóvel e vir em sua direção. O homem — ela reconheceu Bernard, o criado de confiança de seu marido — pegou o menino pelo braço, fez com que entrasse no automóvel, assim como a governanta, e mandou o motorista arrancar.

A cena toda não tinha durado dez segundos.

Transtornada, Yvonne correu até o quarto, pegou um casaco e se dirigiu à porta.

Estava trancada, e não havia chave na fechadura.

Depressa, voltou para o boudoir.

A porta do boudoir também estava trancada.

Imediatamente lhe veio à mente a imagem do marido, o rosto sombrio nunca iluminado por um sorriso, o olhar impiedoso em que ela sentia, havia anos, tanto ódio e rancor.

— Foi ele! Foi ele! — concluiu. — Ele levou o menino. Ah, que

horror!

Bateu na porta a socos e pontapés, em seguida correu até a lareira e, alucinada, tocou a campainha.

O tímpano vibrou por todo o palacete. Os criados iam acorrer. Talvez juntasse gente lá fora. E ela apertava o botão sem parar, com uma esperança insana.

Um ruído de fechadura. A porta foi escancarada. O conde apareceu na soleira do boudoir. E era tão terrível a expressão no seu rosto que Yvonne se pôs a tremer.

Ele avançou em sua direção. Cinco ou seis passos os separavam. Num supremo esforço, ela tentou se mover, mas foi incapaz de esboçar um gesto, e, ao experimentar dizer alguma coisa, mal conseguiu mexer os lábios e balbuciar sons incoerentes. Sentiu que estava perdida. A ideia da morte a transtornou. Seus joelhos vergaram, e ela desabou com um gemido.

O conde se precipitou sobre ela e apertou sua garganta.

— Quieta... não grite — disse com voz surda. — Vai ser melhor para você.

Ao ver que ela não tentava se defender, relaxou a pressão dos dedos e puxou do bolso umas tiras de pano já cortadas em diferentes tamanhos. Em poucos minutos, a jovem senhora estava estendida num divã com os braços amarrados junto ao corpo.

A escuridão tomara conta do boudoir. O conde acendeu a luz elétrica e se dirigiu à pequena escrivaninha onde Yvonne costumava guardar suas cartas. Como não conseguia abri-la, arrombou-a com um gancho de metal, esvaziou as gavetas e empilhou todos os papéis numa caixa de papelão que levou consigo.

— Pura perda de tempo, não é? — escarneceu. — Apenas contas e cartas sem interesse. Nenhuma prova contra você. Não importa! De qualquer modo, vou ficar com meu filho, e juro por Deus que não vou largá-lo!

Estava saindo quando seu criado Bernard veio ter com ele perto da porta. Os dois conversaram em voz baixa, mas Yvonne escutou as seguintes palavras ditas pelo criado:

— Recebi a resposta do joalheiro. Diz que está à inteira disposição.

Ao que o conde respondeu:

— Foi adiado para amanhã ao meio-dia. Minha mãe telefonou há pouco dizendo que não poderá vir mais cedo.

Yvonne então ouviu o estalido da fechadura e o som dos passos descendo para o piso térreo, onde ficava o gabinete do marido.

Permaneceu um longo tempo inerte, com a mente em desatino, ideias vagas e velozes que a queimavam ao passar, feito chamas. Recordou o comportamento indigno do conde d'Origny, o modo humilhante como a tratava, suas ameaças, seus planos de divórcio, e, aos poucos, foi compreendendo que era vítima de uma autêntica conspiração, que os criados, instruídos pelo patrão, estariam de folga até amanhã à noite, que a governanta tinha levado seu filho por ordem do conde e com a cumplicidade de Bernard, que seu filho não ia voltar e ela nunca mais o veria!

— Meu filho! — gritou. — Meu filho!

Exasperada de dor, contraiu todos os seus nervos, todos os seus músculos, num esforço brutal. E ficou estupefata: sua mão direita ainda conservava alguma liberdade de movimento.

Tomada por uma louca esperança, deu então início, lenta, pacientemente, ao trabalho de se libertar.

Demorou. Levou muito tempo para afrouxar suficientemente o nó, e muito tempo, depois de soltar a mão, para desatar os laços que prendiam seus braços ao corpo, e aqueles, enfim, que tolhiam seus tornozelos.

Mas a lembrança de seu filho a sustentava e, quando o relógio bateu oito badaladas, caiu o último entrave. Estava livre!

Mal se levantou, correu a abrir a janela na intenção de chamar o primeiro transeunte que aparecesse. Um policial, justamente, passava na calçada em frente. Inclinou-se. Mas com o ar fresco da noite batendo no seu rosto, pensou, mais calma, no escândalo, na investigação, no inquérito, nos interrogatórios, no filho. Ah, meu Deus! O que fazer para recuperá-lo? Como fugir dali? Ao menor ruído o conde podia aparecer. E sabe-se lá se, num rompante de raiva...

Dos pés à cabeça ela tremia, tomada de um súbito pavor. Em sua mente aflita, o horror da morte se mesclava com a imagem do filho, e

ela balbuciou, com voz sufocada:

— Socorro! Socorro!

Parou de repente, e então repetiu baixinho, várias vezes: “Socorro! Socorro!”, como se essa palavra despertasse dentro dela uma ideia, uma reminiscência, e que a esperança de um socorro não lhe soasse algo tão impossível. Ficou alguns instantes absorta numa reflexão profunda, entrecortada de choro e tremores. E então, com gestos por assim dizer automáticos, estendeu o braço em direção a uma pequena estante de livros suspensa sobre a escrivaninha, apanhou sucessivamente quatro volumes, que folheou distraída e repôs no lugar, e por fim encontrou, entre as páginas do quinto, um cartão de visita em que seus olhos reconheceram estas duas palavras: *Horace Vermont*, e este endereço anotado a lápis: *Clube da rua Royale*.

Sua memória lhe trouxe então a estranha frase que esse homem lhe dissera alguns anos antes, naquele mesmo palacete, num dia de recepção:

“Se alguma vez se sentir em perigo, se precisar de ajuda, não hesite: jogue o cartão que estou pondo neste livro numa caixa do correio e, seja qual for a hora, sejam quais forem os obstáculos, eu virei.”

Com que ar estranho ele pronunciara aquela frase, e que impressão de segurança, firmeza, força infinita e invencível audácia ele transmitia!

De modo brusco, impensado, movida por um impulso irresistível do qual se negava a medir as consequências, Yvonne, com os mesmos gestos de autômato, pegou um envelope pneumático,* pôs dentro o cartão de visita, fechou-o, escreveu essas duas linhas: *Horace Vermont, Clube da rua Royale* e foi até a janela entreaberta. Lá fora, o policial deambulava. Ela jogou o envelope, confiando no acaso. Quem sabe alguém pegasse aquele pedaço de papel e, como carta extraviada, o pusesse no correio.

Nem bem cumprira esse gesto, percebeu quão absurdo ele era. Era loucura supor que a mensagem chegaria ao seu destino, e mais loucura ainda esperar que o homem que chamara viesse acudi-la, fosse a hora que fosse, fossem quais fossem os obstáculos.

Uma reação se deu, tão mais intensa quanto o esforço fora rápido e

brutal. Yvonne cambaleou, apoiou-se numa poltrona e, exausta, deixou-se cair sobre ela.

O tempo então passou, o tempo moroso das noites de inverno, quando apenas a passagem dos carros vem quebrar o silêncio da rua. O relógio soava, implacável. Em meio à sonolência que prostrava, Yvonne contava suas batidas. Também escutava alguns ruídos vindos dos diferentes andares da casa, e assim sabia que seu marido tinha jantado, subira até seu quarto ou tornara a descer para o gabinete. Tudo isso, porém, parecia muito vago, e seu abatimento era tanto que sequer lhe ocorreu ir se deitar no divã para o caso de ele aparecer.

Soam as doze badaladas da meia-noite, meia-noite e meia, uma hora... Yvonne não pensava em nada, aguardando os acontecimentos que estavam por vir, contra os quais qualquer rebelião era inútil. Pensava em si mesma e no filho como se imagina pessoas que já sofreram muito e agora já não sofrem, e se abraçam, cheias de afeto. Mas um pesadelo a sobressaltou. Alguém queria separar essas duas pessoas, e ela tinha, no seu delírio, a terrível sensação de estar chorando, gemendo...

Ergueu-se de um salto. Ouvira a chave girar na fechadura. Era o conde, alertado pelos seus gritos. Yvonne procurou com os olhos uma arma para se defender. Mas a porta se abriu, e, estupefata, como se a cena que se apresentava diante de seus olhos fosse um prodígio dos mais inexplicáveis, balbuciou:

— O senhor! O senhor!

Um homem vinha em sua direção, de casaca, capa e cartola debaixo do braço, e naquele homem jovem, de porte esbelto e elegante, ela reconheceu Horace Velmont.

— O senhor! — repetiu.

E ele, curvando-se:

— Peço-lhe desculpas, senhora. Sua carta só me foi entregue já tarde da noite.

— Será possível? Será possível que seja mesmo o senhor? Que tenha mesmo vindo?

Ele pareceu muito surpreso.

— E eu acaso não prometi que viria se me chamasse?

— Sim... mas...

— Pois aqui estou — disse, sorrindo.

Examinou as tiras de pano de que Yvonne conseguira se livrar, meneou a cabeça e prosseguiu sua inspeção.

— Então são esses os meios que ele emprega? O conde d'Origny, não é? Também reparei que ele a trancou aqui dentro. Mas, e o pneumático, como...? Ah! Por essa janela. Que imprudência deixá-la aberta!

E fechou-a no ato. Yvonne se assustou.

— E se alguém ouvir?

— Não há ninguém no palacete. Eu verifiquei.

— No entanto...

— Seu marido saiu há uns dez minutos.

— Aonde ele foi?

— À casa da mãe, a condessa d'Origny.

— Como sabe?

— É muito simples. Ele recebeu um telefonema avisando que a mãe estava indisposta. Como eu previa, uma vez que fui eu que telefonei, o conde saiu às pressas, com seu criado. Entrei logo em seguida, usando chaves especiais.

Contava isso com a maior naturalidade, como quem conta, num salão, uma anedota trivial. Yvonne, porém, perguntou, sentindo uma apreensão repentina:

— Então não é verdade? A mãe dele não está indisposta? Sendo assim, meu marido vai voltar...

— Sem dúvida. O conde vai descobrir que foi enganado, e daqui a uns quarenta e cinco minutos, no máximo...

— Vamos! Não quero que ele me encontre aqui. Vou atrás do meu filho.

— Espere...

— Esperar? Então não sabe que levaram meu filho? Que talvez o estejam maltratando?

Com o semblante contraído, os gestos nervosos, ela tentava empurrar Vermont. Com toda delicadeza ele a obrigou a sentar-se e, curvando-se sobre ela, numa atitude respeitosa, disse em tom muito

sério:

— Senhora, me escute, e não percamos mais tempo quando cada minuto é precioso. Antes de mais nada, lembre-se do seguinte: seis anos atrás, estivemos juntos em quatro ocasiões. E na quarta vez, nos salões deste palacete, como eu lhe falava com demasiada... como direi?, com demasiada emoção, a senhora me deu a entender que minhas visitas a incomodavam. Depois disso, não tornei a vê-la. Ainda assim, sua confiança em mim era tal que guardou o cartão que lhe entreguei dentro daquele livro e, seis anos depois, foi a mim que chamou, e a mais ninguém. É essa mesma confiança que lhe peço agora. Precisa me obedecer cegamente. Da mesma forma que atendi ao seu chamado apesar de todos os obstáculos, assim também vou salvá-la, seja qual for a circunstância.

A tranquilidade de Horace Velmont, sua voz imperiosa com entonações amistosas, foram aos poucos acalmando a jovem senhora. Ainda muito fraca, voltava a experimentar, na presença daquele homem, uma sensação de paz e segurança.

— Não se preocupe — prosseguiu ele. — A condessa d'Origny mora do outro lado do Bois de Vincennes. Mesmo supondo que seu marido encontre um carro, é impossível que ele volte antes das três e quinze. São duas e trinta e cinco. Prometo que às três em ponto vamos embora daqui e eu a levarei até seu filho. Mas não quero ir sem antes saber de tudo.

— O que devo fazer? — ela perguntou.

— Responder às minhas perguntas, e com bastante clareza. Temos vinte minutos. É suficiente. Não é muita coisa.

— Pode perguntar.

— Acredita que o conde tivesse intenções criminosas?

— Não.

— É então do seu filho que se trata?

— Sim.

— Ele levou o menino porque quer se divorciar, não é? E quer se casar com outra mulher, uma antiga amiga sua, que a senhora expulsou da sua casa? Ah! Por favor, eu lhe rogo, responda sem rodeios. Esses fatos são de conhecimento público, e sua hesitação e

escrúpulos devem cessar neste momento, uma vez que se trata do seu filho. Portanto, seu marido quer se casar com outra mulher?

— Sim.

— Essa mulher não tem dinheiro. Quanto ao seu marido, que está falido, conta apenas com a pensão que recebe da mãe, a condessa d'Origny, e com os rendimentos da vasta fortuna que seu filho herdou de dois tios seus. É nessa fortuna que seu marido está de olho, e seria mais fácil se apropriar dela se ficasse com a guarda do menino. E para isso só existe uma maneira: o divórcio. Estou errado?

— Não.

— O que o deteve até agora? Sua recusa?

— Sim, e a da minha sogra, cujas convicções religiosas se opõem ao divórcio. A condessa d'Origny só cederia caso...

— Caso?

— Caso se pudesse provar que tenho uma conduta indigna.

Velmont deu de ombros.

— Isso significa que ele não pode nada contra a senhora nem contra seu filho. Tanto do ponto de vista legal quanto dos seus próprios interesses, ela esbarra no mais intransponível dos obstáculos, que é a virtude de uma mulher honesta. Mas, mesmo assim, eis que de repente ele parte para a luta.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que se um homem como o conde, depois de tantas hesitações e apesar de tantas impossibilidades, resolve se aventurar numa batalha tão incerta, é porque ele tem, ou julga ter, algum trunfo na manga.

— Que trunfo?

— Isso eu não sei. Mas que há um trunfo, isso há... Ou ele não teria, para começar, levado seu filho.

Yvonne se desesperou.

— Isso é terrível. Sabe-se lá o que ele pode ter feito! O que pode ter inventado!

— Pense bem, procure se lembrar. Nessa escrivadinha que ele arrombou, por exemplo, havia alguma carta que pudesse ser usada contra a senhora?

— Não, nenhuma.

— E naquilo que ele disse, nas ameaças que fez, não havia nada que lhe desse alguma pista?

— Não, nada.

— No entanto... no entanto... — repetiu Vermont — ... deve haver alguma coisa.

E continuou:

— O conde não tem um amigo mais próximo, alguém a quem faça confidências?

— Não.

— Ele ontem não recebeu nenhuma visita?

— Não, nenhuma.

— Quando a amarrou e trancou no quarto, ele estava sozinho?

— Naquele momento, sim.

— E depois?

— Depois o criado dele apareceu junto da porta, pude ouvir que falavam num joalheiro...

— Só isso?

— E sobre alguma coisa que teria lugar no dia seguinte, ou seja, hoje, ao meio-dia, porque a condessa d'Origny não podia vir mais cedo.

Vermont refletiu.

— Essa conversa lhe traz alguma luz sobre os planos do seu marido?

— Não, não vejo...

— Onde estão suas joias?

— Meu marido as vendeu.

— Não lhe restou nenhuma?

— Nenhuma.

— Nem mesmo um anel?

— Não — disse ela, mostrando as mãos. — Só esta aliança.

— Que é a sua aliança de casamento?

— Que é a... minha aliança...

Ela se interrompeu, desconcertada. Vermont notou que enrubescia, e a ouviu balbuciar:

— Será possível? Não... claro que não. Ele não sabe...

Velmont imediatamente a encheu de perguntas, mas Yvonne se calava, imóvel, com o semblante aflito. Por fim respondeu, baixinho:

— Esta não é minha aliança de casamento. Um dia, já faz muito tempo, eu a deixei cair da lareira do meu quarto, onde a pusera momentos antes, e, por mais que procurasse, não consegui encontrá-la. Sem dizer nada a ninguém, mandei fazer outra, que é esta que está na minha mão.

— A aliança original trazia a data do seu casamento?

— Sim, 23 de outubro.

— E a outra?

— Esta não traz nenhuma data.

Sentiu nela uma leve hesitação, e um nervosismo que sequer tentava disfarçar.

— Por favor, não me esconda nada! — exclamou. — Veja o quanto avançamos em breves minutos, com um pouco de lógica e sangue-frio. Continuemos, pelo amor de Deus!

— Tem certeza de que é mesmo necessário? — ela perguntou.

— Tenho certeza de que qualquer detalhe é importante e que estamos bem perto do alvo. Mas temos que ser rápidos. A situação é grave.

— Não tenho nada a esconder — disse ela, erguendo a cabeça. — Foi no momento mais difícil e perigoso da minha vida. Humilhada dentro de casa, na sociedade eu era cercada de atenções, tentações, armadilhas, como toda mulher visivelmente negligenciada pelo marido. Então me lembrei... Antes de me casar, tinha sido amada por um homem, cujo amor eu intuía impossível, e que faleceu alguns anos depois. Mandei gravar o nome desse homem, e passei a usar essa aliança como se usa um talismã. Não havia amor em mim, posto que era esposa de outro. No segredo do meu coração, contudo, era uma lembrança, um sonho ferido, algo doce que me protegia...

Falava devagar, sem constrangimento, e Velmont não duvidou um segundo que estivesse dizendo a mais pura verdade. Como permanecesse calado, ela foi ficando ansiosa outra vez e perguntou:

— Acha que meu marido...?

Ele pegou sua mão e, examinando a aliança de ouro, comentou:

— É este o mistério. Seu marido, não sei como, está a par da substituição. A mãe dele virá aqui ao meio-dia. Ele vai obrigar a senhora a tirar o anel diante de testemunhas, e assim poderá obter tanto a aprovação da mãe quanto o divórcio, já que terá a prova que estava buscando.

— Estou perdida! — gemeu ela. — Estou perdida!

— Pelo contrário, está salva! Dê-me este anel. A aliança que ele verá logo mais será outra, uma que farei chegar às suas mãos antes do meio-dia, e trará a data de 23 de outubro.

Interrompeu-se de súbito. Enquanto falava, a mão de Yvonne gelara dentro da sua, e, erguendo os olhos, viu que estava pálida, terrivelmente pálida.

— O que houve? Pode dizer.

Ela teve um acesso de insano desespero.

— Houve... houve que estou perdida! Não consigo tirar esta aliança! Ficou muito apertada! Compreende? Não tinha importância, eu nem pensava no assunto. Mas hoje... essa prova, essa acusação... Ai, que tortura! Veja, ela já faz parte do meu dedo... Está incrustada, e eu não consigo... não consigo.

Em vão puxava com toda a força, correndo o risco de se machucar. Mas, enquanto o dedo inchava em volta da aliança, ela não se movia.

— Ah! — balbuciou, tomada por um pensamento que a aterrorizou. — Estou me lembrando de um pesadelo que tive outra noite. Alguém entrava no meu quarto, pegava minha mão. E eu não conseguia acordar... Era ele! Era ele! Tinha me dado algo para dormir, tenho certeza. E estava olhando para o anel. E logo mais vai arrancá-lo do meu dedo, na frente da mãe. Ah! Agora eu entendo... O joalheiro é quem vai cortar o anel direto da minha mão. Está vendo? Estou perdida!

Escondeu o rosto e começou a chorar. Nisso, em meio ao silêncio, o relógio tocou uma vez, e outra, e mais outra. E Yvonne se ergueu de um salto.

— Lá vem ele! — gritou. — Já está chegando! Está chegando. São três horas, vamos embora!

— A senhora não vai sair daqui.

— Meu filho... Quero ver meu filho, quero ir buscá-lo!

— Mas ao menos sabe onde ele está?

— Quero sair daqui!

— Não vai sair! Seria loucura.

Segurou-a pelos pulsos. Ela tentou se desvencilhar, e Belmont precisou empregar certa rudeza para vencer sua resistência. Por fim, conseguiu levá-la até o divã, deitá-la, e em seguida, sem dar atenção a suas queixas, pegou as tiras de pano e começou a amarrar seus braços e tornozelos.

— Sim, loucura — dizia. — Pois quem a teria libertado? Quem teria aberto esta porta? Um cúmplice? Que argumento contra a senhora, e como seu marido saberia usá-lo com a mãe dele! E depois, fugir para quê? Seria aceitar o divórcio, e sabe-se lá com que desfecho. A senhora precisa ficar aqui.

Ela soluçava.

— Estou com medo... com medo. Essa aliança está me queimando, quebre-a... Quebre-a! Leve-a daqui! Que nunca ninguém a encontre!

— Mas, se não estiver no seu dedo, quem a teria quebrado? Um cúmplice, de novo. Não. Precisa enfrentar a luta, e vai enfrentá-la bravamente, já que vou cuidar de tudo. Acredite em mim, vou cuidar de tudo. Nem que eu tenha que investir contra a condessa d'Origny de modo a atrasar essa reunião. Nem que eu tenha que vir aqui pessoalmente antes do meio-dia, a aliança que vão tirar do seu dedo será sua aliança de casamento. Juro! E não de lhe devolver seu filho.

Dominada, rendida, Yvonne se deixava prender sem resistência. Quando ele por fim se levantou, ela estava amarrada como antes.

Velmont examinou o cômodo, verificando se não restavam vestígios da sua presença. Depois se inclinou de novo sobre ela e murmurou:

— Pense no seu filho, e, o que quer que aconteça, não tenha medo. Estarei zelando pela senhora.

Ela o ouviu abrir e fechar atrás de si a porta do boudoir e, minutos depois, a porta da rua.

Às três e meia, chegou um automóvel. A porta lá embaixo bateu outra vez e, quase em seguida, Yvonne viu seu marido entrar rapidamente, com um ar furioso. Ele correu até ela, assegurou-se de

que ainda estava amarrada e, pegando sua mão, examinou o anel. Yvonne desmaiou.

Não sabia ao certo, ao despertar, quanto tempo tinha dormido. Mas a luz do dia entrava no boudoir, e ela constatou, ao primeiro movimento que fez, que as tiras de pano haviam sido cortadas. Então virou a cabeça e viu, a seu lado, o marido que a fitava.

— Meu filho... meu filho... — gemeu. — Quero meu filho!

Ele retrucou, com uma voz cheia de sarcasmo:

— Nosso filho está em um lugar seguro. E no momento não é dele que se trata, mas de você. É provavelmente a última vez que estamos diante um do outro, e vamos ter uma conversa muito séria. Devo alertá-la de que será na presença da minha mãe. Vê nisso algum inconveniente?

Esforçando-se para disfarçar o nervosismo, Yvonne respondeu:

— Não, nenhum.

— Posso ir buscá-la?

— Sim. Deixe-me a sós enquanto isso. Estarei pronta quando ela chegar.

— Minha mãe já está aqui.

— Sua mãe já está aqui? — exclamou Yvonne, transtornada, pensando na promessa de Horace Velmont.

— Sim.

— E é agora, neste instante... que você quer?

— Sim.

— Mas por quê? Por que não hoje à noite? Ou amanhã?

— Hoje, e agora — declarou o conde. — Aconteceu algo muito estranho esta noite, e que não sei explicar: alguém me fez ir até a casa da minha mãe, com o intuito evidente de me afastar daqui. Foi o que me levou a antecipar essa conversa. Não quer comer alguma coisa antes?

— Não... não...

— Então vou buscar minha mãe.

Dirigiu-se para o quarto de Yvonne. Ela olhou o relógio. Marcava dez e trinta e cinco!

— Ah! — exclamou, sentindo um arrepio de pavor.

Dez e trinta e cinco! Horace Vermont não viria salvá-la, e ninguém nem nada neste mundo fariam isso, pois não havia milagre capaz de fazer com que a aliança de ouro não estivesse no seu dedo.

O conde voltou com a condessa d'Origny e a convidou a sentar-se. Era uma mulher seca, angulosa, que sempre manifestara por Yvonne sentimentos hostis. Nem sequer cumprimentou a nora, mostrando assim já estar alinhada com a acusação.

— Creio que não precisamos nos estender muito — disse. — Em síntese, meu filho alega...

— Alego não, minha mãe — disse o conde. — Afirmo. Afirmo sob juramento que, faz três meses, durante as férias, o tapeceiro que estava reinstalando os tapetes deste boudoir e do quarto encontrou, numa fresta do assoalho, a aliança de casamento que eu dei à minha esposa. Aqui está ela. Com a data de 23 de outubro gravada do lado de dentro.

— Mas então — disse a condessa — essa aliança que sua esposa está usando...

— É outra que ela mandou fazer para substituir a original. Meu criado Bernard, instruído por mim e depois de uma longa busca, acabou localizando, nos arredores de Paris, onde ele reside atualmente, o pequeno joalheiro a quem ela havia encomendado o serviço. Esse homem recorda perfeitamente, e está disposto a testemunhar, que sua cliente lhe pediu para gravar não uma data, mas um nome. Do nome ele não se lembra, mas o aprendiz que trabalhava para ele talvez se lembrasse. Informado por carta de que eu precisava dos seus serviços, esse aprendiz respondeu ontem, pondo-se à minha disposição. Hoje, às nove da manhã, Bernard saiu para buscá-lo. Estão os dois aguardando no meu gabinete.

Virou-se para a mulher.

— Aceita me entregar essa aliança por sua livre e espontânea vontade?

Ela declarou:

— Sabe muito bem, desde aquela noite em que tentou tirá-la enquanto eu dormia, que não há jeito de essa aliança sair do meu dedo.

— Nesse caso, posso mandar esse homem subir? Ele trouxe as ferramentas adequadas.

— Sim — disse ela, com voz fraca.

Estava resignada. Numa espécie de visão, imaginava o futuro, o escândalo, o divórcio pronunciado contra ela, o menino entregue à guarda do pai por ordem judicial, e se conformava com tudo pensando que ia raptar seu filho, fugir com ele para o outro lado do mundo e que viveriam os dois, sozinhos, felizes...

Sua sogra lhe disse:

— Você foi muito insensata, Yvonne.

Yvonne esteve a ponto de se abrir com ela e pedir sua proteção. Mas de que adiantaria? Como esperar que a condessa d'Origny fosse acreditar na sua inocência? Não disse nada.

O conde voltou em seguida, na companhia do seu criado e de um homem com um estojo de ferramentas debaixo do braço.

E o conde perguntou ao homem:

— Já sabe do que se trata?

— Sei, sim — disse o aprendiz. — É para cortar um anel que ficou apertado. É fácil, é só pegar a pinça...

— E depois — disse o conde — verifique se a inscrição no interior do anel foi mesmo gravada pelo senhor.

Yvonne consultou o relógio. Eram dez para as onze. Teve a impressão de ouvir um som de vozes discutindo em algum lugar do palacete e sentiu, sem querer, um sobressalto de esperança. Quem sabe Vermont tinha conseguido... Mas o som se repetiu, e percebeu que eram vendedores ambulantes passando lá fora, já se afastando.

Era o fim. Horace Vermont não conseguira socorrê-la. Compreendeu então que para recuperar o filho teria de contar com suas próprias forças, porque são vãs as promessas dos outros.

Fez um gesto de recuo. É que vira, sobre sua mão, a mão suja do joalheiro, e aquele contato odioso lhe dava asco.

O homem se desculpou, sem jeito. O conde disse à mulher:

— Tem que se conformar, é preciso.

Ela então estendeu a mão frágil e trêmula, que o joalheiro segurou de novo, virou e apoiou sobre a mesa com a palma para cima. Yvonne

sentiu o frio do metal. Quis morrer, de repente, e, apegando-se a essa ideia de morte, pensou nos venenos que compraria e a fariam dormir quase sem perceber.

A operação foi rápida. Empurrando obliquamente a carne do dedo, a pequena tenaz de aço abriu espaço, pinçou o anel. Uma forte pressão... e o anel se partiu. Só restava apartar as duas pontas para tirá-lo do dedo. Foi o que fez o joalheiro.

O conde exclamou, triunfante:

— Vamos finalmente saber. Está aí a prova! E somos todos testemunhas...

Agarrou a aliança e olhou a inscrição. Soltou um grito de espanto. A aliança trazia a data do seu casamento com Yvonne: 23 de outubro.

ESTÁVAMOS SENTADOS na esplanada de Monte Carlo. Ao terminar seu relato, Lupin acendeu um cigarro e lançou tranquilamente algumas baforadas para o céu azul.

Perguntei:

— E aí?

— E aí o quê?

— Como assim, o quê? E o fim da história?

— O fim da história? É esse mesmo, ora, não há outro.

— Você está brincando!

— De modo algum. Esse final não lhe basta? A condessa foi salva. O marido, sem nenhuma prova contra ela, foi obrigado pela mãe a desistir do divórcio e a devolver o menino. Só isso. Tempos depois ele deixou a mulher, e ela hoje vive feliz com o filho, um rapaz de dezesseis anos.

— Certo, certo. Mas como a condessa foi salva?

Lupin caiu na risada.

— Meu caro amigo...

(Lupin às vezes se digna me chamar assim.)

— Meu caro amigo, você pode até ter certa habilidade para contar minhas façanhas, mas caramba! Quer tudo com todos os pingos nos is. Posso lhe afirmar que a condessa não precisou de explicações.

— Pois ponha os pingos nos is — respondi, rindo. — Não tenho

mesmo nenhum amor-próprio.

Ele pegou uma moeda de cinco francos e fechou a mão sobre ela.

— O que há nessa mão?

— Uma moeda de cinco francos.

Ele abriu a mão. A moeda de cinco francos não estava lá.

— Viu como é fácil? Um joalheiro corta com uma tenaz um anel que tem um nome gravado, mas o anel que ele mostra é outro, cuja inscrição é a data de 23 de outubro. Um simples truque de mágica, um dos muitos que guardo na cartola. Ora essa! Trabalhei seis meses com Pickmann.

— Isso quer dizer que...

— Vamos, diga lá!

— O joalheiro?

— Era Horace Velmont! Era esse bravo Lupin! Ao sair da casa da condessa, às três da manhã, aproveitei os poucos minutos que me restavam antes da chegada do marido para dar uma olhada no gabinete dele. Encontrei sobre a mesa a carta do joalheiro. Essa carta me forneceu o endereço. Em troca de alguns luíses assumi o lugar do joalheiro, e levei comigo um anel de ouro já cortado e gravado. E abracadabra! O conde nem desconfiou.

— Perfeito — exclamei.

E acrescentei, um tanto irônico, por minha vez:

— Mas não acha que você mesmo foi um pouco enganado nesse caso?

— É mesmo? E por quem?

— Pela condessa.

— Em que sentido?

— Ora! O nome gravado como um talismã, o tal homem misterioso que a amou e sofreu por ela... Isso tudo me soa um bocado inverossímil, e me pergunto se, por mais Lupin que você seja, não acabou caindo numa linda história de amor bem real, e nem tão inocente.

Lupin me olhou atravessado.

— Não — disse ele.

— Como sabe?

— Embora a condessa tenha falseado a verdade quando disse que conhecera aquele homem antes de se casar e que ele já falecera, e embora o tenha amado no segredo do seu coração, tenho ao menos a prova de que foi um amor platônico, e que ele jamais desconfiou.

— Que prova é essa?

— Está gravada no anel que eu mesmo quebrei no dedo da condessa, e estou usando no meu. Aqui está. Pode ler o nome que ela mandou gravar.

Ele me deu o anel. E eu li: *Horace Velmont*.

Houve um instante de silêncio entre nós e, observando Lupin, notei no seu semblante uma certa emoção, um quê de melancolia.

Continuei:

— Por que resolveu me contar agora essa história a que tantas vezes aludiu só de modo vago?

— Por quê?

Ele indicou com um gesto uma mulher, ainda muito bonita, que passava diante de nós de braços dados com um jovem.

Ela avistou Lupin e o cumprimentou.

— É ela — murmurou. — É ela, com o filho.

— Ela o reconheceu?

— Ela sempre me reconhece, seja qual for meu disfarce.

— Mas, depois do assalto ao castelo de Thibermesnil, a polícia estabeleceu a relação entre Horace Velmont e Lupin.

— Sim.

— De modo que ela sabe quem você é?

— Sim.

— E mesmo assim o cumprimenta? — exclamei sem querer.

Ele agarrou meu braço e disse, com rispidez:

— Então você acha que para ela eu sou Lupin? Acha que aos seus olhos eu sou um ladrão, um escroque, um patife? Pois saiba que eu podia ser o último dos miseráveis, podia ter matado, inclusive, e ainda assim ela me cumprimentaria.

— Por quê? Porque um dia o amou?

— Claro que não! Pelo contrário, seria mais um motivo para me desprezar.

— Então por quê?

— *Porque eu sou o homem que lhe devolveu seu filho!*

* Envelope pré-selado para uso do Correio pneumático, um sistema de correio expresso que vigorou em Paris entre 1868 e 1984. Formado por uma complexa rede de tubos de ar pressurizado e contando com caixas de coleta espalhadas em diferentes pontos da cidade, permitia que uma correspondência levasse até menos de uma hora para chegar ao destinatário. (N. T.)

3. O SINAL DA SOMBRA

— RECEBI SEU TELEGRAMA — disse, entrando na minha casa, um senhor de bigodes grisalhos, vestindo uma sobrecasaca marrom e um chapéu de abas largas. — E cá estou. O que houve?

Se eu não estivesse aguardando Arsène Lupin, decerto não o teria reconhecido sob aquela aparência de velho militar aposentado.

— O que houve? — respondi. — Ah, nada de mais, uma coincidência um tanto insólita, só isso. E como você gosta de desvendar casos misteriosos, tanto quanto gosta de arquitetar-los...

— Do que se trata?

— Quanta pressa!

— Muita, se o caso em questão não valer a pena. Portanto, vamos direto ao ponto.

— Vamos lá, direto ao ponto! Para começar, queira dar uma olhada nesse quadrinho que descobri semanas atrás numa loja poeirenta da *rive gauche*, e só comprei pela moldura império, com palmeta dupla, porque a pintura em si é abominável.

— Abominável, de fato — disse Lupin, depois de um instante. — Embora o tema até tenha um certo encanto. O pátio antigo, a rotunda com colunata grega, o relógio de sol, o tanque, o poço em ruínas com telhado renascentista, os degraus e o banco de pedra, é tudo muito pitoresco.

— E autêntico — acrescentei. — A tela, independentemente de ser boa ou ruim, nunca foi tirada da moldura império. Aqui tem a data, aliás. Veja esses números vermelhos, embaixo, à esquerda, 15-4-2, que obviamente significam 15 de abril de 1802.

— De fato, de fato. Mas você mencionou uma coincidência, e até agora não a vejo.

Fui pegar uma luneta num canto da sala, assentei-a no tripé e apontei para a janela aberta de um quartinho situado em frente ao

meu apartamento, do outro lado da rua. E pedi a Lupin que desse uma olhada.

Ele se inclinou. O sol, oblíquo àquela hora, iluminava o quarto em que se viam móveis de mogno bastante simples, uma cama grande de criança com cortinado de cretone.

— Ah! — exclamou Lupin, de repente. — Um quadro igual a esse seu!

— Igualzinho! — afirmei. — E a data, está vendo a data, em vermelho? 15-4-2.

— Sim, estou vendo. E quem vive naquele quarto?

— Uma senhora. Ou, melhor dizendo, uma trabalhadora, uma vez que precisa trabalhar para se sustentar. Faz serviços de costura que mal pagam a comida, dela e da filha.

— Como se chama?

— Louise d'Ernemont. Ao que pude apurar, é bisneta de um antigo coletor-chefe de impostos que foi guilhotinado durante o Terror.

— No mesmo dia que André Chénier — completou Lupin. — Segundo os registros da época, esse D'Ernemont era muito rico.

Ele ergueu a cabeça e me perguntou:

— É uma história interessante. Por que esperou para me contar?

— Porque hoje é 15 de abril.

— E daí?

— E daí que eu soube ontem, pela tagarelice da zeladora, que 15 de abril é uma data importante na vida de Louise d'Ernemont.

— Não me diga!

— Contrariando sua rotina, ela, que trabalha dia após dia, que mantém em ordem os dois cômodos que compõem seu apartamento, que prepara o almoço da filha para quando ela volta da escola, no dia 15 de abril ela sai com a menina por volta das dez horas e só regressa ao anoitecer. E isso há muitos anos, faça chuva ou faça sol. Admita que é curioso eu deparar com essa data num quadro antigo similar, e essa mesma data também pautar o passeio anual da bisneta de D'Ernemont.

— Tem razão, é curioso — disse Lupin, devagar. — E sabe-se aonde ela vai?

— Não. Ela nunca contou para ninguém. Até porque não é de muita conversa.

— Você tem certeza dessas informações?

— Absoluta. E veja, aí está a prova de que são corretas.

Uma porta se abriu no apartamento em frente, dando passagem a uma menina de uns sete, oito anos, que veio para junto da janela. Atrás dela apareceu uma senhora, alta, ainda bonita, com um ar doce e melancólico. Estavam ambas arrumadas, vestindo roupas simples, mas que denotavam certo cuidado com a elegância por parte da mãe.

— Está vendo? — sussurrei. — Elas vão sair.

E, de fato, momentos depois a mãe pegou a menina pela mão e saíram as duas do quarto.

Lupin apanhou o chapéu.

— Vamos?

Minha curiosidade era grande demais para eu fazer qualquer objeção. Desci com ele.

Ao chegar à rua, vimos minha vizinha entrando numa padaria. Comprou dois pãezinhos e os guardou numa cesta pequena levada pela filha e que parecia já conter alguns mantimentos. Elas então seguiram em direção aos bulevares exteriores, que percorreram até a praça de l'Étoile. A avenida Kléber as levou até a entrada do bairro de Passy.

Lupin caminhava em silêncio, com uma preocupação visível que eu me alegrava de ter provocado. Uma frase aqui, outra ali, me indicavam o rumo de suas reflexões, e eu podia constatar que o enigma permanecia tão íntegro para ele quanto para mim.

Louise d'Ernemont, entretanto, quebrara à esquerda pela rua Raynouard, uma velha e pacata via onde um dia moraram Franklin e Balzac e que, com suas casas antigas e discretos jardins, dá uma impressão de cidadezinha do interior. Situada no alto de uma colina, dela descem várias vielas em direção ao Sena, que corre lá embaixo.

Foi por uma dessas vielas, estreita, tortuosa, deserta, que enveredou minha vizinha. Havia primeiro, à direita, um prédio cuja fachada dava para a rua Raynouard, e, na sequência, um muro decrépito, de uma altura pouco comum, amparado por contrafortes, erigido de cacos de

garrafas.

Lá pela metade desse muro, Louise d'Ernemont parou na frente de uma porta baixa, em forma de arco, e a abriu com uma chave que nos pareceu imensa. Mãe e filha entraram.

— Uma coisa é certa — disse-me Lupin —, ela não tem nada a esconder. Em nenhum momento se virou para trás.

Mal terminara sua frase e um som de passos ressoou atrás de nós. Eram dois velhos mendigos, um homem e uma mulher andrajosos, sujos, imundos, vestindo farrapos. Passaram sem reparar na nossa presença. O homem tirou da sacola uma chave similar à da minha vizinha e a enfiou na fechadura. A porta se fechou atrás deles.

Logo em seguida, ouvimos o barulho de um automóvel parando no final da viela. Lupin me puxou até um vão, uns cinquenta metros adiante, onde pudemos nos esconder. E dali vimos descer, com um cachorrinho no braço, uma mulher jovem, muito elegante, enfeitada de joias, com olhos negros demais, lábios vermelhos demais e cabelos louros demais. Diante da porta, a mesma manobra, a mesma chave. A moça do cachorrinho desapareceu atrás dela.

— Isso está ficando divertido — disse Lupin com uma risada. — Que relação poderá haver entre essas pessoas?

Ainda surgiram, sucessivamente, duas senhoras de idade, magras, de aspecto um tanto miserável, que pareciam ser irmãs; um lacaio; um soldado de infantaria; um senhor gordo de fraque encardido e remendado; uma família operária de seis membros, todos pálidos, doentios, com jeito de quem não come o suficiente. E cada um dos recém-chegados trazia uma cesta ou sacola com mantimentos.

— É um piquenique — exclamei.

— Cada vez mais surpreendente — comentou Lupin —, e não vou sossegar enquanto não descobrir o que se passa atrás desse muro.

Um muro que não havia como escalar. Observamos, além disso, que numa ponta e na outra da viela ele terminava em dois prédios que não tinham nenhuma janela para o terreno.

Tentávamos, em vão, pensar num estratégia quando a portinha se abriu de repente, dando passagem a um dos filhos do operário.

O garoto correu pela viela em direção à rua Raynouard. Voltou

minutos depois com duas garrafas de água, que largou no chão para pegar a pesada chave no bolso.

Lupin, que nesse meio-tempo se afastara, agora caminhava ao longo do muro a passos lentos, como alguém perambulando à toa. Quando o menino, ao entrar, empurrou a porta atrás de si, ele deu um salto e cravou a ponta do canivete no miolo da fechadura, bloqueando a lingueta. Bastou um leve impulso para a porta se entreabrir.

— Pronto — disse Lupin.

Enfiou com cautela a cabeça pela fresta, e então, para minha grande surpresa, simplesmente entrou. Ao seguir seu exemplo, porém, verifiquei que, dez metros atrás do muro, um amontoado de loureiros formava uma espécie de cortina que nos permitia avançar sem ser vistos.

Lupin se postou no meio dos loureiros. Aproximei-me e, como ele, afastei os galhos de um arbusto. A cena que então se apresentou aos meus olhos era tão inesperada que não pude conter uma exclamação, enquanto Lupin, por seu lado, praguejava entre dentes:

— Pelos céus! Essa é muito boa!

Tínhamos à nossa frente, no espaço compreendido entre os dois prédios sem janelas, o mesmo cenário representado no velho quadro que eu comprara no antiquário!

O mesmo cenário! Ao fundo, junto a um segundo muro, a mesma rotunda grega com a mesma colunata leve. No centro, os mesmos bancos de pedra encimavam um círculo de quatro degraus que desciam para um tanque com ladrilhos manchados. À esquerda, o mesmo poço ostentava seu telhado de ferro trabalhado, e, logo ao lado, o mesmo relógio de sol exibia seu mostrador de mármore e a flecha do seu pino.

O mesmo cenário! E o que ainda aumentava a estranheza da cena toda, para Lupin e para mim, era aquela data, 15 de abril, que não nos saía da cabeça, e a ideia de que estávamos justamente em 15 de abril, e que de dezesseis a dezoito pessoas, tão diferentes em idade, em modos e em condição social, tinham escolhido este dia para se reunir naquele recanto perdido de Paris.

Todas elas, nesse instante em que as vimos, sentadas em diferentes

grupos espalhados pelos bancos e degraus, estavam comendo. Não longe da minha vizinha e sua filha, a família operária confraternizava com o casal de mendigos, enquanto o lacaio, o senhor de fraque encardido, o soldado de infantaria e as duas irmãs magras compartilhavam fatias de presunto, sardinhas em lata e queijos gruyère.

Era uma e meia. O mendigo pegou seu cachimbo, o senhor gordo fez o mesmo. Os homens se puseram a fumar perto da rotunda, e as mulheres foram se juntar a eles. Todas aquelas pessoas, aliás, pareciam se conhecer bem.

Estavam a uma certa distância de nós, de modo que não era possível ouvir o que diziam. Vimos, no entanto, que a conversa estava ficando animada. A moça do cachorrinho, principalmente, agora no centro das atenções, discursava e fazia gestos largos que provocavam furiosos latidos do animal.

De repente, ouviu-se uma exclamação, e logo em seguida gritos de raiva, e todos, homens e mulheres, correram desordenadamente em direção ao poço.

Um dos meninos do operário emergia lá de dentro naquele exato momento, preso pelo cinto a um gancho na extremidade da corda, puxado para cima pelos outros três, que giravam a manivela.

Mais ágil, o soldado se atirou em cima dele, que foi imediatamente agarrado pelo lacaio e pelo senhor gordo, enquanto os mendigos e as irmãs magras se engalfinhavam com o casal operário.

Em poucos segundos, o menino estava só de camisa. De posse das roupas, o lacaio fugiu, perseguido pelo soldado, que arrancou suas calças, as quais foram tiradas do soldado por uma das irmãs magras.

— Eles enlouqueceram! — murmurei, totalmente atônito.

— Que nada! — disse Lupin.

— Como assim? Você está entendendo alguma coisa?

Por fim, Louise d'Ernemont, que depois da disputa assumira o papel de conciliadora, conseguiu acalmar o tumulto. Todos tornaram a sentar-se, mas se deu uma reação naquelas pessoas exasperadas, e elas se quedaram imóveis e taciturnas, como que exaustas de cansaço.

E o tempo foi passando. Já impaciente e sentindo a fome apertar, fui

até a rua Raynouard buscar algum alimento, que comemos enquanto observávamos os atores da peça incompreensível que se encenava diante de nós. Cada minuto que passava parecia oprimi-los com uma crescente tristeza, e eles assumiam poses desanimadas, curvavam mais e mais as costas e se absorviam em seus pensamentos.

— Será que vão dormir aí? — perguntei, entediado.

Por volta das cinco horas, porém, o senhor gordo de fraque encardido pegou o relógio. Os outros o imitaram, e todos, de relógio na mão, pareceram aguardar ansiosos um evento que devia ser para eles de suma importância. Esse evento, porém, não aconteceu, já que passados uns quinze, vinte minutos o senhor gordo fez um gesto de desespero, levantou-se e enfiou o chapéu na cabeça.

Então começaram as lamentações. As duas irmãs magras e a mulher do operário caíram de joelhos e fizeram o sinal da cruz. A moça do cachorrinho e a mendiga se abraçaram soluçando, e flagramos Louise d'Ernemont estreitando tristemente a filha junto ao peito.

— Vamos embora — disse Lupin.

— Acha que terminou a sessão?

— Sim, e é hora de nos mandarmos.

SAÍMOS SEM NENHUM PROBLEMA. Chegando à esquina da rua Raynouard, Lupin pegou a esquerda e, deixando-me do lado de fora, entrou no primeiro prédio, o que dava para o jardim.

Voltou depois de conversar alguns instantes com o zelador, e paramos um automóvel.

— Rua de Turin, 34 — disse ao motorista.

No número 34 dessa rua, o térreo era ocupado por um tabelionato e, quase de imediato, fomos introduzidos na sala do dr. Valandier, um homem de certa idade, afável e sorridente.

Lupin se apresentou como sendo o capitão aposentado Janniot. Queria construir uma casa segundo seu gosto, e alguém lhe falara num terreno situado junto à rua Raynouard.

— Mas este terreno não está à venda! — exclamou o dr. Valandier.

— É mesmo? Alguém me disse...

— Não, nada disso!

O tabelião se levantou e pegou, num armário, um objeto que nos mostrou. Fiquei perplexo. Era um quadro idêntico ao que eu tinha comprado, idêntico ao que havia na casa de Louise d'Ernemont.

— É o terreno representado nesta tela, o D'Ernemont, como é chamado?

— Precisamente.

— Pois bem — prosseguiu o tabelião —, este lugar fazia parte de um vasto jardim pertencente ao coletor de impostos D'Ernemont, que foi executado durante o Terror. Os herdeiros foram vendendo, aos poucos, tudo que podia ser vendido. Mas esta última parte permanece sem divisão, e assim há de permanecer, a menos que...

O tabelião começou a rir.

— A menos quê? — indagou Lupin.

— Ah, é uma longa história, bastante curiosa, aliás. Eu às vezes me entretenho relendo seu volumoso dossiê.

— Seria indiscreto?

— Não, de modo algum! — afirmou o dr. Valandier, que, pelo contrário, parecia encantado com a ideia de contar o caso.

E, sem se fazer de rogado, começou.

— Logo no início da Revolução, Louis-Agrippa d'Ernemont, a pretexto de estar de mudança para Genebra, onde viviam sua esposa e sua filha Pauline, fechou seu palacete no *faubourg* Saint-Germain, dispensou os empregados e se instalou, com seu filho Charles, numa casinha que possuía em Passy, onde ninguém o conhecia exceto uma velha e leal criada. Ali permaneceu escondido durante três anos, e já ousava esperar que nunca iriam descobrir seu refúgio quando um dia, enquanto fazia sua sesta depois do almoço, a velha criada se precipitou no seu quarto. Tinha avistado, no final da rua, uma patrulha de homens armados que pareciam vir em direção à casa. Louis d'Ernemont se vestiu rapidamente e, no mesmo momento em que os homens bateram à entrada da casa, escapuliu pela porta que dava para o jardim, gritando para seu filho com voz abafada: “Segure-os, só cinco minutos”. Estaria pensando em fugir e deu com as saídas do jardim vigiadas? O fato é que voltou sete, oito minutos depois, respondeu com muita tranquilidade às perguntas e não esboçou

qualquer resistência em acompanhar os homens. Seu filho Charles, embora tivesse apenas dezoito anos, também foi levado.

— Isso foi em que ano? — perguntou Lupin.

— Em 26 de germinal do ano II,* isto é, em...

O dr. Valandier se interrompeu, com os olhos voltados para o calendário pendurado na parede, e exclamou:

— Ora, é hoje! Hoje é justamente dia 15 de abril, aniversário da prisão do coletor de impostos.

— Curiosa coincidência — disse Lupin. — E, considerando-se a época, essa prisão deve ter tido graves desdobramentos?

— Sim, gravíssimos! — disse o tabelião, rindo. — Três meses depois, no início de termidor, D'Ernemont subia ao cadafalso. Seu filho Charles foi deixado mofando na prisão, e seus bens foram confiscados.

— E esses bens eram vultosos, não? — observou Lupin.

— Pois aí é que está! Nesse ponto é que as coisas se complicam. Esses bens, que de fato eram vultosos, nunca foram encontrados. Verificou-se que o palacete do *faubourg* Saint-Germain tinha sido vendido para um inglês antes da Revolução, bem como todos os castelos e terras do interior, e também todas as joias, valores e coleções do coletor. Tanto a Convenção quanto, mais tarde, o Diretório ordenaram investigações minuciosas que não resultaram em nada.

— Restava pelo menos a casa de Passy — disse Lupin.

— A casa de Passy foi comprada por uma ninharia pelo próprio delegado da Comuna que tinha articulado a prisão de D'Ernemont: o cidadão Broquet. Ele se encerrou lá dentro, trancafiou as portas, fortificou os muros, e quando Charles d'Ernemont, enfim libertado, apareceu por lá, recebeu-o com tiros de espingarda. Charles moveu processos, perdeu, ofereceu altas quantias. O cidadão Broquet se manteve irredutível. Tinha comprado a casa, ficou com ela, e com ela teria ficado até morrer, não fosse Charles ter obtido o apoio de Bonaparte. Em 12 de fevereiro de 1803, o cidadão Broquet desocupou o local. Mas a alegria de Charles foi tanta, e seu cérebro havia sido decerto tão afetado por tantas provações que, ao pisar na soleira da

casa enfim recuperada, e antes mesmo de abrir a porta, desatou a cantar e a dançar. Estava louco!

— Caramba! — murmurou Lupin. — E o que aconteceu com ele?

— Sua mãe e sua irmã Pauline (que acabara se casando em Genebra com um primo) tinham ambas falecido. A velha criada foi quem cuidou dele, e ficaram os dois morando na casa de Passy. Anos se passaram sem nenhum incidente digno de nota, até uma súbita reviravolta em 1812. No seu leito de morte, perante duas testemunhas que mandara chamar, a velha criada fez estranhas revelações. Declarou que, no início da Revolução, D'Ernemont trouxera para a casa de Passy sacolas repletas de ouro e prata, e que essas sacolas tinham sumido poucos dias antes de ele ser preso. Segundo informações confidenciais anteriormente por Charles d'Ernemont, que as obtivera do pai, esse tesouro estava escondido no jardim, entre a rotunda, o relógio de sol e o poço. Como prova, ela mostrou três quadros, ou melhor, três telas, pois não estavam emolduradas, que o coletor havia pintado no cativeiro e conseguira fazer chegar às suas mãos, com ordem de entregá-las a sua esposa, seu filho e sua filha. Tentados pelas riquezas, Charles e a velha empregada guardaram silêncio sobre o assunto. Depois vieram os processos, a batalha para reaver a casa, a demência de Charles, as buscas particulares e infrutíferas da criada, e o tesouro continuava lá.

— E ainda continua — disse Lupin, rindo.

— E continua até hoje — exclamou o dr. Valandier —, a menos... a menos que o cidadão Broquet, que decerto desconfiava de alguma coisa, tenha conseguido encontrá-lo. Uma hipótese pouco provável, já que o cidadão Broquet morreu na miséria.

— E então?

— E então vieram as buscas. Os filhos de Pauline, a irmã, acorreram de Genebra. Descobriu-se que Charles se casara clandestinamente e tinha filhos. Esses herdeiros todos puseram as mãos à obra.

— E Charles?

— Charles vivia na mais completa reclusão. Não saía do quarto.

— Nunca?

— Bem, esse é o ponto mais insólito e surpreendente da história.

Uma vez ao ano, movido por uma espécie de impulso inconsciente, Charles d'Ernemont descia do quarto, percorria o mesmíssimo caminho um dia percorrido pelo pai, atravessava o jardim e ia sentar-se ora nos degraus dessa rotunda, que vocês podem ver na pintura, ora na borda do poço. Às cinco horas e vinte e sete minutos, levantava e voltava para seu quarto. Até sua morte, sobrevinda em 1820, não deixou uma só vez de cumprir essa incompreensível peregrinação. Ocorre que essa data era 15 de abril, dia do aniversário da prisão.

O dr. Valandier já não sorria, ele próprio perturbado com a história desconcertante que nos contava.

Após um instante de reflexão, Lupin perguntou:

— E depois da morte de Charles?

— Desde essa época — prosseguiu o tabelião com certa solenidade —, lá se vão quase cem anos, os herdeiros de Charles e Pauline d'Ernemont têm perpetuado a peregrinação de 15 de abril. Nos primeiros anos, vasculharam tudo à exaustão. Não houve centímetro do jardim que não examinassem, não houve torrão de terra que não revolvessem. Isso hoje acabou. Dão, quando muito, uma olhada meio à toa. Vez ou outra erguem uma pedra ou dão uma explorada no poço. Não, eles agora sentam nos degraus da rotunda como fazia o pobre demente e, como ele, esperam. E, veja bem, é isso que é triste no destino deles. Nesses cem anos, todos os sucessivos herdeiros, todos, de pai para filho, foram perdendo, como direi?, a energia vital. Já não têm coragem nem iniciativa. Apenas esperam, esperam 15 de abril, e quando chega 15 de abril esperam que um milagre aconteça. Deixaram-se todos vencer pela miséria. Meus antecessores e eu fomos vendendo aos poucos, primeiro a casa, para construir outra de melhor rendimento, depois alguns lotes do jardim, e mais outros. Mas esse pedaço, eles preferem morrer a aliená-lo. Nesse ponto estão todos de acordo, desde Louise d'Ernemont, herdeira direta de Pauline, até os mendigos, os operários, o laçao, a bailarina de circo etc. que representam o pobre Charles.

Houve mais um silêncio, e Lupin retomou:

— Qual é sua opinião, dr. Valandier?

— Minha opinião é que não há tesouro nenhum. Que crédito

atribuir às declarações de uma velha empregada debilitada pela idade? Que importância atribuir aos devaneios de um louco? E, além disso, não acha que se D'Ernemont tivesse convertido sua fortuna ela já não teria sido encontrada? Num espaço restrito como aquele, pode-se esconder um documento, uma joia, não um tesouro.

— Os quadros, porém...

— Sim, claro, os quadros. Mas será que são uma prova suficiente?

Lupin se debruçou sobre aquele que o tabelião pegara no armário e, depois de examiná-lo por um longo tempo, disse:

— O senhor mencionou três quadros?

— Sim. Um deles, este aqui, foi entregue ao meu antecessor pelos herdeiros de Charles. O outro pertence a Louise d'Ernemont. Quanto ao terceiro, ninguém sabe que fim levou.

Lupin olhou para mim e continuou:

— E todos os três traziam a mesma data?

— Sim, inscrita por Charles d'Ernemont quando mandou emoldurá-los, pouco antes de morrer. A mesma data, 15-4-2, ou seja, 15 de abril do ano II, segundo o calendário revolucionário, já que a prisão se deu em abril de 1794.

— Ah, sim, perfeito — disse Lupin. — O número 2 significa...

Permaneceu pensativo por alguns instantes, e então retomou:

— Só mais uma pergunta, se me permite. Nunca ninguém se ofereceu para solucionar esse problema?

O dr. Valandier ergueu os braços num gesto de desespero.

— Nem me fale! — exclamou. — Isso foi uma praga para o tabelionato. Entre 1820 e 1843 o dr. Turbon, um de meus antecessores, chegou a se deslocar dezoito vezes para Passy, convocado pelos herdeiros, a quem impostores, cartomantes, iluminados de todo tipo prometiam descobrir o tesouro do coletor de impostos. Por fim, instituiu-se uma regra: toda pessoa de fora que quisesse empreender uma busca teria que depositar previamente uma quantia em caução.

— Que quantia?

— Cinco mil francos. Em caso de sucesso, um terço do tesouro reverte para esse indivíduo. Em caso de fracasso, o depósito fica com

os herdeiros. Assim posso ter sossego.

— Aqui estão os cinco mil francos.

O tabelião deu um pulo.

— Quê! O que disse?

— Eu disse — repetiu Lupin, tirando cinco cédulas do bolso e depositando uma por uma sobre a mesa com a maior tranquilidade — que aqui tem a caução de cinco mil francos. Queira, por obséquio, me passar um recibo e convocar todos os herdeiros D'Ernemont para o dia 15 de abril do ano que vem, em Passy.

O tabelião não conseguia acreditar. Eu mesmo me espantei, embora Lupin já tivesse me habituado a cenas de efeito daquele tipo.

— O senhor fala sério? — indagou o dr. Valandier.

— Absolutamente sério.

— E isso porque não lhe escondi minha opinião. Essas histórias todas são bastante duvidosas, e não há prova nenhuma que as sustente.

— Penso diferente — declarou Lupin.

O tabelião o encarou como se encara um homem não muito bom do juízo. Por fim, decidindo-se, pegou a pena e redigiu, em papel timbrado, um contrato mencionando o depósito do capitão aposentado Janniot e garantindo-lhe um terço dos montantes que viesse a descobrir.

— Caso mude de ideia — acrescentou —, peço que me avise com uma semana de antecedência. Só vou informar à família D'Ernemont no último momento, para não deixar essa pobre gente numa expectativa muito longa.

— Pode informá-los hoje mesmo, dr. Valandier. Assim passarão melhor o ano.

Despedimo-nos. Quando chegamos lá fora, exclamei:

— Então já sabe de alguma coisa?

— Eu? Não sei de nada — respondeu Lupin. — E é justamente isso que me atrai.

— Mas faz cem anos que estão procurando!

— Trata-se menos de procurar do que de raciocinar. E eu tenho trezentos e sessenta e cinco dias para isso. É tempo de sobra. O risco é

eu acabar me esquecendo do caso, por mais interessante que seja. Você faria a gentileza de me lembrar, não é?

Lembrei-lhe várias vezes nos meses que seguiram, sem que ele desse mostras, no entanto, de estar muito preocupado com o assunto. Depois houve um largo período em que não tive oportunidade de vê-lo. Foi a época, soube mais tarde, da viagem que ele fez para a Armênia e da luta terrível que travou contra o Sultão Vermelho, luta esta que culminou na derrocada do déspota.

Escrevi, contudo, para o endereço que ele havia me deixado, e pude assim comunicar-lhe que informações colhidas aqui e ali sobre minha vizinha, Louise d'Ernemont, revelavam o amor que ela tivera, alguns anos antes, por um jovem muito rico, que ainda a amava, mas fora forçado a abandoná-la por pressão da família, bem como o desespero daquela jovem senhora e a vida corajosa que levava com a filha.

Lupin não respondeu a nenhuma das minhas cartas. Será que as recebeu? Entretanto, a data se aproximava, e eu inevitavelmente me perguntava se seus muitos compromissos não o impediriam de comparecer ao encontro marcado.

E de fato chegou a manhã de 15 de abril, eu tinha terminado de almoçar e Lupin ainda não aparecera. Saí ao meio-dia e quinze e tomei um automóvel que me levou a Passy.

Logo ao chegar, avistei na viela os quatro garotos do operário parados diante da porta. Alertado por eles, o dr. Valandier correu ao meu encontro.

— E o capitão Janniot? — exclamou.

— Ele ainda não chegou?

— Não, e está sendo impacientemente aguardado, acredite.

Com efeito, os vários herdeiros rodeavam o tabelião, e em todos aqueles rostos, que reconheci, já não havia a expressão triste e desanimada do ano anterior.

— Estão cheios de esperança — disse-me o dr. Valandier —, e a culpa é minha. Fazer o quê! Seu amigo me causou tamanha impressão que acabei passando para essa boa gente uma confiança... que não sinto. Agora, convenhamos, que figura estranha esse capitão Janniot...

Ele me interrogou, e eu forneci sobre o capitão informações um

tanto fantasiosas, que os herdeiros ouviram meneando a cabeça.

Louise d'Ernemont murmurou:

— E se ele não vier?

— Bem, sobram ao menos os cinco mil francos para dividir entre nós — disse o mendigo.

Mas a pergunta de Louise d'Ernemont já causara um mal-estar geral. Os semblantes se fecharam, e senti um clima de angústia pesar sobre nós.

À uma e meia, as duas irmãs magras se sentaram, desfalecidas. E o senhor gordo de fraque encardido teve um acesso de revolta contra o tabelião.

— Perfeitamente, dr. Valandier, a culpa é sua. Devia ter trazido esse capitão por bem ou à força! Capitão... um trapaceiro, isso sim.

Ele me encarou com um olhar furioso enquanto o laçao, por seu turno, resmungava insultos dirigidos a mim.

Mas nisso o garoto mais velho apareceu na porta gritando:

— Vem vindo alguém! Uma motocicleta!

Ouviu-se um barulho de motor roncando do outro lado do muro. Correndo o risco de se quebrar todo, um homem numa motocicleta vinha descendo a viela em disparada. Freou bruscamente à porta e apeou de um salto.

Por sob a camada de poeira que o cobria como um envelope, podia-se ver que seu traje azul-escuro, as calças com vinco bem marcado, não eram os de um turista, não mais do que o chapéu de feltro preto e as botinas de verniz.

— Mas este não é o capitão Janniot! — exclamou o tabelião, que hesitava em reconhecê-lo.

— É o capitão Janniot, sim! — afirmou Lupin, estendendo a mão para nos cumprimentar. — Apenas raspei o bigode. Aqui está o recibo que assinou, dr. Valandier.

Segurando o braço de um dos garotos, pediu:

— Corra até o ponto de carros e traga um automóvel até a esquina da rua Raynouard. Voe, tenho um compromisso urgente às duas e quinze.

Houve gestos de protesto. O capitão Janniot consultou o relógio.

— Calma! São só doze para as duas. Tenho uns bons quinze minutos. Mas, por Deus, como estou cansado! E faminto, principalmente!

O soldado, mais do que depressa, ofereceu seu pão de munição, que ele mordeu com vontade e, sentando-se, disse:

— Queiram me desculpar. O trem rápido de Marselha descarrilou entre Dijon e Laroche. Cerca de quinze mortos, e feridos que precisei socorrer. Depois achei essa motocicleta no vagão bagageiro. Dr. Valandier, por gentileza, mande devolvê-la a quem de direito. Ainda está com a etiqueta amarrada no guidom. Ah! Lá vem você, garoto. O carro está aí? Na esquina da rua Raynouard? Perfeito.

Consultou o relógio.

— Ah! Não temos tempo a perder.

Eu o fitava com ardente curiosidade. Qual então não devia ser a emoção dos herdeiros de D'Ernemont! É certo que não tinham no capitão Janniot a mesma fé que eu tinha em Lupin. Seus semblantes, contudo, estavam tensos e lívidos.

Devagar, o capitão Janniot se virou para a esquerda e se aproximou do relógio de sol. O pedestal tinha a forma de um homem de torso musculoso que carregava nos ombros um mostrador de mármore tão desgastado pelo tempo que mal se distinguiam as linhas das horas marcadas na superfície. Acima, um anjinho de asas abertas segurava uma longa flecha que fazia as vezes de ponteiro.

O capitão ficou ali debruçado cerca de um minuto, com os olhos atentos.

E então pediu:

— Um canivete, por favor?

Um relógio, em algum lugar, soou duas horas. Nesse instante preciso, no mostrador iluminado de sol, a sombra da flecha se alinhou com uma fissura do mármore que riscava o disco mais ou menos pelo meio.

O capitão pegou o canivete que alguém lhe estendia. Abriu-o, e, com a ponta, bem devagar, pôs-se a raspar a mescla de terra, musgo e líquen que preenchia a estreita fissura.

Parou pouco depois, a dez centímetros da borda, como se a lâmina

encontrasse um obstáculo, enfiou-a um pouco mais e, com o polegar e o indicador, retirou um objeto pequeno, que esfregou entre as palmas das mãos e a seguir estendeu para o tabelião.

— Veja, dr. Valandier, já é alguma coisa.

Era um diamante enorme, do tamanho de uma avelã, e admiravelmente talhado.

O capitão voltou ao trabalho. Quase em seguida, fez nova pausa. Um segundo diamante apareceu, tão límpido e magnífico quanto o primeiro.

E logo veio um terceiro, e um quarto.

Um minuto mais tarde, sempre seguindo a fissura entre uma borda e outra do mostrador, e sem escavar mais do que um centímetro e meio de profundidade, o capitão tinha retirado dezoito diamantes do mesmo tamanho.

Durante todo aquele minuto não houve um único grito, um único gesto, ao redor do relógio de sol. Uma espécie de estupor aturdiu os herdeiros. Por fim, o senhor gordo murmurou:

— Macacos me mordam!

E o soldado gemeu:

— Ah, meu capitão! Meu capitão!

As duas irmãs caíram desmaiadas. A moça do cachorrinho se ajoelhou e rezou, enquanto o lacaio, titubeante feito um bêbado, segurava a cabeça com as mãos e Louise d'Ernemont chorava.

Quando se acalmaram e quiseram agradecer ao capitão Janniot, perceberam que ele já havia ido embora.

Só muitos anos depois tive a oportunidade de inquirir Lupin sobre aquele caso. E ele, em tom de confiança, respondeu:

— O caso dos dezoito diamantes? Meu Deus, quando penso que três ou quatro gerações dos meus semelhantes tentaram solucioná-lo! Sendo que os dezoito diamantes estavam ali o tempo todo, embaixo de um pouco de poeira!

— Mas como foi que adivinhou?

— Eu não adivinhei. Eu raciocinei. E será mesmo que precisei raciocinar? Desde o começo chamou minha atenção o fato de que essa história girava em torno de uma questão central: a questão do tempo.

Quando ainda estava no seu juízo perfeito, Charles d'Ernemont escreveu uma data nos três quadros. Mais tarde, em meio às trevas em que estava mergulhado, um tênue clarão de inteligência o conduzia todo ano até o centro do antigo jardim, e todo ano o mesmo clarão o afastava dali na mesma hora, isto é, às cinco e vinte e sete da tarde. O que regulava dessa forma o mecanismo desregulado daquele cérebro? Que força superior punha o pobre demente em movimento? Sem dúvida alguma, a noção instintiva do Tempo representado pelo relógio de sol nos quadros do coletor de impostos. Era a revolução anual da terra em torno do sol que trazia, em data fixa, Charles d'Ernemont para o jardim de Passy. E era a revolução diurna que o tirava dali numa hora fixa, ou seja, provavelmente na hora em que o sol, dissimulado por obstáculos decerto diferentes dos de hoje, deixava de iluminar o jardim de Passy. Ora, de tudo isso o relógio de sol era exatamente o símbolo. Foi assim que eu soube imediatamente onde deveria buscar.

— Mas e o horário dessa busca, como conseguiu defini-lo?

— Eu apenas me pautei pelos quadros. Um homem vivendo naquela época, como Charles d'Ernemont, escreveria 26 de germinal do ano II, ou 15 de abril de 1794, mas não 15 de abril do ano II. Me espanta ninguém ter pensado nisso.

— Quer dizer que o número 2 significava duas horas?

— Mas é claro. E o que deve ter acontecido é o seguinte: num primeiro momento, D'Ernemont converteu sua fortuna em boa espécie de ouro e prata. Depois, por precaução adicional, com esse ouro e essa prata ele comprou dezoito diamantes magníficos. Surpreendido pela chegada da patrulha, ele correu para o jardim. Onde esconder os diamantes? Quis o acaso que seus olhos topassem com o relógio. Eram duas horas. A sombra da flecha estava alinhada com a fissura do mármore. Obedecendo a esse sinal da sombra, ele enterrou os dezoito diamantes na poeira, e depois, com muita tranquilidade, foi se entregar aos soldados.

— Mas a sombra da flecha coincide com a fissura do mármore todo dia às duas horas, não só em 15 de abril.

— Está se esquecendo, meu amigo, de que se trata de um louco, e

que esse louco só gravou uma data, 15 de abril.

— Certo. Mas, já que tinha decifrado o enigma, teria sido fácil para você, nesse ano todo, entrar no jardim e surrupiar os diamantes.

— Muito fácil, e eu certamente não teria hesitado se estivesse lidando com outro tipo de gente. Mas, sério, fiquei com pena daqueles coitados. E depois, você conhece esse tonto do Lupin: a mera ideia de aparecer de repente como um gênio do bem e impressionar seus semelhantes lhe faria cometer as piores tolices.

— Ora — exclamei —, a tolice não foi tão grande assim! Seis lindos diamantes! Está aí um contrato que os herdeiros D’Ernemont devem ter cumprido com alegria.

Lupin olhou para mim e, de repente, caindo na risada:

— Então não sabe? Ah, essa é muito boa! A alegria dos herdeiros de D’Ernemont... Mas, meu amigo, já no dia seguinte tinham todos virado inimigos mortais do bravo capitão Janniot! No dia seguinte, as duas irmãs magras e o senhor gordo começaram a organizar a resistência. O contrato? Não tinha valor nenhum, já que, como era fácil provar, não existe nenhum capitão Janniot. “Capitão Janniot? De onde saiu esse aventureiro? Pois ele que nos processe, e aí veremos!”

— Até Louise d’Ernemont?

— Não, Louise d’Ernemont protestou contra essa infâmia. Mas o que ela podia fazer? E depois que ficou rica, aliás, reencontrou o antigo noivo. Nunca mais soube dela.

— Mas, e aí?

— E aí, caro amigo, pego na armadilha, juridicamente impotente, tive que transigir e aceitar, da minha parte, um modesto diamante, o menor de todos e o menos bonito. É nisso que dá não medir esforços para ajudar o próximo!

E Lupin resmungou entre dentes:

— A gratidão! Que lorota! Ainda bem que as pessoas honestas têm uma consciência tranquila e a satisfação do dever cumprido.

* Referência ao calendário revolucionário, que vigorou na França entre 1792 e 1806. Em 22 de setembro de 1792, dia seguinte à abolição da monarquia e proclamação da República, iniciava-se, sob a data 1o de vindemiário, o ano I do que seriam os novos tempos e uma nova ordem social. Germinal correspondia ao período de 21 de março a 19 de abril, e termidor, mencionado adiante, ao de 19 de julho a 18 de agosto. (N. T.)

4. A CILADA INFERNAL

TERMINADA A CORRIDA, e depois de um rio de gente passar junto dele rumo à saída da arquibancada, Nicolas Dugrival levou prontamente a mão ao bolso interno do paletó. Sua esposa indagou:

— O que foi?

— Estou sempre preocupado com esse dinheiro! Tenho medo de uma ladroagem.

Ela murmurou:

— Está aí uma coisa que não entendo. Onde já se viu carregar uma quantia dessas no bolso! Toda a nossa fortuna, que tanto penamos para ganhar!

— Ora! — disse ele. — Ninguém sabe que está aqui na minha carteira.

— Sabe, sim — ela resmungou. — O criadinho que despedimos semana passada, por exemplo, sabia perfeitamente. Não é, Gabriel?

— É sim, minha tia — respondeu o jovem ao seu lado.

O casal Dugrival e seu sobrinho Gabriel eram figuras bem conhecidas nos hipódromos, onde podiam ser vistos quase todo dia. Dugrival, um homem gordo de tez avermelhada, com jeito de bon-vivant; sua esposa, também corpulenta, de feições ordinárias, sempre com o mesmo vestido de seda cor de ameixa visivelmente gasto; o sobrinho, muito jovem, magro, de semblante pálido, olhos pretos, cabelo louro levemente cacheado.

O casal costumava permanecer sentado durante toda a sessão. Gabriel era quem fazia as apostas para o tio, espiando os cavalos no paddock, colhendo palpites aqui e ali entre os grupos de jóqueis e tratadores, indo e voltando entre as arquibancadas e a sala de apostas.

A sorte, naquele dia, parecia soprar a seu favor, já que três vezes os vizinhos de Dugrival viram o jovem lhe trazer dinheiro.

A quinta corrida chegava ao fim. Dugrival acendeu um charuto.

Nisso, aproximou-se um cavalheiro de fraque marrom, rosto arrematado por um cavanhaque grisalho, e lhe perguntou em tom sigiloso:

— Isso por acaso não é seu, não é do senhor que roubaram?

E, enquanto falava, mostrava um relógio de ouro com sua respectiva corrente.

Dugrival teve um sobressalto.

— Sim, claro! É meu. Veja, tem minhas iniciais gravadas: N. D., Nicolas Dugrival.

E na mesma hora, num gesto de pavor, apalpou o bolso do paletó. A carteira ainda estava ali.

— Ufa! — exclamou, transtornado. — Tive sorte. Mas, puxa vida, como é que...? Já sabem quem é o pilantra?

— Sim, nós o pegamos, está no posto policial. Queira acompanhar-me, por obséquio, vamos esclarecer esse caso.

— A quem tenho a honra?

— Inspetor Delangle, da Sûreté. Já informei o sr. Marquenne, o oficial responsável.

Nicolas Dugrival seguiu o inspetor, e os dois, contornando a arquibancada, tomaram a direção da delegacia. Faltava percorrerem uns cinquenta passos quando alguém abordou o inspetor, dizendo afobado:

— O sujeito do relógio abriu o bico, estamos na pista de uma quadrilha inteira. O sr. Marquenne pediu que você espere por ele na sala de apostas e fique de olho no quarto guichê e imediações.

Havia uma multidão na frente da sala de apostas, e o inspetor Delangle vituperou entre dentes:

— Mas que absurdo querer falar comigo agora! E em quem devo ficar de olho, afinal? Isso é bem coisa do Marquenne...

Afastou algumas pessoas que chegavam perto demais.

— Pelos céus! É bom manter distância e segurar bem a carteira. Foi assim que pegaram o senhor.

— Não consigo entender...

— Ah, o senhor não tem ideia de como esses tipos atuam! A gente não vê nada. Vem um e pisa no seu pé, outro esbarra a bengala no seu

olho e um terceiro surrupia sua carteira. Três gestos, e a coisa está feita. Eu mesmo já fui vítima.

Interrompeu-se e, com um ar furioso:

— Mas que diabos, não dá para ficar aqui mofando! Que gentarada! É insuportável. Ah, lá está o sr. Marquenne, acenando para nós. Me dê licença um instante, eu já volto. E não saia daqui, por favor.

Com os ombros, abriu caminho na multidão.

Nicolas Dugrival o seguiu por um momento com os olhos. Ao perdê-lo de vista, pôs-se um pouco de lado para evitar o empurra-empurra.

Alguns minutos se passaram. A sexta corrida estava para começar quando Dugrival avistou a esposa e o sobrinho procurando por ele. Explicou que o inspetor Delangle estava falando com o oficial responsável.

— O dinheiro ainda está com você? — perguntou-lhe a mulher.

— Mas é claro! — respondeu ele. — Posso lhe garantir que o inspetor e eu não deixamos ninguém chegar perto demais.

Apalpou o paletó, sufocou um grito, enfiou a mão no bolso e se pôs a balbuciar palavras confusas, enquanto a sra. Dugrival gaguejava, apavorada:

— O que foi? Qual é o problema?

— Roubaram! — gemeu ele. — A carteira, as cinquenta notas...

— Não pode ser! — exclamou a mulher. — Não pode ser!

— Pode sim, o inspetor, um vigarista... foi ele!

Ela se pôs literalmente a berrar.

— Pega ladrão! Assaltaram meu marido. Cinquenta mil francos, estamos perdidos! Pega ladrão!

Logo foram cercados por policiais e conduzidos para a delegacia. Dugrival se deixava levar, totalmente aturdido. A esposa seguia esbravejando, desfiando explicações, proferindo impropérios contra o falso inspetor.

— Vão atrás dele! Peguem-no! Fraque marrom, barbicha... Ah, desgraçado, ele nos enganou direitinho! Cinquenta mil francos! Ei... Ei! Dugrival, o que está fazendo?

De um salto, jogou-se sobre o marido. Tarde demais! Ele já havia encostado na têmpora o cano de um revólver. Ouviu-se um disparo.

Dugrival caiu. Estava morto.

Todos ainda se lembram do alarde que os jornais fizeram sobre esse caso, e de como aproveitaram a oportunidade para acusar mais uma vez a polícia de inépcia e negligência. Era inadmissível que, em plena luz do dia, num local público, um batedor de carteiras se fizesse passar por um inspetor e depenasse impunemente um homem de bem!

A esposa de Nicolas Dugrival mantinha acesa a polêmica com seus lamentos e as entrevistas que concedia. Um repórter conseguira fotografá-la junto ao corpo do marido no momento em que, com o braço estendido, jurava vingar o morto. De pé ao lado dela, seu sobrinho Gabriel exibia um semblante carregado de ódio. Também ele, em poucas palavras proferidas em voz baixa e num tom de feroz decisão, tinha jurado caçar e pegar o assassino.

As reportagens descreviam o modesto apartamento em que ambos viviam no bairro de Batignolles e, como se achassem desprovidos de recursos, um jornal esportivo concedeu-lhes uma assinatura.

Quanto ao misterioso Delangle, simplesmente sumira. Foram detidos dois indivíduos, que tiveram de soltar logo depois. Seguiram-se diversas pistas, rapidamente descartadas; aventaram-se vários nomes e, por fim, acusou-se Arsène Lupin — o que resultou na famosa missiva do célebre assaltante, enviada de Nova York seis dias depois do incidente.

Protesto com indignação contra a calúnia inventada por uma polícia acuada. Envio meus pêsames às infelizes vítimas e dou devidas instruções ao meu banco para que lhes sejam entregues cinquenta mil francos.

Lupin

E, de fato, no dia seguinte à publicação do telegrama, um desconhecido bateu no apartamento da sra. Dugrival e depositou um envelope em suas mãos. O envelope continha cinquenta notas de mil francos.

Essa reviravolta espetacular decerto não contribuiu para silenciar os comentários. Outro acontecimento, porém, tornou a suscitar um imenso alvoroço. Dois dias depois, os moradores do prédio em que viviam a sra. Dugrival e Gabriel foram acordados por gritos pavorosos por volta das quatro da manhã. Acorreram. O zelador conseguiu abrir

a porta. À luz de uma vela trazida por um vizinho, deparou com Gabriel estendido no seu quarto, com os tornozelos e os pulsos amarrados, a boca amordaçada, e, no quarto ao lado, a sra. Dugrival se esvaindo em sangue, com um largo ferimento no peito.

Ela sussurrou:

— O dinheiro... roubaram... todas as notas...

E desmaiou.

O que tinha acontecido?

Gabriel contou — e, assim que foi capaz de falar, a sra. Dugrival completou o relato do sobrinho — que acordara sendo atacado por dois homens, um dos quais o amordaçava enquanto o outro o amarrava. Não conseguira ver os homens no escuro, mas escutara o barulho da tia lutando contra eles. Uma luta horrorosa, declarou a sra. Dugrival. Os bandidos, que claramente conheciam o lugar, e guiados por sabe-se lá que intuição, dirigiram-se para o móvel onde ela guardava o dinheiro e, apesar da sua resistência, apesar dos seus gritos, deitaram a mão no maço de notas. Um deles, que ela mordida no braço, lhe dera uma facada ao sair, e ambos fugiram em seguida.

— Por onde? — perguntaram.

— Pela porta do meu quarto, e imagino que, depois, pela porta da rua.

— Impossível! O zelador teria visto.

Pois aí residia todo o mistério: como é que os bandidos tinham entrado no apartamento, e como conseguiram escapar? Não havia por onde saírem. Seria um dos moradores do prédio? Uma investigação minuciosa demonstrou o absurdo dessa hipótese.

Como, então?

O inspetor-chefe Ganimard, especialmente encarregado do caso, confessou que nunca tinha visto nada tão desconcertante.

— Tem o virtuosismo de um Lupin — dizia —, e no entanto não é Lupin. Não, há algo mais nesse caso, algo dúbio, suspeito. Mesmo porque, se fosse obra de Lupin, por que ele iria querer pegar de volta os cinquenta mil francos que ele mesmo mandou? E há outra questão que me intriga: qual é a relação entre esse segundo roubo e o primeiro, o do hipódromo? Essa história toda é incompreensível, e

estou com a impressão, o que em mim é raro, de que nem adianta investigar. Da minha parte, desisto.

O juiz de instrução teimou. Os repórteres somaram esforços com a justiça. Um célebre detetive inglês cruzou o canal da Mancha. Um rico americano, com a cabeça virada de tanto ler histórias policiais, ofereceu uma polpuda recompensa a quem fornecesse um primeiro elemento de verdade. Passadas seis semanas, não se avançara um passo. O público começava a concordar com Ganimard, e o próprio juiz de instrução estava cansado de tatear num breu que o tempo só faria aumentar.

E a vida continuou na casa da viúva Dugrival. Assistida pelo sobrinho, não demorou a se restabelecer do ferimento. De manhã, Gabriel a acomodava numa poltrona da sala de jantar, junto à janela, arrumava a casa, depois saía para fazer as compras. Preparava o almoço sem aceitar ajuda sequer da zeladora.

Agastados com as inquirições da polícia e, principalmente, com as solicitações de entrevistas, tia e sobrinho não recebiam ninguém. Nem mesmo a zeladora, cuja tagarelice cansava e preocupava a sra. Dugrival, e à qual só restava assediar Gabriel, interpelando-o toda vez que ele passava pela portaria.

— Preste atenção, sr. Gabriel, vocês estão sendo vigiados. Tem gente espionando vocês dois. Ontem à noite mesmo meu marido flagrou um sujeito espiando as janelas do seu apartamento.

— Que nada! — respondeu Gabriel. — Deve ser a polícia nos protegendo. Tanto melhor!

Porém certa tarde, por volta das quatro horas, uma violenta discussão entre dois vendedores ambulantes irrompeu no final da rua. A zeladora correu imediatamente para ver os dois adversários trocarem xingamentos. Nem bem dera as costas, um homem jovem, de estatura mediana, vestindo um traje cinza de corte impecável, esgueirou-se no prédio e subiu rapidamente a escada.

No terceiro andar, tocou a campainha.

Como ninguém atendesse, tocou de novo.

Na terceira vez, a porta se abriu.

— Sra. Dugrival? — perguntou, tirando o chapéu.

— A sra. Dugrival ainda está adoentada, não pode receber ninguém — replicou Gabriel, parado no vestibulo.

— Tenho um assunto importantíssimo a tratar com ela.

— Sou o sobrinho dela, quem sabe possa lhe transmitir...

— Pois bem — disse o indivíduo —, queira dizer à sra. Dugrival que tendo obtido, por acaso, preciosas informações sobre o roubo de que ela foi vítima, gostaria de examinar o apartamento e verificar pessoalmente alguns detalhes. Tenho larga experiência em investigações desse tipo, minha intervenção com certeza será útil.

Gabriel o observou por um momento, refletiu, e disse por fim:

— Acredito que, nesse caso, minha tia irá consentir. Entre, por obséquio.

Abrindo a porta da sala de jantar, recuou para dar passagem ao desconhecido. Este andou alguns passos, mas, no momento em que ia cruzar a soleira, Gabriel ergueu o braço e, num gesto brusco, desfechou-lhe uma punhalada no ombro direito.

Uma gargalhada irrompeu pela sala.

— Touché! — exclamou a sra. Dugrival, dando um salto da poltrona. — Muito bem, Gabriel! Mas você não matou o bandido, matou?

— Não creio, minha tia. A lâmina é fina e eu controlei minha força.

O homem cambaleava, com as mãos à frente, o semblante mortalmente pálido.

— Imbecil! — escarneceu a viúva. — Caiu na cilada. Até que enfim! Faz um longo tempo que estamos esperando por você. Vamos lá, rapaz, curve-se! Isso o incomoda, não é? Mas é preciso. Perfeito! Um joelho ao chão, primeiro, diante da patroa... depois o outro. Que bem-educado que ele é! E *voilà*, estatelou-se! Ah, pelos céus! Quem dera meu pobre Dugrival pudesse vê-lo assim! E agora, Gabriel, ao trabalho!

Ela foi até seu quarto e abriu a porta de um guarda-roupa espelhado cheio de vestidos pendurados. Afastando-os para o lado, empurrou outra porta que formava o fundo do guarda-roupa e dava para um aposento situado no prédio vizinho.

— Me ajude a carregá-lo, Gabriel. E cuide muito bem dele, viu? No

momento, esse engraçadinho vale seu peso em ouro.

CERTA MANHÃ, o ferido recobrou um pouco a consciência. Entreabriu as pálpebras e olhou ao redor.

Estava deitado num cômodo maior do que aquele onde fora atingido, um cômodo contendo alguns móveis e pesadas cortinas que cobriam as janelas de cima a baixo.

Mesmo assim, havia luz suficiente para que ele visse do seu lado, sentado numa cadeira a observá-lo, o jovem Gabriel Dugrival.

— Ah, é você, moleque — murmurou. — Parabéns, meu rapaz. É certo e sutil no manejo do punhal.

E caiu no sono outra vez.

Nesse dia, e nos que se seguiram, acordou diversas vezes, e a cada vez avistava o semblante pálido do adolescente, seus lábios finos, seus olhos pretos com um olhar tão duro.

— Você me dá até medo — dizia. — Se jurou me executar, vá em frente. Mas ria! A ideia da morte sempre me pareceu a coisa mais burlesca do mundo. Só que com você, meu camarada, está se tornando macabra. Boa noite, prefiro dormir!

Gabriel, entretanto, cumprindo as ordens da sra. Dugrival, dispensava-lhe atenciosos cuidados. O doente já quase não tinha febre, e começava a se alimentar de leite e sopa. Recuperava as forças, e até gracejava.

— Quando é que o convalescente vai dar seu primeiro passeio? O carro já está pronto? Ora, ria, rapaz! Parece um salgueiro-chorão prestes a cometer um crime. Vamos lá, dê uma risadinha para o papai.

Um dia, ao acordar, sentiu-se desagradavelmente tolhido. Ao tentar se mexer, percebeu que tinham amarrado suas pernas, os braços e o tórax à barra da cama enquanto ele dormia, com finos cordões de aço que lhe cortavam a pele ao menor movimento.

— Quer dizer que agora é pra valer! — disse ao seu carcereiro. — O frango vai ser sangrado. É você que vai me operar, anjo Gabriel? Nesse caso, meu amigo, é bom sua navalha estar bem limpa! Serviço antisséptico, por favor.

Foi interrompido pelo ruído de uma fechadura rangendo. A porta à

sua frente se abriu, e a sra. Dugrival apareceu.

Lentamente, ela se aproximou, pegou uma cadeira e tirou do bolso um revólver, que carregou e depositou sobre a mesa de cabeceira.

— Ui... — murmurou o cativo. — Parece que estamos no Ambigu. Quarto ato: o julgamento do traidor. E quem executa é o belo sexo, a mão das Graças! Quanta honra! Sra. Dugrival, conto com a senhora para não me deixar desfigurado.

— Cale a boca, Lupin.

— Ah, então já sabe? Nossa, que faro.

— Cale a boca, Lupin.

Havia em sua voz um quê de solenidade que impressionou o prisioneiro e o compeliu ao silêncio.

Examinou alternadamente seus dois carcereiros. O rosto intumescido, a tez avermelhada da sra. Dugrival contrastavam com as feições delicadas do sobrinho, mas ambos tinham o mesmo ar de determinação implacável.

A viúva se inclinou e lhe disse:

— Está disposto a responder às minhas perguntas?

— Por que não?

— Então preste atenção.

— Sou todo ouvidos.

— Como sabia que Dugrival andava com todo o seu dinheiro no bolso?

— Uma tagarelice de criado...

— Um criadinho que trabalhou para nós, não é?

— Sim.

— E foi você que roubou o relógio de Dugrival, para depois devolvê-lo e lhe inspirar confiança?

— Sim.

Ela reprimiu um gesto de fúria.

— Seu estúpido! Sim, estúpido! Como é que você depena meu homem e o induz ao suicídio, e em vez de se mandar para o outro lado do mundo e se esconder continua lupinando em plena Paris? Por acaso esqueceu que eu jurei sobre a cabeça do próprio morto que encontraria o assassino?

— Pois é isso que me admira — disse Lupin. — Como suspeitou que era eu?

— Como? Mas se foi você mesmo que se denunciou!

— Eu?

— Mas é claro! Os cinquenta mil francos...

— E o que é que tem? Foi só um presente.

— Sim, um presente, cuja entrega você solicita por telegrama para fazer crer que estava nos Estados Unidos no dia das corridas. Presente! Que piada! Quer dizer que a lembrança do pobre infeliz que você assassinou o estava atormentando, não é mesmo? Você então devolveu o dinheiro para a viúva, publicamente, é claro, porque, como o bom cabotino que é, tem sempre que fazer seu espetáculo para agradar a plateia. Perfeito! Só que nesse caso, meu caro, não podia ter me dado as mesmas cédulas que roubou do Dugrival! Sim, as mesmas cédulas, seu grandessíssimo idiota! Dugrival e eu tínhamos anotado os números. E você foi estúpido o bastante para me mandar o pacote inteiro! Percebe, agora, a besteira que fez?

Lupin começou a rir.

— Bela mancada. Não fui eu, as ordens que dei eram outras. Mas, de qualquer forma, só posso culpar a mim mesmo.

— Então admite? Você, com isso, assinou seu roubo, e também sua própria sentença. Só faltava encontrá-lo. Encontrar? Não, melhor ainda: em vez de procurar Lupin, fazer com que Lupin viesse até nós! Uma ideia de mestre. Quem pensou nisso foi meu sobrinho, que o odeia tanto quanto eu, se é que isso é possível, e o conhece do avesso por ter lido todos os livros que escreveram sobre você. Conhece sua curiosidade, sua necessidade de intrigas, sua mania de fuçar nas trevas, de desvendar o que os outros não conseguiram desvendar. Conhece também essa falsa bondade que você tem, a pieguice boba que o faz verter lágrimas de crocodilo sobre suas vítimas. Ele então planejou a farsa! Inventou a história dos dois assaltantes! O segundo roubo dos cinquenta mil francos! Ah! Juro por Deus que a facada que dei em mim mesma não doeu nada! E juro por Deus que o garoto e eu passamos bons momentos esperando por você, espiando seus cúmplices rondarem na frente do prédio e estudarem o local. E não

havia erro, você fatalmente viria! Porque tinha devolvido os cinquenta mil francos para a viúva Dugrival e não ia admitir que a viúva Dugrival fosse destituída dos seus cinquenta mil francos. Por orgulho, por vaidade, você fatalmente viria! E veio!

A viúva deu uma risada estridente.

— Foi uma bela jogada, não foi? O Lupin dos Lupins! O mestre dos mestres! O inacessível, o invisível. Aqui está ele, caído na cilada armada por uma mulher e um menino! Aqui está ele, em carne e osso! Aqui está ele, com os pés e as mãos atados, inofensivo como um passarinho. Aqui está ele! Aqui está ele!

Estremecendo de alegria, ela se pôs a andar pelo quarto com ares de animal feroz que não tira os olhos de sua presa. Lupin nunca tinha visto tanto ódio e selvageria num ser humano.

— Chega de conversa — disse ela.

Contendo-se, de súbito, voltou para junto dele e, num tom bem diferente, pronunciou com uma voz surda, destacando as sílabas:

— Aproveitei bem meu tempo nesses doze dias, Lupin. Graças aos documentos que você tinha no bolso, já sei de todos os seus negócios, todos os seus esquemas, todos os seus nomes falsos, toda a organização do seu bando, todas as residências que possui, em Paris e em outros lugares. Uma delas eu até visitei, a mais secreta, onde você guarda seus documentos, seus registros e o histórico detalhado das suas operações financeiras. O resultado das minhas pesquisas? Nada mau. Aqui estão quatro cheques, tirados de quatro talões, que correspondem a quatro contas bancárias suas sob quatro nomes distintos. Preenchi cada um deles com o valor de dez mil francos. Mais do que isso seria arriscado. Agora assine.

— Nossa! — exclamou Lupin, com ironia. — Isso é chantagem pura e simples, respeitável sra. Dugrival.

— Está impressionado, não é?

— Impressionado.

— E acha que o adversário está à sua altura?

— O adversário me superou. Quer dizer então que essa cilada, que podemos qualificar de infernal, essa cilada infernal em que caí não é obra apenas de uma viúva sedenta de vingança, mas também de uma

excelente empresária desejosa de aumentar seus capitais?

— Exatamente.

— Parabéns. E a propósito, o sr. Dugrival, por acaso...?

— Acertou, Lupin. Bem, não há por que mentir para você. Vai aliviar sua consciência. Sim, Lupin, Dugrival trabalhava no mesmo ramo que você. Nada muito grandioso, éramos modestos. Uma moeda de ouro aqui, outra ali... uma ou outra carteira que Gabriel, treinado por nós, surrupiava durante as corridas. E assim fomos juntando nosso pé-de-meia, o suficiente para comprar uma casinha no interior.

— Prefiro assim — disse Lupin.

— Que bom! Só lhe conto isso tudo para que você entenda que não sou nenhuma principiante, e que você não tem nada a esperar. Que alguém venha socorrê-lo? Não. Este apartamento tem comunicação com meu quarto. Tem uma saída particular, mas ninguém nem desconfia. Era o apartamento especial de Dugrival. Onde ele recebia os amigos. Onde ficava seu material de trabalho, os disfarces, e até o telefone, como pode ver. Ou seja, não tenha esperanças. Seus cúmplices já desistiram de procurá-lo por aqui. Eu já os lancei em outra pista. Você está mesmo perdido. Está começando a entender?

— Estou.

— Então assine.

— E depois que eu assinar estarei livre?

— Primeiro tenho que sacar o dinheiro.

— E depois?

— Depois, pela minha alma, pela minha salvação, você estará livre.

— Não sei se acredito.

— E você por acaso tem escolha?

— Verdade. Me dê aqui.

Ela desamarrou a mão direita de Lupin e lhe estendeu uma pena, dizendo:

— Não se esqueça de que os quatro cheques estão em quatro nomes distintos e que a caligrafia muda de um para outro.

— Não se preocupe.

Ele assinou.

— São dez horas, Gabriel — acrescentou a viúva. — Se eu não

voltar até o meio-dia, é porque esse miserável me aprontou uma das suas. Então arrebente a cabeça dele. Estou deixando com você o revólver com que seu tio se matou. Das seis balas, restam cinco. É suficiente.

E saiu cantarolando.

Houve um silêncio um tanto longo, então Lupin resmungou:

— Não dou um tostão furado pela minha pele.

Fechou os olhos um instante, e então, de chofre, perguntou a Gabriel:

— Quanto?

E, como o outro parecesse não escutar, irritou-se.

— E aí, quanto? Responda, oras! Somos, os dois, da mesma profissão. Eu roubo, tu roubas, nós roubamos. Ou seja, temos tudo para nos entender. E aí? Que tal? Vamos dar o fora? Eu lhe ofereço um lugar no meu bando, um lugar de luxo. Quanto você quer? Dez mil? Vinte mil? Faça seu preço, e não se acanhe. O cofre está cheio.

Teve um estremecimento de raiva ao ver o semblante impassível do seu carcereiro.

— Nem se digna a responder! Ora essa, você gostava tanto assim do Dugrival? Escute, se quiser me soltar... Vamos, responda!

Mas se interrompeu. Percebia nos olhos do jovem a expressão cruel que conhecia tão bem. Teria alguma chance de convencê-lo?

— Maldição! — vociferou. — Não posso morrer aqui feito um cão! Se ao menos eu conseguisse...

Retesando-se, fez um esforço para romper as amarras, soltou um grito de dor e desabou sobre a cama, extenuado.

— Como bem disse a viúva, estou lascado — murmurou ao fim de um instante. — Não há o que fazer. *De profundis*, Lupin.

Quinze minutos se passaram, meia hora...

Gabriel, acercando-se, viu que ele estava com os olhos fechados, e sua respiração era regular como a de alguém dormindo. Lupin, porém, lhe disse:

— Não vá achar que estou dormindo, moleque. Não, ninguém dorme numa hora dessas. Só estou aqui me conformando. Fazer o quê, não é mesmo? E também estou pensando no que vem depois.

Perfeitamente, tenho uma pequena teoria a respeito. Saiba que sou adepto da metempsicose e da transmigração das almas. Pena que é meio longo de explicar. Mas, antes de nos separarmos, garoto, que tal apertarmos as mãos? Não? Então, adeus. Longa vida e saúde, Gabriel.

Cerrou as pálpebras, calou-se e não tornou a se mexer até a sra. Dugrival chegar.

A VIÚVA ENTROU ANIMADAMENTE pouco antes do meio-dia. Parecia excitadíssima.

— Estou com o dinheiro — disse para o sobrinho. — Corra. Encontro você no automóvel que está lá embaixo.

— Mas...

— Não preciso de você para acabar com ele. Cuido disso sozinha. Agora, se tiver curiosidade de ver a careta de um pilantra... Me passe o instrumento.

Gabriel lhe entregou o revólver, e a viúva prosseguiu:

— Você queimou nossos papéis?

— Queimei.

— Então vamos lá. E, assim que acabarmos com ele, vamos logo embora. O som dos disparos pode atrair os vizinhos. Se alguém vier, tem que encontrar os dois apartamentos vazios.

Aproximou-se da cama.

— Está preparado, Lupin?

— Estou ardendo de impaciência, na verdade.

— Tem alguma recomendação a fazer?

— Não, nenhuma.

— Bem, então...

— Só uma coisa.

— Fale.

— Que recado quer que eu dê ao Dugrival, caso encontre com ele no além?

Ela deu de ombros e encostou o cano do revólver na têmpora de Lupin.

— Perfeito — disse ele. — Não precisa tremer, minha senhora. Não vai sentir dor nenhuma, prometo. Pronta? Então, ao comando, não é?

Um... dois... três...

A viúva apertou o gatilho. Ouviu-se um estampido.

— Isso é a morte? — indagou Lupin. — Engraçado! Achei que fosse mais diferente da vida.

Houve um segundo estampido. Gabriel arrancou a arma das mãos da tia e a examinou.

— Ah, alguém tirou as balas! — exclamou. — Só sobraram os cartuchos!

Tia e sobrinho ficaram um instante parados, perplexos.

— Será possível? — ela balbuciou. — Quem pode ter feito isso? Um inspetor? O juiz de instrução?

Interrompeu-se, e, com voz sufocada:

— Escute... um barulho...

Pararam para escutar, e a viúva foi até o vestíbulo. Voltou irritada, furiosa pelo fracasso e pelo susto que levava.

— Não era ninguém. Os vizinhos devem ter saído, temos tempo. Ora, Lupin, já estava até rindo! A faca, Gabriel.

— Está no meu quarto.

— Vá buscá-la.

Gabriel saiu depressa. A viúva estremecia de raiva.

— Eu jurei! Você vai passar desta para melhor, meu caro! Eu jurei para o Dugrival, e toda manhã, e toda noite, repito meu juramento... repito de joelhos, sim, de joelhos, perante Deus, que me ouve! É direito meu vingar o falecido! Ora, não me diga, parece que está com medo, Lupin! Ele está com medo! Está com medo! Estou vendo nos olhos dele! Gabriel, venha cá, meu filho. Veja os olhos dele! Veja os lábios, está tiritando! Me dê essa faca, para eu enfiar no coração dele enquanto está tremendo. Seu medroso! Vamos, Gabriel, me dê logo essa faca!

— Não estou achando! — declarou o jovem, que entrava correndo, assustado. — Desapareceu do meu quarto! Não dá para entender!

— Tudo bem! — gritou a viúva Dugrival, um tanto fora de si. — Melhor assim! Eu mesma faço o serviço.

Agarrou desesperadamente o pescoço de Lupin e se pôs a esganá-lo com unhas e garras. Lupin emitia um som rouco e se rendeu. Estava

perdido.

Súbito, um estrondo, vindo da janela. Uma das vidraças voou em mil pedaços.

— O quê? O que foi? — gaguejou a viúva, erguendo-se, transtornada.

Gabriel, ainda mais pálido do que de costume, balbuciou:

— Não sei... não sei!

— Como pode? — repetiu a viúva.

Não ousava se mexer, esperando o que ia acontecer. E o que mais a apavorava era não ver nenhum projétil no chão à sua volta, embora a vidraça tivesse claramente cedido ao choque de um objeto pesado e de bom tamanho, provavelmente uma pedra.

Passado um instante, procurou embaixo da cama, da cômoda.

— Nada — disse ela.

— Nada — disse o sobrinho, procurando também.

E ela, sentando-se:

— Estou com medo, me faltam forças. Acabe você com ele.

— Eu também estou com medo.

— Mas... mas é preciso! Eu jurei... — ela gaguejou.

Num esforço supremo, voltou para junto de Lupin e segurou seu pescoço com os dedos rígidos. Mas Lupin, que perscrutava seu semblante lívido, teve a nítida sensação de que ela não teria coragem de matá-lo. Aos seus olhos, ele estava se tornando sagrado, intangível. Uma força misteriosa o protegia de todos os ataques, uma força que já o salvara três vezes de forma inexplicável, e ainda acharia outras formas de livrá-lo das arapucas da morte.

Ela disse baixinho:

— Como deve estar rindo da minha cara!

— Eu? De jeito nenhum. No seu lugar, eu estaria em pânico!

— Calhorda! Está achando que vieram socorrê-lo! Que são seus amigos, não é? Isso é impossível, meu caro.

— Eu sei. Não são eles que estão me defendendo. Não há ninguém me defendendo, aliás.

— Ou seja?

— Ou seja, há mesmo algo estranho nisso tudo, algo extraordinário,

milagroso, e que está lhe dando calafrios, minha senhora.

— Seu desgraçado! Vai parar de rir logo, logo.

— Muito me espantaria.

— Pois aguarde.

Ela pensou mais um pouco e disse para o sobrinho:

— O que você faria?

— Amarre o braço dele de volta e vamos embora daqui — respondeu Gabriel.

Que conselho atroz! Isso era condenar Lupin à mais terrível das mortes, a morte pela fome.

— Não — disse a viúva. — Ele seria bem capaz de achar outra tábua da salvação. Tenho uma ideia melhor.

Tirou o telefone do gancho. Quando deu linha, pediu à telefonista:

— Número 822.48, por favor.

E, passado um instante:

— Alô, é da Sûreté? O inspetor-chefe Ganimard se encontra? Só daqui a vinte minutos? Que pena! Mas enfim! Assim que ele chegar, diga-lhe que a sra. Dugrival ligou. Sim, a sra. Nicolas Dugrival. Diga a ele para vir até minha casa e abrir a porta do meu guarda-roupa espelhado. Abrindo essa porta, vai ver que o armário esconde uma passagem que liga meu quarto a dois outros cômodos. Num deles, irá encontrar um homem firmemente amarrado. Trata-se do ladrão, do assassino de Dugrival. Não acredita? Pois avise o inspetor Ganimard. Ele vai acreditar. Ah, ia me esquecendo, o nome do indivíduo é... Arsène Lupin.

E, sem mais uma palavra, pôs o fone no gancho.

— Feito, Lupin. No fundo, até prefiro essa vingança. Vou chorar de tanto rir acompanhando as discussões em torno do caso Lupin! Vamos, Gabriel?

— Vamos, minha tia.

— Adeus, Lupin. É provável que não nos vejamos mais, pois Gabriel e eu sairemos do país. Mas prometo lhe mandar doces quando você estiver na cadeia.

— Mande chocolates, minha cara! Vamos comê-los juntos.

— Adeus!

— Até breve!

A viúva saiu com o sobrinho, deixando Lupin amarrado na cama.

Ele no mesmo instante movimentou o braço livre, tentando se soltar. Mas compreendeu, na primeira tentativa, que jamais teria forças para romper os cordões de aço que o prendiam. Exausto de febre e aflição, o que poderia fazer nos vinte, talvez trinta minutos que lhe restavam antes da chegada de Ganimard?

Tampouco contava com seus amigos. Se três vezes tinha sido salvo da morte, isso obviamente se devia a prodigiosos acasos, e não a uma intervenção dos companheiros. Mesmo porque estes não teriam se contentado com espantosas cenas de efeito. Teriam-no libertado de vez.

Não, precisava renunciar a toda e qualquer esperança. Ganimard estava a caminho, Ganimard ia encontrá-lo ali. Era inevitável. Era fato consumado.

E essa perspectiva o deixava singularmente irritado. Já podia até ouvir as chacotas do seu velho inimigo. Já imaginava a gargalhada com que, no dia seguinte, seria recebida aquela extraordinária notícia. Ser capturado em plena ação, no campo de batalha, a bem dizer, e por uma imponente tropa de adversários, vá lá! Mas ser capturado, ou melhor, pego, apanhado, naquelas circunstâncias, era mesmo uma estupidez. E Lupin, que tantas vezes fizera os outros de bobos, percebia quão ridículo era para ele esse desfecho do caso Dugrival, quão grotesco era ter se deixado prender na cilada infernal da viúva e, no fim das contas, terminar “servido” à polícia como um prato de caça, bem passado e sabiamente temperado.

— Maldita viúva! — resmungou. — Seria melhor ela ter simplesmente me estrangulado.

Apurou o ouvido. Havia alguém andando no cômodo vizinho. Ganimard? Não. Por mais que o inspetor se aviasse, era impossível ele já ter chegado. E Ganimard não agiria dessa forma, não abriria a porta assim de mansinho como essa pessoa estava abrindo. Lupin se lembrou das três intervenções milagrosas às quais devia a vida. Será que alguém realmente o protegera da viúva, e agora estava vindo socorrê-lo? Mas, nesse caso, quem seria?

Sem que Lupin pudesse vê-lo, o desconhecido se abaixou por trás da cama. Lupin ouviu o som do que imaginou ser uma tenaz cortando os fios de aço e soltando-o pouco a pouco. Primeiro o tórax, depois os braços, depois as pernas.

Uma voz então lhe disse:

— Precisa se vestir.

Muito fraco, soergueu-se a custo, no mesmo momento em que o desconhecido se pôs de pé.

— Quem é você? — murmurou. — Quem é você?

E imensa foi sua surpresa.

Ao seu lado estava uma mulher, de vestido preto e com uma mantilha de renda encobrendo parte do rosto. E essa mulher, até onde podia perceber, era jovem, e de talhe fino e elegante.

— Quem é você? — repetiu.

— Temos que ir — disse a mulher. — O tempo está correndo.

— E eu consigo? — disse Lupin, fazendo um esforço desesperado. — Estou sem forças.

— Beba isso.

Verteu leite numa xícara e, ao estendê-la para ele, a mantilha se entreabriu, desvelando-lhe o rosto.

— Você! É você! — ele balbuciou. — É você que está aqui? É você que estava...?

Fitava, estupefato, aquela mulher cujas feições tinham uma extraordinária semelhança com as de Gabriel, cujo rosto, delicado e harmonioso, tinha a mesma palidez, e a boca, a mesma expressão dura e antipática. Nem uma irmã seria tão parecida com um irmão. Era a mesma pessoa, sem sombra de dúvida. E, não acreditando nem por um segundo que pudesse ser Gabriel travestido em roupas de mulher, Lupin, pelo contrário, teve a firme impressão de estar diante de uma mulher, e que o adolescente que o perseguira com seu ódio e o ferira com um punhal era efetivamente uma mulher. O casal Dugrival a acostumara àquele disfarce de garoto para facilitar o exercício da sua profissão.

— Você... você... — repetia. — Quem teria imaginado?

Ela despejou dentro da xícara o conteúdo de um pequeno frasco.

— Beba este tônico — disse.

Ele hesitou, pensando em algum veneno.

Ela insistiu:

— Fui eu que o salvei.

— Sim, é verdade — disse ele. — Foi você que desarmou o revólver?

— Sim.

— E foi você que deu sumiço na faca?

— Está aqui no meu bolso.

— E foi você que quebrou a vidraça na hora em que sua tia estava me estrangulando?

— Sim, peguei um peso de papel que estava em cima da mesa e joguei lá para fora.

— Mas por quê? Por quê? — ele perguntou, absolutamente perplexo.

— Beba.

— Então não queria que eu morresse? Mas, sendo assim, por que me apunhalou no começo?

— Beba.

Ele esvaziou a xícara de um gole só, sem saber bem o porquê daquela súbita confiança.

— Vista-se! Depressa! — ordenou ela, retirando-se para perto da janela.

Lupin obedeceu, e ela voltou para junto dele quando ele desabou numa cadeira, extenuado.

— Temos que ir, é preciso, mal temos tempo para... Junte todas as suas forças.

Curvou-se um pouco para que ele se apoiasse no seu ombro, e o conduziu em direção à porta e à escada.

E Lupin andava, andava, como quem anda num sonho, num desses sonhos bizarros em que as coisas mais doidas acontecem, e que era a feliz continuação do terrível pesadelo que vinha vivendo nas duas últimas semanas.

Um pensamento lhe ocorreu, entretanto, e ele se pôs a rir.

— Pobre Ganimard! Ele realmente não tem sorte. Eu até pagava

dois tostões para assistir à minha prisão.

Depois de descer a escada, graças à companheira que o amparava com extraordinária energia, viu-se na rua, diante de um automóvel em que ela o ajudou a subir.

— Vamos — disse ela ao motorista.

Lupin, atordoado pelo ar livre e o movimento, mal reparou no trajeto e nos incidentes do caminho. Recobrou plenamente os sentidos em casa, numa das residências que habitava, e aos cuidados de um dos seus empregados a quem a jovem dava instruções.

— Saia — disse ela ao empregado.

E, como ela também se virasse para ir embora, ele a deteve por uma dobra do vestido.

— Não... não. Primeiro, precisa me explicar. Por que me salvou? Você voltou lá escondida da sua tia? Diga, por que me salvou? Por pena?

Ela se calou e, com o busto aprumado, a cabeça ligeiramente jogada para trás, mantinha seu ar duro e enigmático. Lupin julgou notar, contudo, que a expressão da sua boca era menos de crueldade do que de amargura. Seus olhos, seus lindos olhos negros, revelavam melancolia. E Lupin, ainda sem compreender, intuiu confusamente o que se passava dentro dela. Pegou sua mão. Ela o rechaçou, com um gesto de revolta em que ele percebia o ódio, quase a repulsa. E, como insistisse, ela exclamou:

— Ora, me deixe em paz! Me deixe! Então não sabe que o detesto?

Eles se encararam por um instante, Lupin desconcertado, ela trêmula e perturbada, o rosto pálido tomado por um rubor insólito. Ele disse então, mansamente:

— Se me detesta, devia ter me deixado morrer. Era fácil. Por que não fez isso?

— Por quê? Por quê? E eu lá sei?

Seu rosto se contraiu. Ela o escondeu depressa entre as mãos, e ele viu duas lágrimas escorrendo por seus dedos.

Comovido, esteve a ponto de lhe dizer palavras afetuosas, como a uma menininha a quem se quer consolar, de dar-lhe conselhos, e salvá-la, tirá-la da má vida que levava.

Mas pronunciadas por ele aquelas palavras soariam absurdas, e já não sabia o que dizer, agora que compreendia a história toda, que podia imaginar a moça à sua cabeceira de doente, cuidando do homem que ela havia ferido, admirando sua coragem e seu bom humor, afeiçoando-se a ele, apaixonando-se por ele, e, por três vezes — involuntariamente, sem dúvida, numa espécie de impulso instintivo mesclado de raiva e rancor —, salvando-o da morte.

Aquilo era tão estranho, tão inesperado, e tamanho era o espanto de Lupin, que dessa vez não tentou detê-la quando ela foi andando para a porta, de costas e sem tirar os olhos dele.

Ela abaixou a cabeça, sorriu de leve e se foi.

Ele, com um gesto brusco, tocou a campainha.

— Siga aquela mulher — disse a um empregado. — Não, esqueça. Pensando bem, é melhor assim.

Permaneceu um bom tempo pensativo. A imagem da moça não lhe saía da cabeça. Então repassou mentalmente toda aquela curiosa, comovente e trágica aventura em que estivera a um triz de sucumbir e, pegando um espelho sobre a mesa, contemplou demoradamente, não sem certa complacência, seu rosto, que a doença e a aflição não haviam arruinado demais.

— Pois então! — murmurou. — É nisso que dá ser um rapaz bonito!

5. A ECHARPE DE SEDA VERMELHA

AO SAIR DE CASA NAQUELA MANHÃ, na sua hora costumeira de ir para Palácio de Justiça, o inspetor-chefe Ganimard reparou na movimentação um tanto curiosa de um indivíduo que caminhava à sua frente pela rua Pergolèse.

A cada cinquenta ou sessenta passos que dava, esse homem, pobremente vestido, usando um chapéu de palha embora estivessem em novembro, se agachava para amarrar os sapatos, ou para pegar a bengala, ou por outro motivo qualquer. E, a cada vez, tirava do bolso um pedacinho de casca de laranja e o depositava de modo furtivo na beira da calçada.

Simples mania, sem dúvida, entretenimento pueril a que ninguém prestaria atenção; mas Ganimard era um desses observadores perspicazes a quem nada passa despercebido e que não se dão por satisfeitos enquanto não descobrem a razão secreta das coisas. Portanto, começou a seguir o indivíduo.

Ocorre que, no momento em que este entrou à direita na avenida de la Grande-Armée, o inspetor o surpreendeu trocando sinais com um garoto de uns doze anos, que estava andando ao longo dos prédios do lado esquerdo.

Vinte metros adiante, o indivíduo se agachou e dobrou a barra das calças. Uma casca de laranja registrou sua passagem. No mesmo instante, o garoto parou e, com um toco de giz, desenhou no prédio ao seu lado uma cruz branca rodeada por um círculo.

Os dois indivíduos prosseguiram seu passeio. Um minuto depois, nova parada. O desconhecido juntou um alfinete do chão, deixou cair uma casca de laranja, e o garoto imediatamente desenhou mais uma cruz na parede, que também contornou com um círculo branco.

“Caramba!”, pensou o inspetor-chefe dando um grunhido de satisfação. “Isso promete! Que diabos estarão tramando esses dois

elementos?”

Os dois “elementos” desceram a avenida Friedland e o *faubourg* Saint-Honoré sem que se produzisse nenhum fato digno de nota.

A intervalos quase regulares, a dupla operação se repetia mecanicamente, por assim dizer. Era evidente, contudo, que, de um lado, o homem das cascas de laranja só cumpria sua tarefa depois de escolher o prédio a ser marcado, enquanto, de outro, o garoto só marcava o prédio depois que seu colega dava o sinal.

Estava claro, portanto, que existia um acordo entre eles, e essa manobra parecia extremamente interessante aos olhos do inspetor-chefe.

Chegando à praça Beauvau, o homem hesitou. Por fim, parecendo se decidir, dobrou e desdobrou duas vezes a barra das calças. O garoto então se sentou no meio-fio, na frente do soldado que montava guarda junto ao Ministério do Interior, e riscou na pedra duas cruzes pequenas e dois círculos.

Na altura do Élysée-Palace, o mesmo ritual. Com a diferença de que, nessa calçada em que deambulava a sentinela presidencial, foram três sinais riscados em vez de dois.

“O que significa isso?”, murmurou Ganimard, pálido de emoção, e pensando, malgrado seu, no seu eterno inimigo Lupin, como pensava toda vez que uma situação misteriosa se apresentava.

“O que significa isso?”

Sua vontade era agarrar e interrogar os dois “elementos”. Mas era esperto demais para cometer uma tolice dessas. Entretanto, o homem das cascas de laranja tinha acendido um cigarro, e o garoto, também munido de um toco de cigarro, se aproximou com a aparente intenção de lhe pedir fogo.

Trocaram algumas palavras. Com presteza, o garoto estendeu para o colega um objeto que tinha a forma de um revólver na sua bainha — pelo menos, assim julgou o inspetor. Debruçaram-se ambos sobre esse objeto e, por seis vezes, o homem, virado para a parede, levou a mão ao bolso e fez um gesto como se carregasse uma arma.

Cumprida essa tarefa, voltaram por onde tinham vindo, entraram na rua de Surène, e o inspetor, que os seguia tão de perto quanto

possível, correndo o risco de ser notado, viu que cruzavam o pórtico de um prédio antigo, cujas janelas estavam todas fechadas, exceto as do terceiro e último andar.

Precipitou-se atrás deles. Cruzando o pórtico, avistou ao fundo de um pátio amplo a placa de uma empresa de pintura predial e, à esquerda, uma escadaria.

Subiu e, já no primeiro andar, sua pressa só fez aumentar quando ouviu uma barulheira, como que de pancadas, vindo lá de cima.

Chegando ao patamar do último piso, deparou com a porta aberta. Entrou, apurou o ouvido um instante, escutou um barulho de luta, correu até o quarto de onde parecia vir o barulho e estacou no vão da porta, arquejante e muito surpreso ao ver o homem das cascas de laranja e o garoto batendo com cadeiras no chão.

Nisso, uma terceira personagem saiu de um cômodo vizinho. Era um homem de uns vinte e oito, trinta anos, que usava suíças aparadas, óculos, um blazer com forro de astracã e aparentava ser estrangeiro, russo.

— Bom dia, Ganimard — disse ele.

E, dirigindo-se aos dois comparsas:

— Obrigado, amigos, e parabéns pelo resultado. Aqui está a recompensa prometida.

Entregou-lhes uma nota de cem francos, empurrou-os para fora e fechou as duas portas atrás de si.

— Peço mil desculpas, camarada — disse a Ganimard. — Mas precisava falar com você, e era urgente.

Estendeu a mão para o inspetor, mas, como este continuasse aturdido e com o rosto desfigurado de raiva, o homem exclamou:

— Você parece não ter entendido, embora seja muito claro. Eu precisava vê-lo com urgência. Então, não é...

E fingindo responder a uma objeção:

— Não, não, camarada, engano seu. Se eu tivesse escrito ou telefonado, você não viria, ou viria com todo um batalhão. E eu queria falar com você a sós. Então me ocorreu mandar esses dois simpáticos rapazes ao seu encontro, com ordem de espalhar cascas de laranja, desenhar cruzeiros e círculos, em suma, orientar seu caminho até aqui.

Ora, o que foi? Parece perplexo. Qual é o problema? Não está me reconhecendo? Lupin, Arsène Lupin... Vasculhe sua memória. Esse nome não lhe lembra nada?

— Cretino! — vociferou Ganimard entre dentes.

Lupin fez um ar desolado e, num tom afetuoso, disse:

— Está zangado? Está, sim, dá para ver nos seus olhos. É o caso Dugrival, não é? Eu devia ter esperado você vir me prender? Ó, céus! E eu que nem pensei nisso! Mas prometo que numa próxima...

— Canalha! — praguejou Ganimard.

— E eu achando que você ia gostar! Sério! Pensei cá comigo: “Bom e velho Ganimard! Faz tempo que a gente não se vê. Ele vai pular nos meus braços”.

Ganimard, que não movera um músculo, pareceu emergir do estupor em que estava. Olhou ao redor, olhou para Lupin, pareceu de fato se perguntar se não ia pular nos seus braços e então, dominando-se, pegou uma cadeira e sentou, como que se decidindo, de repente, a ouvir o que seu adversário tinha a dizer.

— Fale — disse ele —, e sem embromação. Estou com pressa.

— Isso mesmo, conversemos — disse Lupin. — Não poderia haver local mais tranquilo. É um antigo palacete que pertence ao duque de Rochelaure, o qual, já que nunca o ocupa, me alugou esse andar e cedeu o espaço das estrebarias para uma empresa de pintura. Tenho outras moradias desse tipo, é muito prático. Aqui, e no que pese minha aparência de nobre russo, sou o sr. Jean Daubreuil, ex-ministro. Escolhi uma profissão mais comum para não chamar a atenção, você entende...

— E eu com isso, pode me dizer? — interrompeu Ganimard.

— Tem razão, eu aqui tagarelando, e você está com pressa. Desculpe, vou ser breve. Cinco minutos. Já começo... Um charuto? Não? Perfeito. Eu também não.

Sentou-se por sua vez, tamborilou na mesa enquanto matutava, e então falou:

— Em 17 de outubro de 1599, num lindo dia quente e alegre... Está acompanhando? Então, em 17 de outubro de 1599... Pensando bem, será mesmo necessário remontar ao reinado de Henrique IV e

discorrer sobre a crônica da Pont Neuf? Não, você não deve ser muito versado em história da França, e posso acabar lhe confundindo as ideias. Saiba apenas, então, que naquela noite, por volta de uma da manhã, um barqueiro que vinha passando sob a arcada dessa mesma Pont Neuf, para o lado da margem esquerda, ouviu alguma coisa caindo na dianteira da sua embarcação, algo que tinha sido jogado do alto da ponte e estava visivelmente destinado às profundezas do Sena. O cachorro correu para cima, latindo, e o barqueiro, chegando à ponta do barco, viu que ele sacudia na boca um pedaço de jornal que servira para embrulhar diversos objetos. Juntou aqueles que não tinham caído na água e, voltando à sua cabine, examinou-os. O que viu lhe pareceu interessante e, como esse homem tem ligação com um amigo meu, mandou me avisar. E agora de manhã esse amigo me acordou para me pôr a par do caso, e de posse dos objetos recolhidos. Aqui estão eles.

E mostrou os objetos dispostos sobre uma mesa: pedaços rasgados de um jornal, um pesado tinteiro de cristal com um barbante comprido amarrado na tampa, um estilhaço de vidro e uma espécie de papelão flexível reduzido a trapo. Por fim, um retalho de seda vermelho escarlate, arrematado por uma borla do mesmo tecido e da mesma cor.

— Veja nossas provas materiais, meu amigo — prosseguiu Lupin. — É claro que o problema a resolver ficaria mais fácil se tivéssemos os outros objetos, os que foram dispersados pela estupidez do cachorro. Mas acredito que podemos nos virar com um pouco de reflexão e inteligência. Que são, justamente, suas maiores qualidades. E então, o que me diz?

Ganimard não reagiu. Podia até se submeter à falação de Lupin, mas sua dignidade o proibia de responder com uma única palavra, ou um simples meneio de cabeça, que pudessem passar por aprovação ou crítica.

— Vejo que somos inteiramente da mesma opinião — continuou Lupin, parecendo não reparar no silêncio do inspetor-chefe. — E resumo, assim, numa frase definitiva, o caso tal como é narrado por essas provas materiais. *Ontem à noite, entre as nove e a meia-noite, uma moça de modos extravagantes foi esfaqueada, e a seguir esganada até a*

morte, por um cavalheiro bem-vestido, que usa monóculo, pertence ao mundo do turfe e com o qual a referida moça acabara de comer três merengues e uma bomba sabor café.

Lupin acendeu um cigarro e, segurando a manga de Ganimard:

— Está de queixo caído, não é, inspetor-chefe? Achava que, no campo das deduções policiais, semelhantes proezas eram vedadas aos leigos. Ledo engano, cavalheiro. Lupin maneja as deduções como um detetive de romance. Minhas provas? Flagrantes e elementares.

E prosseguiu, designando os objetos à medida que explanava:

— Assim, portanto, *ontem à noite depois das nove horas* (esse fragmento de jornal traz a data de ontem e a menção “jornal vespertino”; além disso, pode ver, aqui, colada no papel, parte de uma dessas tiras amarelas usadas na remessa dos exemplares para assinantes, exemplares estes que só chegam em domicílio pelo correio das nove), assim, depois das nove, *um cavalheiro bem-vestido* (repare que na borda desse estilhaço de vidro há um buraco redondo de monóculo, e que o monóculo é um acessório essencialmente aristocrático), *um cavalheiro bem-vestido entrou numa confeitaria* (aqui está o papelão bem fino, em forma de caixa, onde ainda se veem vestígios do creme dos merengues e da bomba que estavam embalados nele, como é costume). Munido do seu pacote, o cavalheiro de monóculo foi se encontrar com essa jovem, cujos modos extravagantes são suficientemente indicados por essa echarpe de seda vermelha escarlate. Durante o encontro, e por motivos ainda ignorados, ele primeiro *a esfaqueou, e depois a esganou com esta echarpe de seda*. (Se pegar sua lupa, inspetor-chefe, verá, sobre a seda, marcas de um vermelho mais escuro que são, aqui, as marcas de uma faca enxugada, e ali, as de uma mão ensanguentada agarrando um tecido). Uma vez cometido seu crime, e a fim de não deixar rastro, ele tira do bolso: em primeiro lugar, o jornal que ele assina, e que é (dê uma olhada nesse fragmento) um jornal de turfe, cujo nome será fácil para você descobrir; em segundo, um cordel, que vem a ser um cordel de chicote (e esses dois detalhes provam, não é, que nosso homem se interessa por turfe e que lida, ele próprio, com cavalos). A seguir, junta os cacos do seu monóculo, cujo cordão se partiu durante a luta. Com uma

tesoura (observe aqui as marcas dos picotes), corta fora a parte manchada da echarpe, deixando a outra decerto presa nas mãos crispadas da vítima. Amassa a embalagem da confeitaria. Ainda acrescenta outros objetos passíveis de denunciá-lo, como a faca, que devem ter caído no Sena. Embrulha tudo num jornal, amarra com barbante e prende junto, para fazer peso, esse tinteiro de cristal. E se manda. Instantes depois, o pacote cai na embarcação do barqueiro. E é isso. Ufa! Estou até com calor. E então, o que me diz dessa história?

Observou Ganimard para avaliar o efeito que seu relato produzia no inspetor. Ganimard não se desfez do seu silêncio.

Lupin se pôs a rir.

— Você, no fundo, está admirado. Mas também está desconfiado. “Por que esse danado do Lupin está me passando o caso, em vez de ficar com ele, correr atrás do assassino e depená-lo, se tiver havido roubo?” A pergunta tem lógica, claro. Mas... existe um mas: me falta tempo. Estou, no momento, soterrado de trabalho. Um assalto em Londres, outro em Lausanne, uma troca de crianças em Marselha, o salvamento de uma moça rondada pela morte, tudo isso ao mesmo tempo. Então pensei: “Quem sabe não passo o caso para o bom e velho Ganimard? Agora que já está semissolucionado, ele é bem capaz de dar conta. E que favor vou estar lhe prestando! Que destaque isso não vai lhe dar! Dito e feito. Às oito da manhã, despachei ao seu encontro o sujeito das cascas de laranja. Você mordeu a isca e, às nove horas, chegou aqui todo faceiro.

Lupin se levantara. Inclinou-se um pouco para o inspetor e lhe disse, olhando nos seus olhos:

— Ponto final. Acabou a história. Agora à tarde, possivelmente, saberá quem é a vítima: alguma dançarina de balé ou cantora de café-concerto. Por outro lado, há boas chances de o culpado morar nos arredores da Pont Neuf, mais provavelmente na margem esquerda. Enfim, aqui estão todas as provas materiais. Eu lhe dou de presente. Trabalhe. Só vou ficar com essa ponta da echarpe. Caso precise reconstituir a echarpe inteira, traga-me a outra ponta, essa que a justiça vai tirar do pescoço da vítima. Traga-a daqui a exatamente um mês, ou seja, no dia 28 de dezembro próximo, às dez horas. Pode estar

certo de me encontrar aqui. E fique tranquilo, meu amigo: tudo isso é sério, juro. Não há trapaça nenhuma. Pode ir em frente. Ah, a propósito, um detalhe importante: quando for prender o sujeito do monóculo, cuidado, ele é canhoto. Adeus, camarada, e boa sorte!

Lupin fez uma pirueta, foi até a porta, abriu-a e desapareceu antes de Ganimard sequer decidir o que fazer. O inspetor se levantou de um salto, ia correr atrás dele, mas logo constatou que a maçaneta da porta, por algum mecanismo que ele desconhecia, não girava. Levou uns dez minutos para desparafusar a fechadura, mais dez para desparafusar a da porta da antecâmara. Quando finalmente desceu os três andares em disparada, já não tinha a menor esperança de alcançar Arsène Lupin.

Nem cogitou fazê-lo, aliás. Lupin lhe inspirava um sentimento bizarro e complexo em que se mesclavam medo, rancor, uma admiração involuntária e também a vaga intuição de que, por mais que se esforçasse, por mais persistente que fosse, jamais venceria tal adversário. Perseguia-o por obrigação e por amor-próprio, mas com um incessante receio de ser ludibriado por esse terrível mistificador e ridicularizado perante um público sempre disposto a rir dos seus reveses.

Essa história da echarpe vermelha, em particular, parecia-lhe bastante dúbia. Interessante, sem dúvida, em mais de um aspecto, mas quão inverossímil! E quão pouco, além disso, a explicação de Lupin, aparentemente tão lógica, resistia a um exame mais severo.

“Não”, pensou Ganimard, “isso não passa de lorota, um amontoado de suposições e hipóteses sem nenhum fundamento. Não vou cair nessa.”

Quando chegou ao Quai des Orfèvres, 36, estava firmemente decidido a considerar o incidente nulo e sem efeito.

Subiu até o andar da Sûreté. Lá, um colega indagou:

— Você falou com o chefe?

— Não.

— Ele perguntou por você ainda há pouco.

— Ah, é?

— Sim, vá atrás dele.

— Onde ele está?

— Na rua de Berne. Houve um assassinato na noite passada.

— Mesmo? Quem é a vítima?

— Não sei direito, acho que uma cantora de café-concerto.

Ganimard apenas murmurou:

— Com mil diabos!

Vinte minutos depois, saiu do metrô e se dirigiu para a rua de Berne.

A vítima, conhecida no meio teatral pela alcunha de Jenny Safira, morava num modesto apartamento situado no segundo andar. Depois de atravessar dois cômodos, conduzido por um policial, o inspetor-chefe entrou no quarto onde já se achavam os magistrados incumbidos da investigação, o sr. Dudouis, chefe da Sûreté, e um médico-legista.

Já num primeiro relance, Ganimard estremeceu. Estendido num divã, viu o corpo de uma jovem com as mãos crispadas num farrapo *de seda vermelha*! O ombro, à mostra pelo decote da blusa, exibia duas marcas de ferimentos rodeados de sangue coagulado. O rosto convulsionado, quase preto, tinha uma expressão de pavor desvairado.

O médico-legista, que acabava de concluir o exame, pronunciou-se:

— Minhas conclusões preliminares são muito claras. A vítima foi primeiro atingida por duas punhaladas e depois estrangulada. Trata-se manifestamente de morte por asfixia.

“Com mil diabos!”, pensou Ganimard outra vez, recordando as palavras de Lupin e a descrição que ele fizera do crime.

O juiz de instrução objetou:

— Mas não há sinal de equimose no pescoço.

— O estrangulamento — declarou o médico — pode ter sido feito com essa echarpe de seda que a vítima estava usando, e da qual resta essa parte, que ela agarrou com as duas mãos para se defender.

— Mas por que resta só essa parte? — perguntou o juiz. — Onde está a outra?

— A outra, talvez manchada de sangue, o assassino deve ter levado. Pode-se ver nitidamente o recorte apressado da tesoura.

— Com mil diabos! — Ganimard repetiu entre dentes pela terceira vez. — Esse cretino do Lupin deduziu tudo sem estar aqui!

— E o motivo do crime? — indagou o juiz. — As fechaduras foram arrombadas, os armários, vasculhados. Sabe informar alguma coisa a respeito, sr. Dudouis?

O chefe da Sûreté respondeu:

— Bem, posso ao menos adiantar uma hipótese, com base nas declarações da empregada. A vítima, mais conhecida pela beleza do que por seus parcos talentos de cantora, fez uma viagem à Rússia, dois anos atrás, de onde voltou trazendo uma safira magnífica, supostamente presenteada por um personagem da corte. Jenny Safira, como a chamavam desde então, tinha muito orgulho desse presente, embora, por cautela, não o usasse. Não seria o caso de supor que o roubo da safira foi o motivo do crime?

— E a camareira sabia onde ela guardava essa pedra?

— Não, ninguém sabia. E a desordem do quarto tende a provar que o assassino também não sabia.

— Vamos interrogar a camareira — declarou o juiz de instrução.

O sr. Dudouis chamou o inspetor-chefe à parte e lhe perguntou:

— O que houve, Ganimard? Você está esquisito. Tem alguma suspeita?

— Não, nada, chefe.

— Que pena. Estamos precisando de uma ação brilhante na Sûreté. Já são vários crimes desse tipo de que não descobrimos o autor. Desta vez temos que pegar o culpado, e rápido.

— Difícil, chefe.

— Mas é preciso. Escute só, Ganimard. Segundo a camareira de Jenny Safira, a cantora, que levava uma vida muito pacata, recebeu frequentes visitas neste último mês, na hora em que costumava voltar do teatro, ou seja, por volta das dez e meia, de um indivíduo que ficava até mais ou menos meia-noite. “É um homem da alta sociedade”, afirmava Jenny Safira, “e quer se casar comigo.” Esse homem da sociedade tomava todas as precauções para não ser visto, aliás: levantava a gola do casaco e abaixava a aba do chapéu ao passar pela portaria. E Jenny Safira sempre dispensava a camareira, antes mesmo de ele chegar. Precisamos achar esse indivíduo.

— Ele não deixou nenhum rastro?

— Nenhum. Está claro que se trata de um sujeito muito esperto, que planejou seu crime e o executou com todas as chances de impunidade possíveis. Sua prisão nos traria grande prestígio. Conto com você, Ganimard.

— Conta comigo, chefe? — respondeu o inspetor. — Bem, vamos ver, vamos ver... Não digo que não, mas eu...

Ele parecia muito nervoso, e sua agitação intrigou o sr. Dudouis.

— Mas eu — prosseguiu Ganimard —, eu juro... Está me ouvindo, chefe? Eu juro que...

— Você jura o quê?

— Não, nada. Vamos ver, chefe, vamos ver.

Foi só lá fora, quando se viu sozinho, que Ganimard terminou sua frase. E a terminou em voz alta, batendo o pé, e num tom extremamente colérico:

— Mas eu juro perante Deus que vou efetuar essa prisão pelos meus próprios meios, e não vou usar nenhuma informação dada por aquele miserável. Não vou mesmo!

Vituperando contra Lupin, furioso por estar envolvido naquele caso, e ainda assim decidido a desvendá-lo, andou a esmo pelas ruas. Com a cabeça em polvorosa, tentava ordenar um pouco as ideias e descobrir, em meio aos fatos esparsos, algum pequeno detalhe, insuspeitado por todos, não percebido por Lupin, que pudesse levá-lo ao sucesso.

Almoçou rápido numa loja de vinhos, depois retomou sua andança, e de repente estacou, estupefato, perplexo. Estava cruzando o pórtico do mesmo prédio da rua de Surène para onde Lupin o atraíra algumas horas antes. Uma força mais potente do que sua vontade o trouxera de volta. A solução do problema estava ali. Ali se achavam todos os elementos da verdade. O que quer que ele fizesse, as asserções de Lupin eram tão exatas, eram tão corretos seus cálculos, que, perturbado no fundo do seu ser por tão prodigiosa dedução, só lhe restava retomar a obra no ponto em que seu inimigo a deixara.

Sem mais resistir, subiu os três andares. O apartamento estava aberto. Ninguém havia mexido nas provas materiais. Enfiou-as no bolso.

A partir daí, passou a raciocinar e agir mecanicamente, por assim

dizer, sob o estímulo do mestre ao qual não podia não obedecer.

Admitindo que o desconhecido morasse nas cercanias da Pont Neuf, precisava encontrar, no caminho que vai dessa ponte à rua de Berne, a importante confeitaria que ficava aberta à noite, onde os doces tinham sido comprados. A busca não demorou muito. Perto da estação Saint-Lazare, um confeitoiro lhe mostrou caixinhas de papelão idênticas, no material e na forma, àquela que Ganimard tinha consigo. Além disso, uma das vendedoras recordava ter servido, na noite anterior, um cavalheiro todo encapotado num casaco de pele, mas cujo monóculo havia notado.

— Pronto, verificado um primeiro indício — pensou o inspetor. — Nosso homem usa monóculo.

Em seguida, juntou os fragmentos do jornal de turfe e os mostrou a um jornaleiro, que identificou com facilidade o *Turf illustré*. Depois foi até a redação do *Turf* e pediu a lista dos assinantes. Nessa lista, levantou o nome e endereço de todos que moravam nas proximidades da Pont Neuf, e mais especialmente, *já que Lupin assim dissera*, na margem esquerda do rio.

Então voltou à Sûreté, recrutou meia dúzia de homens e os despachou com as instruções necessárias.

Às sete da noite, o último homem voltou e lhe deu a boa notícia. Um certo sr. Prévailles, assinante do *Turf*, morava num apartamento de mezanino no Quai des Augustins. Na noite anterior, saíra de casa vestindo um casaco de pele, pegara sua correspondência e seu *Turf illustré* com a zeladora antes de ir e regressara por volta da meia-noite.

Esse sr. Prévailles usava monóculo. Era assíduo frequentador do hipódromo e possuía, ele próprio, vários cavalos, que montava pessoalmente ou cedia em locação.

A investigação tinha sido tão rápida, e os resultados tão conformes com as previsões de Lupin, que Ganimard se sentiu transtornado ao ouvir o relatório do agente. Constatava, uma vez mais, a prodigiosa extensão dos talentos de Lupin. Nunca, em toda a sua já longa vida, tinha visto tanta clarividência, uma mente tão arguta e tão rápida.

Foi falar com o sr. Dudouis.

— Está tudo pronto, chefe. O senhor tem um mandado?

— O quê?

— Eu disse que está tudo pronto para a prisão, chefe.

— Já sabe quem é o assassino de Jenny Safira?

— Já.

— Mas como? Explique-me.

Ganimard sentiu algum escrúpulo, enrubesceu um pouco, mas ainda assim respondeu:

— Puro acaso, chefe. O assassino jogou no Sena tudo que pudesse comprometê-lo. Alguém resgatou parte do pacote e me entregou.

— Quem?

— Um barqueiro que não quis se identificar por medo de represálias. Mas eu já tinha todos os indícios necessários. Foi fácil.

O inspetor então contou de que forma procedera.

— E você chama isso de acaso! — exclamou o sr. Dudouis. — E diz que foi fácil! Ora, meu caro Ganimard, essa é uma das suas melhores operações. Conduza-a você mesmo até o fim, e seja prudente.

GANIMARD QUERIA ACABAR logo com aquilo. Foi até o Quai des Augustins com seus homens, que distribuiu ao redor do prédio. A zeladora, interrogada, declarou que o morador em questão fazia as refeições fora, mas costumava passar em casa depois do jantar.

E, de fato, pouco antes das nove, debruçada à sua janela, ela alertou Ganimard, que deu imediatamente um breve assobio. Um cavalheiro de cartola e casaco de pele andava pela calçada que margeia o rio. Atravessou a rua e veio em direção ao prédio.

Ganimard se adiantou:

— Sr. Prévailles?

— Sim, sou eu. E o senhor, quem é?

— Estou encarregado de uma missão...

Não teve tempo de terminar a frase. Ao ver os homens surgindo da escuridão, Prévailles recuou rapidamente em direção à parede e, fazendo frente aos seus adversários, encostou-se na porta de uma loja situada no térreo, cujas janelas estavam fechadas.

— Para trás! — gritou. — Não o conheço.

Sua mão direita brandia uma pesada bengala, enquanto a esquerda,

às suas costas, parecia tentar abrir a porta.

Ganimard pensou que ele poderia tentar fugir por ali e por alguma saída secreta.

— Vamos lá, sem trapaças — disse, aproximando-se. — Você está cercado. Renda-se.

Contudo, no exato momento em que segurou a bengala de Prévaillès, Ganimard se lembrou do alerta de Lupin: Prévaillès era canhoto, e o que estava buscando com a mão esquerda era seu revólver.

O inspetor se abaixou depressa, tinha visto o gesto repentino do sujeito. Ouviram-se dois disparos. Ninguém foi atingido.

Segundos depois, Prévaillès levava uma coronhada no queixo que o derrubou no ato. Às nove horas, dava entrada na carceragem.

GANIMARD, NESSA ÉPOCA, já gozava de grande reputação. Essa captura, efetuada tão abruptamente e de maneira muito simples, que a polícia divulgou mais do que depressa, valeu-lhe uma súbita celebridade. Prévaillès foi imediatamente acusado de todos os crimes que permaneciam impunes, e os jornais exaltaram as façanhas de Ganimard.

O caso, de início, foi conduzido com celeridade. Verificou-se, para começar, que Prévaillès, cujo verdadeiro nome era Thomas Derocq, já tivera problemas com a justiça. Além disso, as buscas realizadas no seu domicílio, se não produziram novas provas, levaram à descoberta de um novelo de cordão semelhante ao utilizado para amarrar o pacote, e de punhais passíveis de causar ferimentos similares aos da vítima.

No oitavo dia, porém, tudo mudou. Prévaillès, que até então se recusara a responder, Prévaillès, assistido por seu advogado, apresentou um álibi muito preciso: na noite do crime, encontrava-se no Folies-Bergère.

E de fato acabaram encontrando, no bolso do seu smoking, um canhoto do assento e um programa de espetáculo, ambos com data daquela noite.

— Isso é um álibi arranjado — objetou o juiz de instrução.

— Então prove — retrucou Prévailles.

Efetuaram-se acareações. A moça da confeitaria *julgou reconhecer* o cavalheiro de monóculo. A zeladora do prédio da rua de Berne *julgou reconhecer* o cavalheiro que visitava Jenny Safira. Mas ninguém ousava afirmar nada além disso.

De modo que a instrução não encontrou nada de concreto, nenhum terreno firme em que se pudesse fundar uma acusação consistente.

O juiz mandou chamar Ganimard e lhe expôs seu problema.

— Não posso insistir mais nisso, faltam-me elementos de acusação.

— Mas tem a convicção, meritíssimo! Se não fosse culpado, Prévailles não teria resistido à prisão.

— Ele afirma que julgou se tratar de um assalto. Da mesma forma, afirma que não conhecia Jenny Safira, e a verdade é que não achamos ninguém para desmenti-lo. Além do mais, considerando que a safira tenha sido roubada, tampouco a encontramos no seu domicílio.

— Nem em lugar nenhum — objetou Ganimard.

— Certo, mas isso não prova nada contra ele. Sabe do que precisaríamos, Ganimard, e para logo? Da outra parte da echarpe vermelha.

— A outra parte da echarpe?

— Sim, pois está claro que, se o assassino a levou com ele, é porque as marcas de sangue dos seus dedos ficaram impressas no tecido.

Ganimard não respondeu. Já desde alguns dias pressentia que o caso tendia para esse desfecho. Não havia outra prova possível. A echarpe de seda, e somente ela, poderia comprovar a culpabilidade de Prévailles. Ocorre que a própria situação de Ganimard exigia essa culpabilidade. Responsável pela prisão do suspeito, celebrizado por ela, aclamado como o mais temível adversário dos malfeitores, cairia num absoluto ridículo caso Prévailles fosse solto.

Lamentavelmente, a única e indispensável prova se achava no bolso de Lupin. Como recuperá-la?

Ganimard pensou muito, exauriu-se em novas averiguações, retomou a investigação desde o começo, passou noites em claro perscrutando o mistério da rua de Berne, reconstituiu a vida de Prévailles, mobilizou dez homens para descobrir a invisível safira.

Tudo em vão.

Em 27 de dezembro, o juiz de instrução o interpelou nos corredores do Palácio de Justiça.

— E então, sr. Ganimard, alguma novidade?

— Não, meritíssimo.

— Sendo assim, vou arquivar o caso.

— Espere só mais um dia.

— Para quê? Precisamos da outra metade da echarpe. Está com você?

— Vai estar amanhã.

— Amanhã?

— Sim, mas preciso que me empreste a metade que está com o senhor.

— Para quê?

— Pois prometo reconstituir a echarpe completa.

— Combinado.

Ganimard entrou no gabinete do juiz. Saiu de lá com o trapo de seda.

— Com mil demônios! — resmungou — Vou buscar essa prova, e vou obtê-la. Isso se o sr. Lupin ousar comparecer ao encontro marcado.

No fundo, não duvidava de que o sr. Lupin tivesse essa audácia, e era justamente isso que o irritava. Por que Lupin queria esse encontro? O que pretendia com isso?

Perturbado, com o coração cheio de raiva e consumido pelo ódio, decidiu tomar todas as precauções necessárias, não só para não cair em alguma cilada mas também para não perder a oportunidade, já que esta se apresentava, de apanhar seu inimigo no ato. Assim, no dia seguinte, que era 28 de dezembro, a data marcada por Lupin, depois de passar a noite estudando o antigo palacete na rua de Surène e estar convencido de que não havia outra saída além da entrada principal, depois de avisar seus homens que iria efetuar uma ação perigosa, foi com eles que chegou ao campo de batalha.

Deixou-os de prontidão num café. As ordens eram formais: se ele aparecesse numa das janelas do terceiro andar, ou se não voltasse ao

fim de uma hora, os agentes deveriam invadir o prédio e deter quem tentasse sair.

O inspetor se certificou de que seu revólver estava funcionando e que poderia sacá-lo facilmente do bolso. E então subiu.

Ficou um tanto surpreso ao ver que estava tudo tal como ele deixara, isto é, as portas abertas e as fechaduras arrombadas. Depois de verificar que as janelas do aposento principal davam mesmo para a rua, percorreu os três outros cômodos que compunham o apartamento. Não havia ninguém.

— O sr. Lupin ficou com medo — murmurou, não sem certa satisfação.

— Não seja tolo — disse uma voz atrás dele.

Virando-se, viu na soleira da porta um velho operário vestindo um comprido guarda-pó de pintor.

— Nem se esforce — disse o homem. — Sou eu, Lupin. Eu agora trabalho na empresa de pintura, comecei hoje. Estou no intervalo do almoço. Então aproveitei para subir aqui.

Examinou Ganimard com um sorriso alegre e exclamou:

— Que momento incrível está me proporcionando, meu amigo. Sério! Não o trocaria por dez anos da sua vida, e olhe que eu gosto de você! O que lhe parece, senhor? Tudo articulado, pensado? Pensado de A a Z? Entendi direito o caso? Consegui desvendar o mistério da echarpe? Não digo que não houvesse furos na minha argumentação, elos faltando na corrente... Mas que obra-prima de inteligência! Que reconstituição, Ganimard! Que intuição de tudo que tinha acontecido e tudo que ia acontecer, desde a descoberta do crime até sua vinda aqui em busca de uma prova! Que adivinhação fantástica! Você trouxe a echarpe?

— Sim, metade dela. Você trouxe a outra?

— Aqui está. Confrontemos.

Esticaram os dois pedaços de seda sobre a mesa. As marcas de tesoura correspondiam perfeitamente. A cor, além disso, era idêntica.

— Mas imagino que não tenha vindo aqui só para isso — disse Lupin. — O que lhe interessa são as manchas de sangue. Venha comigo, Ganimard, aqui não há luz suficiente.

Foram até o cômodo vizinho, que dava para o pátio e era, de fato, mais claro. Lupin segurou sua metade do tecido contra a vidraça.

— Veja — disse, dando o lugar para o inspetor.

Ganimard estremeceu de alegria. Viam-se distintamente marcas dos cinco dedos e da palma da mão. Era uma prova irrefutável. Com a mão ensanguentada, a mesma mão que esfaqueara Jenny Safira, o assassino tinha segurado o tecido e apertado a echarpe em volta do pescoço.

— E a marca é de uma mão esquerda — observou Lupin. — Daí o alerta que lhe fiz que, como vê, não tinha nada de milagroso. Sim, meu amigo, porque embora admita que me considera um espírito superior, não quero que me trate por bruxo.

Ganimard enfiou prontamente o pedaço de seda no bolso. Lupin anuiu.

— Óbvio, meu caro, isso é para você. Fico tão feliz de deixá-lo feliz! E não havia cilada nenhuma, está vendo? Apenas gentileza. Um favor de colega para colega, de amigo para amigo. E também uma certa curiosidade, confesso... Sim, eu queria dar uma olhada na outra parte do tecido, a que estava com a polícia. Não se preocupe, eu já lhe devolvo. Só um minuto.

Com um gesto displicente, e enquanto Ganimard o escutava malgrado seu, mexia na borla que arrematava aquela metade da echarpe.

— Que engenhosos esses trabalhos manuais femininos! Não sei se você reparou nesse detalhe. Jenny Safira era muito habilidosa, confeccionava ela mesma seus chapéus e vestidos. Esta echarpe obviamente foi feita por ela. Isso é algo que percebi desde o primeiro dia, aliás. Curioso por natureza, como já tive a honra de lhe dizer, eu havia estudado a fundo esse pedaço de seda que você acaba de pôr no bolso, e descoberto, no interior da borla, uma medalhinha que a pobre moça tinha enfiado ali, como um amuleto. Não é um detalhe tocante, Ganimard? Uma medalhinha de Nossa Senhora do Bom Socorro.

O inspetor, muito intrigado, não tirava os olhos dele. Lupin prosseguiu:

— Então pensei cá comigo: seria interessante explorar a outra

metade da echarpe, a que a polícia vai encontrar no pescoço da vítima! Porque essa outra metade, *que finalmente tenho em mãos*, tem o mesmo acabamento, de modo que agora vou saber se ali há também um esconderijo, e o que ele guarda. Mas veja isso, meu amigo, que trabalho mais bem-feito! E não é nada complicado! Basta pegar um feixe de cordões vermelhos e trançá-los em volta de uma bolinha de madeira oca, deixando um cantinho, um espaço vazio no meio, bem pequeno, é claro, mas suficiente para acomodar uma medalha, ou outra coisa qualquer. Uma joia, por exemplo... Uma safira.

Nesse momento, terminando de apartar os cordões de seda, da cavidade de uma bolinha ele tirou, com o polegar e o indicador, uma pedra azul admirável, de um tamanho e uma pureza perfeitos.

— E então, meu amigo, o que foi que eu disse?

Ele ergueu a cabeça. O inspetor, lívido, os olhos esbugalhados, parecia aturdido, fascinado pela pedra que cintilava à sua frente. Compreendia, enfim, toda a maquinação.

— Cretino! — murmurou, repetindo o insulto da primeira conversa. Os dois homens se encaravam frente a frente.

— Me devolva isso — disse o inspetor.

Lupin lhe estendeu o pedaço de tecido.

— E a safira! — ordenou Ganimard.

— Não seja tolo.

— Devolva, senão...

— Senão o quê, seu tonto? — exclamou Lupin. — Ora essa! Está achando que eu lhe entreguei esse caso assim, de graça?

— Devolva!

— Como assim? Está pensando o quê? Faz quatro semanas que venho levando-o pela coleira, e você ainda quer... Ora, Ganimard, pense um pouco, meu caro. Compreenda que nessas quatro semanas você não foi mais do que um cachorrinho obediente. Aqui, Ganimard... traga aqui para o moço... Olhe o totó bonitinho do papai... Me dê a patinha... Quer um biscoito?

Contendo a fúria que fervia dentro dele, Ganimard só pensava numa coisa: chamar seus agentes. E, uma vez que o cômodo em que estava dava para o pátio, foi aos poucos, num movimento giratório, tentando

alcançar a porta. Para dali, de um salto, chegar à janela e quebrar uma das vidraças.

— Nossa! — continuou Lupin. — Você e seu pessoal são mesmo muito tapados! Nesse tempo todo que estão com a echarpe, não houve um que tivesse a ideia de apalpá-la, não houve um que se perguntasse por que motivo a pobre moça tanto se agarrava à echarpe. Nem mesmo um! Vocês agem ao acaso, sem pensar, sem prever.

O inspetor tinha alcançado seu alvo. Aproveitando um momento em que Lupin se afastou um pouco, deu uma súbita meia-volta e pegou na maçaneta da porta. Mas deixou escapar um palavrão: a maçaneta não se movia.

Lupin caiu na gargalhada.

— Nem isso! Nem isso você foi capaz de prever! Você me arma uma arapuca e nem lhe passa pela cabeça que eu talvez fareje alguma coisa. E se deixa atrair para esse quarto, sem se perguntar se não o estou atraindo de propósito, e sem lembrar que as fechaduras possuem mecanismos especiais! Vamos, com toda a sinceridade, o que tem a dizer sobre isso?

— O que eu tenho a dizer? — estrilou Ganimard, fora de si.

Sacou rapidamente o revólver e apontou bem para o rosto do inimigo.

— Mãos ao alto! — gritou.

Dando de ombros, Lupin se plantou na frente dele.

— Mais um vacilo.

— Mãos ao alto, repito!

— Mais um vacilo. Sua engenhoca não vai funcionar.

— O quê?

— A velha Catherine, sua faxineira, trabalha para mim. Ela molhou a pólvora hoje de manhã, enquanto você tomava seu café com leite.

Ganimard fez um gesto furioso, pôs a arma no bolso e foi para cima de Lupin.

— E aí? — disse este, detendo-o no ato com um chute na perna.

Suas roupas quase se tocavam. Seus olhares se provocavam, como os de dois adversários prestes a partir para as vias de fato.

Não houve combate, porém. A memória de lutas pregressas tornava

aquela luta inútil. E Ganimard, lembrando-se de todas as derrotas passadas, dos seus vãos ataques, dos revides fulminantes de Lupin, não se mexia. Não havia nada a fazer, ele sabia. Lupin dispunha das forças contra as quais toda força individual esmorecia. Então, de que adiantava?

— Não é? — concluiu Lupin, com voz amigável. — É melhor parar por aqui. Até porque, meu caro, considere tudo que esse caso já lhe rendeu: prestígio, a certeza de uma promoção muito em breve, e, com ela, a perspectiva de uma velhice tranquila. Não vá querer somar a isso a descoberta da safira, e mais a cabeça do pobre Lupin! Não seria justo. Sem contar que o pobre Lupin salvou sua vida. Sim, senhor! Então quem foi que avisou, aqui nesta mesma sala, que Prévailles era canhoto? E é assim que me agradece? Que feio, Ganimard. Fico bem triste, de verdade!

Enquanto falava, Lupin efetuara a mesma manobra que Ganimard e já estava perto da porta.

Ganimard percebeu que o inimigo ia lhe escapar. Esquecendo a cautela, tentou barrá-lo, e tomou uma formidável cabeçada no estômago que o fez voar para o outro lado da sala.

Lupin, em três gestos, acionou uma mola, girou a maçaneta, entreabriu a porta e escapuliu, dando uma gargalhada.

Quando, vinte minutos depois, Ganimard finalmente foi ter com seus homens, um deles lhe disse:

— Um pintor saiu do prédio na hora em que seus colegas estavam voltando do almoço, e me deu uma carta. “Entregue para o seu chefe”, ele disse. “Que chefe?”, falei. Ele já ia longe. Suponho que seja para o senhor.

— Me dê.

Ganimard abriu a carta. Fora rabiscada às pressas, a lápis, e continha as seguintes palavras:

Esta, meu amigo, é para alertá-lo contra uma credulidade excessiva. Se um sujeito disser que os cartuchos do seu revólver estão molhados, por maior que seja sua confiança nesse sujeito, e mesmo ele se chamando Arsène Lupin, não se deixe engambelar. Atire primeiro, e se o sujeito der uma pirueta na eternidade, você terá a prova: 1o) de que os cartuchos não estavam molhados; 2o) de que a velha Catherine é a mais honesta das faxineiras.

No aguardo da honra de conhecê-la, peço que receba, meu amigo, os afetuosos

6. A MORTE RONDANDO

TENDO CONTORNADO OS MUROS DO CASTELO, Arsène Lupin voltou ao seu ponto de partida. Definitivamente, não havia nenhuma brecha e só era possível penetrar no vasto domínio de Maupertuis por uma pequena porta baixa firmemente trancada por dentro, ou então pelo portão principal junto do qual ficava a guarita do guarda.

— Muito bem — disse ele —, vamos ter que apelar para meios mais drásticos.

Entrando no matagal onde escondera sua motocicleta, desamarrou um rolo de corda fina guardado embaixo do assento e se encaminhou para um lugar que havia notado durante sua exploração. Nesse lugar, situado longe da estrada, na orla de um bosque, grandes árvores dentro do parque transbordavam por cima do muro.

Lupin amarrou uma pedra na ponta da corda e, jogando-a, lançou um galho grande que então bastou puxar e montar em cima. O galho, ao voltar à posição original, levantou-o do chão. Ele passou por cima do muro, deixou-se escorregar pela árvore e saltou suavemente na relva do parque.

Era inverno. Por entre os ramos desfolhados, para além do ondular dos gramados, avistou ao longe o pequeno castelo de Maupertuis. Temendo ser visto, escondeu-se atrás de um grupo de pinheiros. Dali, com o auxílio de um binóculo, estudou a fachada escura e melancólica do castelo. Todas as janelas estavam fechadas e como que defendidas por herméticas venezianas. Parecia uma residência desabitada.

— Caramba! — murmurou Lupin. — Que lugar sinistro! Eu é que não venho passar minha velhice aqui.

Ao soarem três horas no relógio, porém, uma das portas do térreo se abriu sobre o terraço e um vulto de mulher apareceu, muito esguio, envolto num mantô preto.

A mulher deu passos de um lado para o outro durante alguns

minutos, imediatamente cercada por pássaros aos quais jogava migalhas de pão. Depois desceu os degraus de pedra que levavam ao gramado central e o contornou, pegando a alameda da direita.

Com seu binóculo, Lupin a via nitidamente caminhando em sua direção. Era alta, loura, tinha um porte gracioso e aparentava ser muito jovem. Andava a passos lépidos, fitando o pálido sol de dezembro e quebrando os ramos secos dos arbustos pelo caminho.

Chegara a mais ou menos um terço da distância que a separava de Lupin quando irromperam latidos furiosos. Um cão enorme, um dogue alemão colossal, surgiu de uma cabana próxima e se levantou na extremidade da corrente que o prendia.

A jovem foi um pouco para o lado e seguiu caminho, sem dar maior atenção a um incidente que devia se repetir todo dia. O cão latiu com fúria redobrada, de pé sobre as patas traseiras e puxando a coleira com risco de se estrangular.

Trinta ou quarenta passos depois, decerto agastada, ela se virou e fez um gesto com a mão. O dogue alemão se sobressaltou de raiva, recuou até o fundo do canil e pulou de novo, desabalado. A jovem soltou um grito de terror. O cão estava transpondo o espaço, arrastando atrás de si a corrente quebrada.

Ela desatou a correr, correr com todas as forças, e desesperadamente gritava por socorro. O cão, porém, a alcançaria em poucos saltos.

Ela caiu, sentindo-se exausta, perdida. O animal já estava em cima dela, já quase a tocava.

Nesse instante preciso, ouviu-se um tiro. O cão deu uma cambalhota para a frente, endireitou-se, arranhou o chão com as patas, então se deitou, uivou várias vezes, um uivo rouco, arfante, que terminou num lamento surdo e em estertores indistintos. E isso foi tudo.

— Morto — disse Lupin, que acorrera na hora, pronto a disparar seu revólver uma segunda vez.

A jovem se levantou, muito pálida, ainda cambaleante. Examinou, surpresa, aquele homem que não conhecia e acabava de salvar sua vida, e murmurou:

— Obrigada! Que susto! Foi bem a tempo. Eu lhe agradeço muito,

cavalheiro.

Lupin tirou o chapéu.

— Permita que me apresente, senhorita. Paul Daubreuil. Mas, antes de mais explicações, me dê licença um instante.

Inclinou-se sobre o cadáver do cachorro e examinou a corrente no ponto em que se rompera com o puxão do animal.

— Sim, é isso! — murmurou entre dentes. — Como eu suspeitava. Puxa! Os acontecimentos estão se precipitando. Eu deveria ter vindo antes.

Virando-se para a jovem, disse-lhe prontamente:

— Não temos um minuto a perder, senhorita. Minha presença neste parque é totalmente insólita. Não quero que me vejam aqui, e isso apenas por motivos que lhe dizem respeito. Acha que o tiro pode ter sido ouvido no castelo?

A jovem parecia ter se recuperado do susto, e respondeu com uma firmeza que denotava sua índole corajosa:

— Acho que não.

— O senhor seu pai se encontra no castelo?

— Meu pai está enfermo, acamado há vários meses. Além disso, seu quarto tem vista para a outra fachada.

— E os empregados?

— Também habitam e trabalham do outro lado. Ninguém nunca vem para esses cantos. Só eu costumo passear por aqui.

— Ou seja, é provável que também não tenham me visto, mesmo porque estamos dissimulados por essas árvores.

— É provável.

— Então podemos conversar livremente?

— Com certeza, só não sei explicar...

— Já vai entender.

Acercou-se dela mais um pouco e disse:

— Permita-me ser breve. É o seguinte: quatro dias atrás, a srta. Jeanne Darcieux...

— Essa sou eu — disse ela, sorrindo.

— A srta. Jeanne Darcieux — prosseguiu Lupin — escreveu uma carta para uma das suas amigas, chamada Marceline, que reside em

Versalhes.

— Como sabe? — perguntou a jovem, estupefata. — Eu rasguei a carta antes de terminar de escrevê-la.

— E jogou os pedaços na beira da estrada que vai do castelo até Vendôme.

— É verdade, eu estava passeando por ali.

— Alguém juntou esses pedaços, e fui comunicado já no dia seguinte.

— Quer dizer que... leu o que eu escrevi? — perguntou Jeanne Darcieux com certa irritação.

— Sim, cometi essa indiscrição, e não me arrependo, já que posso salvá-la.

— Me salvar do quê?

— Da morte.

Lupin pronunciou essa pequena frase com a voz muito clara. A jovem estremeceu.

— Não estou ameaçada de morte.

— Está, sim, senhorita. Lá por fins de outubro, estava lendo num banco do terraço no qual costumava sentar-se todo dia no mesmo horário quando uma pedra se soltou da cornija, e só por poucos centímetros não a atingiu.

— Foi um acaso...

— Numa bela noite de novembro, estava andando pela horta, ao luar. Houve um tiro, a bala passou zunindo junto ao seu ouvido.

— Bem, foi a impressão que eu tive.

— Por fim, na semana passada, a pontezinha de madeira que cruza o rio do parque, a dois metros da cachoeira, desabou quando a senhorita estava passando por ela. Só por um milagre conseguiu se segurar numa raiz.

Jeanne Darcieux tentou um sorriso.

— É verdade. Mas, como escrevi para Marceline, foi só uma sucessão de coincidências, de acasos.

— Não, não, senhorita. Um acaso desses é admissível, até dois... e olhe lá! Mas não se pode supor que o acaso consiga repetir três vezes o mesmo ato em circunstâncias tão extraordinárias. Por isso, tomei a

liberdade de vir em seu socorro. E uma vez que minha intervenção só poderá ser eficaz se permanecer secreta, não hesitei em entrar na propriedade por outra via que não o portão. Foi bem a tempo, como disse. O inimigo a estava atacando outra vez.

— Como?! O senhor acha? Não, não é possível. Eu me nego a acreditar...

Lupin pegou a corrente do chão e, mostrando a ela:

— Veja o último elo. Não há dúvida de que foi limado. Uma corrente forte como essa não teria cedido. A marca da lima é bem visível, aliás.

Jeanne empalideceu, e o pavor contraiu seu lindo rosto.

— Mas quem pode me odiar a esse ponto? — balbuciou. — Isso é terrível! Eu não fiz mal a ninguém. No entanto, é claro que tem razão. E o pior...

Concluiu, baixando a voz:

— O pior é que me pergunto se esse mesmo perigo não estará ameaçando meu pai.

— Ele também foi atacado?

— Não, já que nunca sai do quarto. Mas a doença dele é tão misteriosa! Já não tem forças, já não consegue andar. Também tem tido crises de sufocamento, como se seu coração fosse parar. Ah, que horror!

Lupin, percebendo a influência que podia ter sobre ela num momento como aquele, disse-lhe:

— Não tenha medo, senhorita. Se me obedecer cegamente, não tenho dúvida de que tudo há de se resolver.

— Sim, sim, está bem. Mas tudo isso é tão assustador!

— Por favor, confie em mim. E me escute. Preciso de algumas informações.

Fez então uma série de perguntas, a que Jeanne Darcieux respondeu prontamente.

— Este cachorro nunca ficava solto, não é?

— Não, nunca.

— Quem o alimentava?

— O vigia. Ele trazia sua ração no final da tarde.

— Isso significa que ele podia se aproximar sem ser mordido?
— Sim, e era o único, pois o cão era muito feroz.
— Não desconfia deste homem?
— De Baptiste? Não! Jamais!
— E não lhe ocorre mais ninguém?
— Não, ninguém. Nossos empregados são muito leais. E gostam muito de mim.

— Tem algum amigo no castelo?
— Não.
— Não tem irmãos?
— Não.
— Então só tem seu pai para protegê-la?
— Sim, e já lhe expliquei a situação em que se encontra.
— Contou para ele sobre essas várias tentativas?
— Sim, e foi um erro. Nosso médico, o velho dr. Guérault, me proibiu de causar-lhe a menor emoção.

— E sua mãe?
— Não me lembro dela. Morreu faz dezesseis anos... exatamente dezesseis anos.

— A senhorita tinha quantos anos?
— Pouco menos de cinco.
— E vocês moravam aqui?
— Não, em Paris. Foi só no ano seguinte que meu pai comprou este castelo.

Lupin permaneceu em silêncio alguns instantes, então concluiu:
— Está bem, senhorita, eu lhe agradeço. Essas informações são suficientes por ora. Além disso, não é prudente ficarmos mais tempo juntos.

— Mas daqui a pouco o vigia vai encontrar o cão — disse ela. — Quem o teria matado?

— A senhorita, para se defender de um ataque.
— Mas eu nunca ando com uma arma.
— Pois parece que sim — disse Lupin, sorrindo —, já que matou esse animal, e a senhorita é a única que pode ter feito isso. E, bem, deixe pensarem o que quiserem. O essencial é que ninguém suspeite

de mim quando eu for ao castelo.

— Ao castelo? Pretende...?

— Ainda não sei como... mas, sim, irei ao castelo. E hoje à noite mesmo. De modo que, repito, fique tranquila que eu cuido de tudo.

Jeanne olhou para ele e, subjugada, cativada por seu ar de segurança e boa-fé, disse simplesmente:

— Estou tranquila.

— Então dará tudo certo. Até hoje à noite, senhorita.

— Até hoje à noite.

Ela se afastou, e Lupin, que a seguiu com os olhos até ela desaparecer no ângulo do castelo, murmurou:

— Linda criatura! Seria uma pena que algo de ruim lhe acontecesse. Felizmente, o bravo Arsène está de olho.

Cuidando para que ninguém o visse, com os ouvidos em alerta, percorreu o parque nos seus mínimos recantos, encontrou a pequena porta baixa que avistara do lado de fora e que dava para a horta, abriu o ferrolho, pegou a chave, e, seguindo ao longo do muro, chegou à árvore que tinha escalado. Dois minutos depois, montava na sua motocicleta.

O VILAREJO DE MAUPERTUIS era quase adjacente ao castelo. Lupin se informou e descobriu que o dr. Guérault morava do lado da igreja.

Tocou a campainha, foi introduzido no consultório e se apresentou como Paul Daubreuil, residente em Paris, à rua de Surène, o qual mantinha relações oficiosas com a Sûreté, sobre as quais pedia absoluto sigilo. Tendo tomado conhecimento, através de uma carta rasgada, dos incidentes que puseram em risco a vida da srta. Darcieux, viera socorrer a jovem.

O dr. Guérault, velho médico do interior muito afeiçoado a Jeanne, reconheceu prontamente, pelas explicações de Lupin, que esses incidentes constituíam provas inegáveis de um complô. Muito emocionado, ofereceu hospitalidade ao visitante e o convidou para jantar.

Os dois homens conversaram por muito tempo. À noite, rumaram juntos para o castelo.

O doutor subiu ao quarto do doente, situado no primeiro andar, e pediu licença para trazer um jovem colega a quem, ansiando por descanso, tencionava repassar sua clientela dentro em breve.

Lupin, ao entrar, avistou Jeanne Darcieux à cabeceira do pai. Ela conteve um gesto de surpresa, e em seguida, a um sinal do médico, retirou-se.

A consulta se deu na presença de Lupin. O sr. Darcieux tinha o rosto encovado pelo sofrimento e seus olhos queimavam de febre. Nesse dia, queixou-se sobretudo do coração. Depois da auscultação, interrogou o médico com manifesta ansiedade, e cada resposta parecia ser um alívio para ele. Falou também sobre Jeanne, convencido de que lhe escondiam alguma coisa e que sua filha fora vítima de outros acidentes. Estava preocupado, mesmo diante das negativas do médico. Queria que a polícia fosse alertada e fizesse investigações.

Essa agitação toda o cansou, porém, e ele acabou adormecendo.

Lupin deteve o médico no corredor.

— Doutor, qual é sua opinião exata? Acha que a doença do sr. Darcieux pode ser atribuída a uma causa externa?

— Como assim?

— Bem, vamos supor que um mesmo inimigo tenha interesse em dar sumiço no pai e na filha...

O dr. Guérault pareceu se impressionar com essa hipótese.

— De fato, de fato... essa enfermidade dele assume às vezes um caráter tão atípico! A paralisia das pernas, por exemplo, que é quase total, deveria ter por corolário...

O doutor refletiu um instante, e então disse, em voz baixa:

— Um veneno, então. Mas qual? Por outro lado, não vejo nenhum sintoma de intoxicação. Isso levaria a supor... Ei! O que está fazendo? O que houve?

Os dois homens conversavam diante de uma saleta que havia no primeiro andar e onde Jeanne, aproveitando a presença do médico junto do pai, começara a jantar. Lupin, que a observava pela porta aberta, viu que levava à boca uma xícara, da qual sorveu alguns goles.

De súbito, precipitou-se sobre ela e segurou seu braço.

— O que está tomando?

— Ora, é um chá — respondeu ela, desconcertada.

— A senhorita fez uma careta de nojo. Por quê?

— Não sei, tive a impressão...

— Teve a impressão...?

— De que estava com um gosto meio amargo. Mas deve ser por causa do remédio que acrescentei a ele.

— Que remédio?

— Umas gotas que tomo na hora do jantar, conforme o senhor me receitou, não é, doutor?

— Sim — declarou o dr. Guérault —, mas esse remédio não tem gosto nenhum. Você sabe disso, Jeanne, se faz quinze dias que o está tomando e essa é a primeira vez...

— Tem razão — murmurou a jovem —, e está com um gosto estranho. E veja só, minha boca está ardendo até agora.

O dr. Guérault pegou a xícara e também tomou um gole:

— Ugh! — exclamou, cuspidando de volta. — Não há como confundir com o remédio!

Lupin, que enquanto isso examinava o frasco do remédio, perguntou:

— Onde fica guardado esse frasco durante o dia?

Mas Jeanne não conseguiu responder. Levara a mão ao peito e, com o semblante lívido, os olhos convulsionados, parecia sentir uma dor imensa.

— Está doendo... está doendo — balbuciou.

Os dois homens a carregaram depressa até seu quarto e a deitaram sobre a cama.

— Precisamos de um vomitivo — disse Lupin.

— Abra o armário — ordenou o médico. — Há um estojo de primeiros socorros. Achou? Pegue um desses tubos. Sim, esse mesmo. E agora, água quente... Veja na bandeja de chá.

Chamada pela campainha, a empregada dedicada a Jeanne correu. Lupin lhe disse que a srta. Darcieux fora acometida por um inexplicável mal-estar.

Em seguida voltou à sala de jantar, inspecionou armários e o aparador, e desceu à cozinha, onde alegou que o médico lhe pedira

para verificar a alimentação do sr. Darcieux. Como quem não quer nada, puxou conversa com a cozinheira, o criado e o vigia, Baptiste, que fazia suas refeições no castelo.

Voltando ao primeiro andar, topou com o médico.

— E então?

— Ela está dormindo.

— Corre algum perigo?

— Não. Por sorte, tinha tomado apenas dois ou três goles. Mas é a segunda vez hoje que salva a vida dela. A análise do frasco irá comprová-lo.

— Nem precisa de análise, doutor. A tentativa de envenenamento é muito clara.

— Mas quem?

— Não sei. Porém o demônio que está arquitetando isso tudo obviamente conhece a rotina do castelo. Vai e vem por aí a seu bel-prazer, passeia pelo parque, lima a corrente do cachorro, põe veneno na comida. Em suma, move-se e age como se vivesse a mesma vida daquela, ou melhor, daqueles que quer eliminar.

— Oh! Acredita realmente que o sr. Darcieux também corre perigo?

— Sem dúvida.

— Um dos criados, então? Mas isso é impensável. Acha que...?

— Eu não acho nada. Não sei de nada. Só sei dizer que a situação é trágica, e podemos temer o pior. A morte está aqui, doutor, está rondando este castelo e, não demora, vai alcançar aqueles que persegue.

— O que fazer?

— Vigiar, doutor. Vamos pretextar que o estado de saúde do sr. Darcieux inspira cuidados para dormirmos nesta saleta. Fica perto dos dois quartos, do pai e da filha. Em caso de alerta, com certeza escutaremos tudo.

Tinham uma poltrona à sua disposição, na qual combinaram se revezar para dormir.

Lupin, na realidade, não descansou mais do que duas ou três horas. No meio da noite, saiu do cômodo sem avisar seu colega, fez uma ronda minuciosa pelo castelo e deixou a propriedade pelo portão

principal.

Por volta das nove, chegou a Paris com sua motocicleta. Dois amigos, a quem tinha telefonado no caminho, o aguardavam. E os três, separadamente, passaram o dia realizando as diligências arquitetadas por Lupin.

Às seis da tarde, veio embora às pressas e, segundo me contou mais tarde, talvez nunca tenha arriscado mais temerariamente sua vida do que naquele trajeto efetuado a uma velocidade insana, numa noite nevoenta de dezembro em que a luz do farol mal rompia a escuridão.

Saltou da motocicleta em frente ao portão ainda aberto, correu até o castelo e galgou em poucos saltos a escada para o primeiro andar.

Na saleta, ninguém.

Sem hesitar, sem bater, entrou no quarto de Jeanne.

— Ah, estão aí — disse, com um suspiro de alívio ao ver Jeanne e o médico conversando lado a lado.

— O que foi? Alguma novidade? — indagou o médico, preocupado ao ver a agitação daquele homem que ele sabia ter sangue-frio.

— Nada — respondeu ele. — Nada de novo. E por aqui?

— Também não. Acabamos de deixar o sr. Darcieux. Estava comendo com apetite, depois de passar um dia excelente. Quanto a Jeanne, como pode ver, já recobrou o colorido das faces.

— Então precisa ir embora.

— Ir embora! Mas isso é impossível — protestou a jovem.

— É preciso! — exclamou Lupin, batendo o pé e com extrema veemência.

Controlou-se de imediato, proferiu algumas palavras de desculpas e então ficou uns três, quatro minutos mergulhado num silêncio profundo, que Jeanne e o doutor cuidaram de não perturbar.

Por fim, disse à jovem:

— Vai partir amanhã de manhã, senhorita, por uma ou duas semanas apenas. Vou levá-la até Versalhes, à casa dessa amiga com quem se corresponde. Peço-lhe encarecidamente que prepare tudo agora à noite, e de forma ostensiva. Informe os criados... O doutor, por sua vez, fará a gentileza de avisar o sr. Darcieux, e explicar-lhe, com todas as precauções possíveis, que essa viagem é indispensável

para a segurança da filha. Ele mesmo, aliás, irá se encontrar com a senhorita assim que sua saúde permitir. Estamos combinados?

— Sim — disse ela, inteiramente subjugada pela voz gentil e imperiosa de Lupin.

— Nesse caso, apresse-se — disse ele —, e não saia mais do quarto.

— Mas e quanto a esta noite? — objetou a jovem, estremecendo.

— Não tenha medo. Ao menor sinal de perigo nós voltamos, o doutor e eu. Só abra a porta se ouvir três batidas bem leves.

Jeanne imediatamente tocou a campainha para chamar a empregada. O médico foi até o quarto do sr. Darcieux, enquanto Lupin pedia que lhe servissem algo de comer na saleta.

— Feito — disse o médico, vinte minutos depois. — O sr. Darcieux não protestou muito. No fundo, ele também acha melhor afastar Jeanne daqui.

Ambos se retiraram e saíram do castelo.

No portão, Lupin chamou o vigia.

— Pode fechar, amigo. Caso o sr. Darcieux precise de nós, mandem nos chamar imediatamente.

Soaram dez horas no relógio da igreja de Maupertuis. Nuvens negras, entre as quais se esgueirava a lua vez ou outra, pesavam no céu.

Os dois homens andaram cerca de cem metros.

Estavam próximos do vilarejo quando Lupin segurou o braço do companheiro.

— Alto!

— O que houve? — exclamou o médico.

— Houve — declarou Lupin num tom brusco —, houve que, se meus cálculos estiverem corretos, se eu não estiver errado de ponta a ponta, a srta. Darcieux será assassinada esta noite.

— O quê! O que está dizendo? — balbuciou o médico, apavorado.
— Então por que viemos embora?

— Justamente para que o criminoso, que está acompanhando cada gesto nosso nas sombras, não postergue seu crime, e que o execute não na hora escolhida por ele, mas na hora que determinei.

— Então vamos voltar para o castelo?

— Sim, só que cada um por seu lado.

— Então vamos logo.

— Preste atenção, doutor — disse Lupin com voz pausada —, e não percamos tempo com palavras desnecessárias. Antes de mais nada, temos que despistar a vigilância. De modo que vá direto para casa e só torne a sair minutos depois, quando estiver certo de não ter sido seguido. Vai então contornar o muro do castelo pela esquerda, até chegar à portinhola da horta. Aqui está a chave. Quando o relógio da igreja der onze badaladas, abra-a de mansinho e vá direto para o terraço nos fundos do castelo. A quinta janela não fecha direito. Só terá que pular o parapeito. Uma vez no quarto da srta. Darcieux, tranque o ferrolho e não se mova mais. Está me ouvindo? Que nenhum dos dois se mova, aconteça o que acontecer. Reparei que a srta. Darcieux deixa a janela do banheiro aberta, não é?

— Sim, um hábito que lhe incuti.

— É por ali que ele vai entrar.

— Mas e o senhor?

— Eu também vou entrar por ali.

— E já sabe quem é o desgraçado?

Lupin pensou por um instante, e então respondeu:

— Não... Não sei. É justamente como iremos saber. Só mantenha o sangue-frio, pelo que é mais sagrado. Nem uma palavra, nem um gesto. *Aconteça o que acontecer.*

— Prometo.

— Mais do que isso, doutor. Peço que me dê sua palavra.

— Dou-lhe minha palavra.

O médico se afastou. Lupin em seguida subiu num outeiro ali perto, de onde se avistavam as janelas do primeiro e do segundo andar do castelo. Várias delas estavam iluminadas.

Esperou por um bom tempo. Uma a uma, as luzes se apagaram. Então, seguindo na direção oposta à do médico, bifurcou para a direita e contornou o muro até chegar ao grupo de árvores perto do qual escondera a motocicleta no dia anterior.

Soaram onze horas. Calculou o tempo que o médico levaria para cruzar a horta e entrar no castelo.

“Pronto”, murmurou. “Tudo certo desse lado. Sua vez de acudir, Lupin. Não demora muito, o inimigo vai jogar seu último trunfo. E, que diabos, preciso estar lá!”

Executou a mesma manobra da primeira vez, puxou o galho e se içou até o alto do muro, de onde pôde alcançar os ramos maiores da árvore.

Nesse momento, apurou o ouvido. Teve a impressão de escutar um farfalhar de folhas secas. E, de fato, discerniu uma sombra se movendo lá embaixo, uns trinta metros adiante.

“Diabos!”, pensou. “Estou lascado, o canalha pressentiu a jogada...”

Um clarão de lua passou. Lupin viu nitidamente o homem fazendo pontaria. Quis pular para o chão e se virou. Mas nisso sentiu um choque no peito, ouviu o som de um disparo, soltou um palavrão de raiva e despencou de galho em galho, feito um cadáver.

O dr. Guérault, entretanto, seguindo as instruções de Arsène Lupin, tinha pulado a quinta janela e depois, Tateando, subido ao primeiro andar. Chegando ao quarto de Jeanne, deu três batidas leves na porta, foi introduzido e trancou prontamente o ferrolho.

— Deite-se — cochichou baixinho para a jovem, que não trocara de roupa. — Você precisa parecer que está dormindo. Brrrr, está frio aqui dentro. A janela do seu banheiro está aberta?

— Sim. Quer que eu...

— Não, deixe assim. Alguém vai entrar.

— Alguém vai entrar! — balbuciou Jeanne, assustada.

— Sim, sem dúvida alguma.

— Mas quem, tem ideia de quem seja?

— Não. Imagino que haja alguém escondido no castelo ou no parque.

— Ai, estou com medo.

— Não tenha medo. Esse homem que está te protegendo parece saber muito bem o que faz e não arrisca nada sem ter certeza. Deve estar à espreita em algum lugar do pátio.

O médico apagou a lamparina, foi até a janela, afastou a cortina. Como uma cornija estreita que corria por toda a extensão do primeiro piso o impedisse de ver mais do que uma parte afastada do pátio,

voltou a sentar-se junto à cama.

Minutos muito aflitivos transcorreram, que lhes pareceram infinitamente longos. O relógio soava no vilarejo, mas, atentos que estavam a todos os mínimos sons noturnos, mal reparavam no seu toque. Escutavam, escutavam com todos os seus nervos exasperados.

— Você ouviu isso? — sussurrou o médico.

— Ouvi — respondeu Jeanne, que se sentara na cama.

— Deite-se... deite-se — disse ele, instantes depois. — Está entrando alguém.

Um pequeno estalido viera de fora, junto à cornija. Houve então uma sucessão de ruídos indiscretos, cuja natureza não sabiam discernir. Tinham a impressão, contudo, de que a janela contígua se abria um pouco mais, podiam sentir as lufadas de ar frio.

Súbito, ficou muito claro: havia alguém no cômodo ao lado.

O médico, cuja mão tremia um pouco, segurou seu revólver. Não se moveu, porém, lembrando da ordem expressa que recebera, e receando tomar uma decisão contrária.

A escuridão no quarto era absoluta. Não podiam ver onde estava o inimigo. Mas sentiam sua presença. Acompanhavam seus gestos invisíveis, seu andar abafado pelo tapete, e não tinham dúvida de que já cruzara a soleira do quarto.

E o inimigo parou. Disso tiveram certeza. Estava de pé, a cinco passos da cama, imóvel, indeciso talvez, tentando penetrar a escuridão com seu olhar cortante.

Na mão do médico estremecia a mão de Jeanne, gelada e coberta de suor.

Na outra mão, o médico segurava a arma com força, dedo no gatilho. Apesar da palavra dada, não hesitaria: se o inimigo encostasse na beirada da cama, o tiro partiria, disparado ao acaso.

O inimigo deu mais um passo, parou mais uma vez. E era apavorante aquele silêncio, aquela impassibilidade, aquele breu no qual seres humanos se espreitavam às cegas.

Quem era esse que surgia assim na escuridão profunda? Quem era aquele homem? Que ódio terrível o incitava contra a jovem, e que intento abominável era o seu?

Por mais aterrorizados que estivessem, era só nisto que Jeanne e o médico pensavam: ver, descobrir a verdade, contemplar a face do inimigo.

Ele deu mais um passo e parou. Julgaram ver seu vulto se destacar, mais escuro sobre o fundo escuro, e seu braço se erguendo devagar.

Passou-se um minuto, e mais outro.

E de repente, para além do vulto, à direita, um som seco. Uma luz irrompeu, intensa, foi projetada sobre o homem, iluminou seu rosto em cheio, brutalmente.

Jeanne soltou um grito de pavor. Erguido sobre ela, um punhal na mão, tinha visto... seu pai!

Quase ao mesmo tempo, e quando a luz já se apagara, uma detonação. O médico havia atirado.

— Diabos! Não atire! — berrou Lupin.

Segurou o médico pelos braços. Este sufocava:

— O senhor viu... O senhor viu... Ouça. Ele está fugindo.

— Deixe que fuja. É melhor assim.

Lupin tornou a acender sua lanterna, correu para o banheiro, constatou que o homem desaparecera e, voltando tranquilamente até a mesa, acendeu a lâmpada.

Jeanne estava estendida na cama, lívida, sem sentidos.

O médico, encolhido numa poltrona, emitia sons desarticulados.

— Ora, recomponha-se — disse Lupin, rindo. — Não há por que se preocupar, já passou.

— O pai dela... o pai dela... — gemia o velho médico.

— Doutor, por favor, a srta. Darcieux está passando mal. Cuide dela.

Sem mais explicações, Lupin voltou ao banheiro e, dali, pulou para a cornija, onde havia uma escada escorada. Desceu rapidamente. Andando rente à parede topou, vinte metros adiante, com uma escada de corda pela qual subiu, e que o levou até o quarto do sr. Darcieux. O cômodo estava deserto.

“Perfeito”, pensou. “O elemento achou que a situação estava feia e se mandou. Boa viagem. Suponho que a porta esteja trancada? Exatamente. Era assim que nosso doente, enganando o bom doutor, se levantava no meio da noite, prendia a escada de corda no parapeito e

ia perpetrar seus golpes na maior tranquilidade. Nada bobo, esse Darcieux!”

Abriu o ferrolho e voltou ao quarto de Jeanne. O médico, que vinha saindo, puxou-o para a saleta.

— Está dormindo, não vamos perturbá-la. O choque foi violento, vai levar algum tempo para ela se recuperar.

Lupin pegou uma jarra, tomou um copo d’água. Depois sentou-se e, serenamente:

— Que nada! Amanhã já estará melhor.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que amanhã ela já estará melhor.

— Por quê?

— Primeiro, porque não me pareceu que a srta. Darcieux nutrisse um afeto tão grande assim pelo pai...

— Mesmo assim! Pense bem, um pai querendo matar a filha! Um pai que, ao longo de meses, insiste quatro, cinco, seis vezes em sua monstruosa tentativa! Ora, vamos, não é o que basta para marcar para sempre uma alma até menos sensível do que a de Jeanne? Que lembrança terrível!

— Ela vai esquecer.

— Uma coisa dessas não se esquece.

— Ela vai esquecer, doutor, e isso por um motivo muito simples...

— Então diga, vamos!

— Ela não é filha do sr. Darcieux!

— Como?

— Repito: ela não é filha desse miserável.

— O que está dizendo? O sr. Darcieux...

— O sr. Darcieux é apenas seu padrasto. Ela era recém-nascida quando seu pai, seu verdadeiro pai, morreu. A mãe de Jeanne se casou a seguir com um primo do seu marido, que tinha o mesmo sobrenome, e veio a falecer no mesmo ano desse segundo casamento. Deixou Jeanne aos cuidados do sr. Darcieux. Este, num primeiro momento, viajou com ela para o estrangeiro, depois comprou este castelo e, como ninguém o conhecesse na região, apresentou a menina como sua filha. Nem ela própria sabe a verdade sobre seu nascimento.

O médico estava desconcertado. Murmurou:

— Está seguro sobre esses dados?

— Passei o dia inteiro percorrendo os cartórios de Paris. Consultei os registros civis, entrevistei dois tabeliões, verifiquei todas as certidões. Não há dúvida possível.

— Mas isso não explica o crime, ou melhor, a série de crimes.

— Explica, sim — declarou Lupin. — Desde o começo, desde a primeira hora em que me envolvi neste caso, uma frase da srta. Darcieux me fez intuir o rumo que devia dar às minhas investigações. “Eu tinha quase cinco anos quando minha mãe morreu”, ela me disse. “Isso faz dezesseis anos.” O que queria dizer que a srta. Darcieux ia completar vinte e um anos em breve, ou seja, estava prestes a se tornar maior de idade. Logo percebi que esse era um dado importante. A maioridade é o momento em que lhe prestam contas. Qual era a situação financeira da srta. Darcieux, herdeira natural de sua mãe? É claro que nem por um segundo pensei no pai. Primeiro, porque ninguém imagina uma coisa dessas, e depois, a farsa encenada por Darcieux, impotente, acamado, enfermo...

— Efetivamente enfermo — interrompeu o médico.

— Tudo isso impedia que as suspeitas recaíssem sobre ele. Mesmo porque achei que ele próprio também fosse alvo dos ataques criminosos. Mas talvez houvesse, na família, alguém a quem a morte dos dois pudesse interessar? Minha viagem a Paris me revelou a verdade. A srta. Darcieux herdou da mãe uma vasta fortuna, da qual seu padraсто detém o usufruto. Mês que vem, em Paris, haveria uma reunião do conselho de família, convocada pelo tabelião. A verdade viria à tona, e, para Darcieux, isso seria a ruína.

— Então ele não tinha constituído uma reserva?

— Tinha, mas perdeu muito dinheiro com especulações malsucedidas.

— Mesmo assim! Jeanne não iria lhe tirar a gestão da sua fortuna.

— Há um detalhe que ignora, doutor, de que tive conhecimento por meio da leitura da carta rasgada: a srta. Darcieux ama o irmão de Marceline, sua amiga que mora em Versalhes, e, uma vez que o sr. Darcieux se opunha ao casamento — compreende agora o motivo —,

só estava esperando alcançar a maioria para se casar.

— Com efeito — disse o médico —, com efeito! Para ele, seria a ruína.

— A ruína, repito. Só lhe restava uma chance de salvação: a morte da enteada, da qual é o herdeiro mais direto.

— Sim, mas com a condição de que ninguém suspeitasse dele.

— Naturalmente! Foi por isso que ele arquitetou os sucessivos acidentes, para que a morte parecesse fortuita. E foi por isso que eu, por minha vez, querendo precipitar as coisas, pedi que lhe comunicasse a partida iminente da srta. Darcieux. Com isso, já não bastava ao suposto enfermo andar pelo parque ou pelos corredores na calada da noite e pôr em execução um golpe longamente premeditado. Não, ele precisava agir, e agir logo, sem planejamento, brutalmente, à mão armada. Não tive dúvida de que ele o faria. E ele veio.

— Ele então não desconfiou?

— De mim, com certeza. Ele intuiu que eu voltaria ao castelo durante a noite, e ficou de tocaia no mesmo lugar onde eu tinha pulado o muro da outra vez.

— E?

— E levei um tiro no meio do peito — disse Lupin, rindo. — Ou melhor, minha carteira levou um tiro. Veja, dá para ver o buraco... Então despenquei da árvore feito um homem morto. Julgando estar livre de seu único adversário, ele tomou a direção do castelo. Eu o vi rondar por ali durante duas horas. Por fim, decidindo-se, pegou uma escada no galpão e a apoiou na janela. Só me restava segui-lo.

O doutor pensou um pouco, então disse:

— Podia tê-lo agarrado antes. Por que o deixou subir? Foi uma dura experiência para Jeanne, e desnecessária.

— Era indispensável! Ou a srta. Darcieux jamais aceitaria a verdade. Era essencial que ela visse o rosto do assassino. Assim que ela acordar, o senhor explica tudo a ela. Vai se recuperar logo, logo.

— E quanto ao sr. Darcieux?

— Justifique seu sumiço da maneira que achar melhor. Uma viagem repentina, um acesso de loucura... Haverá algumas buscas, e pode ter certeza de que nunca mais se ouvirá falar nele.

O médico meneou a cabeça.

— Sim, de fato, o senhor tem razão. O senhor conduziu este caso com uma habilidade extraordinária, e Jeanne lhe deve a vida. Ela mesma irá lhe agradecer. Mas, da minha parte, será que posso lhe ser útil de alguma forma? Disse que tinha ligação com a Sûreté. Permite que eu escreva uma carta elogiando sua atuação, sua coragem?

Lupin se pôs a rir.

— Certamente! Uma carta desse tipo me seria muito útil. Pode escrever para o meu superior imediato, o inspetor-chefe Ganimard. Ele vai adorar saber que seu protegido Paul Daubreuil, da rua de Surène, se distinguiu em mais uma ação notável. Acabo justamente de realizar uma bela operação sob seu comando, num caso de que o senhor deve ter ouvido falar, o caso da “echarpe vermelha”. O bravo sr. Ganimard vai ficar contentíssimo!

7. EDITH PESCOÇO DE CISNE

— ARSÈNE LUPIN, QUAL É, DE FATO, sua opinião sobre o inspetor Ganimard?

— É excelente, meu amigo.

— Excelente? Mas então por que nunca perde uma oportunidade de ridicularizá-lo?

— É um mau hábito, do qual me arrependo. O que posso dizer? É a regra. Aqui temos um bravo policial, temos uma quantidade de bravos sujeitos encarregados de assegurar a ordem, que nos protegem dos malfetores, que se arriscam a morrer por nós, as pessoas de bem, e nós, em troca, retribuímos com desprezo e sarcasmo. Isso é uma estupidez!

— Ora, muito bem, Lupin! Está falando como um bom burguês.

— E não é isso que eu sou? Embora tenha ideias um tanto peculiares acerca da propriedade alheia, posso lhe garantir que isso muda totalmente de figura quando se trata da minha propriedade. Ai de quem se atrever a tocar no que me pertence! Viro uma fera. Oh! Oh! É *minha* bolsa, *minha* carteira, *meu* relógio... Tire a mão daí! Tenho alma de conservador, meu amigo, instintos de pequeno rentista, e respeito por toda tradição e toda autoridade. E é por isso que Ganimard me inspira muita estima e gratidão.

— Mas pouca admiração.

— Muita admiração também. Além da invencível coragem que é própria de todos esses senhores da Sûreté, Ganimard possui qualidades muito sérias, determinação, clarividência, discernimento. Já o vi em ação. É respeitável. Conhece esse que ficou conhecido como o caso Edith Pescoço de Cisne?

— Como todo mundo.

— Ou seja, não conhece. Pois bem, esse caso talvez seja o que melhor planejei, com mais cuidado e mais precauções, o que cerquei

de mais sombras e mistérios, e cuja execução me exigiu mais maestria. Um verdadeiro jogo de xadrez, científico, rigoroso e matemático. Pois Ganimard conseguiu destrinchá-lo. Graças a ele, a verdade hoje é conhecida no Quai des Orfèvres. E posso lhe afirmar que não se trata de uma verdade banal.

— Pode-se saber qual é?

— Certamente, um dia desses. Quando eu estiver com tempo... Mas hoje a Brunelli vai dançar no Teatro da Ópera, e aí de mim se ela não me vir na minha poltrona!

São raros meus encontros com Lupin. Ele dificilmente se abre, apenas quando lhe apraz. Foi só aos poucos, por fragmentos esparsos, por rasgos de confidências, que consegui registrar as diferentes etapas da história e reconstituí-la no todo e nos detalhes.

COMO COMEÇOU, TODOS AINDA SE LEMBRAM. Limito-me a mencionar os fatos:

Há três anos, quando o trem vindo de Brest chegou à estação de Rennes, encontraram a porta de um vagão arrombada. Era um vagão bagageiro, alugado por um rico brasileiro, o coronel Sparmient, que viajava no mesmo trem com sua esposa.

Esse vagão transportava todo um lote de tapeçarias. O caixote que continha uma delas estava danificado, e a tapeçaria desaparecera.

O coronel Sparmient entrou na justiça contra a companhia ferroviária, pedindo uma alta indenização por perdas e danos devido à depreciação que o roubo da tapeçaria implicava para a coleção inteira.

A polícia investigou. A companhia prometeu uma vultosa recompensa. Duas semanas depois, quando uma carta mal lacrada foi aberta pela administração dos correios, descobriu-se que o roubo fora efetuado sob a direção de Arsène Lupin, e que um pacote iria partir no dia seguinte para a América do Norte. Na mesma noite, a tapeçaria foi encontrada num baú deixado no guarda-volumes da estação Saint-Lazare.

O golpe falhara, portanto. A frustração de Lupin foi tanta que ele manifestou seu mau humor numa mensagem endereçada ao coronel Sparmient, na qual dizia essas palavras suficientemente claras:

Tive a gentileza de levar apenas uma. Da próxima vez, vou levar as doze. Para bom entendedor, saudações.

A. L.

O coronel Sparmientto residia, havia alguns meses, num palacete situado ao fundo de um pequeno jardim, na esquina da rua de la Faisanderie com a rua Dufrénoy. Era um homem robusto, de ombros largos, cabelos pretos, tez bronzeada, vestido com elegante sobriedade. Era casado com uma jovem inglesa muito bonita, porém de saúde precária, a quem o episódio das tapeçarias abalou profundamente. Desde o primeiro dia suplicou ao marido que as vendesse, pelo preço que fosse. O coronel era de índole demasiado enérgica e demasiado obstinada para ceder a isso que tinha o direito de considerar como um capricho de mulher. Não vendeu nada, mas multiplicou as precauções e cercou-se de todos os meios passíveis de inviabilizar qualquer assalto.

Em primeiro lugar, e a fim de só precisar vigiar a fachada voltada para o jardim, mandou murar todas as janelas do térreo e do primeiro andar que davam para a rua Dufrénoy. Depois, recorreu aos serviços de uma empresa especializada na proteção absoluta de propriedades. Em cada janela da galeria onde estavam expostas as tapeçarias foram instalados dispositivos de alarme, invisíveis, cuja localização só ele conhecia e que, ao menor contato, acendiam todas as lâmpadas do palacete e disparavam um sistema de tímpanos e campainhas.

Além disso, as companhias de seguro que consultou só aceitaram se comprometer seriamente caso ele postasse à noite, no térreo do palacete, três homens fornecidos por elas e remunerados por ele. Para tanto, selecionaram três antigos inspetores idôneos, experientes e que nutriam vigoroso ódio por Lupin.

Quanto aos seus empregados, o coronel os conhecia de longa data. Respondia por eles.

Tomadas todas essas medidas, estando a defesa do palacete organizada como a de uma praça-forte, o coronel deu uma grande festa de inauguração, uma espécie de vernissage a que foram convidados os membros dos dois clubes aos quais pertencia, além de um certo número de senhoras, jornalistas, colecionadores e críticos de

arte.

Tão logo cruzavam o portão do jardim, a impressão dos convidados era de estarem adentrando uma prisão. Os três inspetores, postados ao pé da escada, pediam para ver o convite e examinavam-nos com olhar desconfiado. Parecia que iam revistá-los ou tirar suas impressões digitais.

O coronel, que recebia os convidados no primeiro andar, desculpava-se sorrindo, satisfeito por poder explicar as medidas que idealizara para a segurança de suas tapeçarias.

A seu lado estava a esposa, encantadoramente jovem e graciosa, loura, pálida, suave, semblante doce e melancólico, o semblante resignado das criaturas ameaçadas pelo destino.

Depois que todos os convidados chegaram, os portões do jardim e as portas do vestíbulo foram fechados. Passaram então para a galeria central, à qual se acedia por portas duplas blindadas, e cujas janelas, providas de imensas venezianas, eram protegidas por grades de ferro. Ali se achavam expostas as doze tapeçarias.

Eram obras de arte incomparáveis que, inspiradas na famosa tapeçaria de Bayeux atribuída à rainha Matilde, representavam a história da conquista da Inglaterra. Encomendadas no século XVI pelo descendente de um homem de armas que acompanhara Guilherme, o Conquistador e executadas por Jehan Gosset, um famoso tecelão de Arras, tinham sido encontradas, quatrocentos anos mais tarde, numa antiga mansão no interior da Bretanha. O coronel, ao saber, arrematara o lote por cinquenta mil francos. Valia vinte vezes mais.

A mais bela entre as doze peças da série, porém, e a mais original, embora seu tema não fosse tratado pela rainha Matilde, era precisamente aquela roubada por Arsène Lupin, que haviam conseguido tomar-lhe de volta. Representava Edith Pescoço de Cisne procurando, entre os mortos de Hastings, o corpo do seu amado Harold, o último rei saxão.

Diante dessa tapeçaria, diante da beleza naïf do desenho, das cores desbotadas e do agrupamento cheio de vida das personagens, diante da terrível tristeza da cena, os convidados se maravilharam. Edith Pescoço de Cisne, a rainha desventurada, vergava feito um lírio

pesado demais. O vestido branco revelava seu corpo enlanguescido. Suas mãos longas e finas se estendiam num gesto de horror e de súplica. E não havia nada mais doloroso do que seu perfil animado pelo mais melancólico e desesperado sorriso.

— Um sorriso pungente — observou um dos críticos, que todos escutavam com deferência. — Um sorriso cheio de encanto, que aliás me lembra, coronel, o sorriso da sra. Sparmientio.

E, como a observação soasse acertada, insistiu:

— Há outros pontos de semelhança que logo me chamaram a atenção, como a curva muito graciosa da nuca, a delicadeza das mãos, e também qualquer coisa na silhueta, na postura...

— Isso tanto é verdade — confessou o coronel — que foi essa semelhança que me levou a comprar as tapeçarias. E havia também outro motivo. É que, por uma coincidência bastante curiosa, Edith é justamente o nome da minha esposa. Edith Pescoço de Cisne, como passei a chamá-la desde então.

E o coronel acrescentou, rindo:

— Espero que as analogias terminem por aqui, e que minha querida Edith nunca tenha que procurar pelo corpo do seu amado, como a pobre amante da história. Estou bem vivo, graças a Deus, e não tenho intenção de morrer! Salvo no caso de as tapeçarias sumirem. Confesso que, aí, não responderia por algum desatino!

Ria ao pronunciar essas palavras, mas seu riso não encontrou nenhum eco e, nos dias seguintes, todos os relatos que se fizeram sobre a festa mencionavam o mesmo clima de silêncio e constrangimento. As pessoas não sabiam o que dizer.

Alguém tentou brincar:

— O senhor por acaso não se chama Harold, coronel?

— Não, não me chamo Harold — declarou ele, e seu bom humor não esmorecia. — Nem tenho qualquer semelhança com o rei saxão.

Mais tarde, foram todos igualmente unânimes em afirmar que naquele momento, quando o coronel terminou sua frase, vindo do lado das janelas (a da direita ou a do meio, as opiniões divergiram nesse ponto), soou um primeiro toque de alarme, breve, agudo, sem modulação. Esse toque foi seguido por um grito de terror lançado pela

sra. Sparmientto, que se agarrou ao braço do marido. Este exclamou:

— O que é isso? O que significa?

Os convidados, imóveis, olhavam para as janelas. O coronel repetiu:

— O que significa isso? Não entendo. Ninguém, além de mim, sabe onde fica esse alarme.

E, no mesmo instante — outra unanimidade nos testemunhos —, no mesmo instante, a escuridão súbita, absoluta, e, em seguida, no palacete inteiro, em todos os salões, todos os quartos, todas as janelas, a barulheira infernal de todos os tímpanos e campainhas.

Foram alguns segundos de confusão apalermada, de pavor insano. As mulheres gritavam. Os homens batiam, aos murros, nas portas fechadas. Todos se empurravam, brigavam. Várias pessoas caíram, foram pisoteadas. Parecia o pânico de uma multidão aterrorizada por um avanço das chamas ou uma explosão de obuses. E, sobrepondo-se ao tumulto, a voz do coronel que berrava:

— Silêncio! Não se movam! Eu cuido de tudo! O interruptor está ali, naquele canto. Aqui está...

De fato, abrindo caminho entre os convidados, alcançou o ângulo da galeria e, de repente, a luz elétrica irradiou de volta, enquanto o turbilhão dos alarmes cessava.

E então, na brusca claridade, uma estranha cena surgiu. Duas senhoras haviam desmaiado. Pendurada no braço do marido, de joelhos, lívida, a sra. Sparmientto parecia morta. Os homens, pálidos, com a gravata desfeita, pareciam sair de um combate.

— As tapeçarias ainda estão aí! — gritou alguém.

Houve um espanto geral, como se o sumiço das tapeçarias devesse fatalmente resultar daquele incidente e ser sua única explicação plausível.

Mas nada saíra do lugar. Alguns quadros de valor pendurados nas paredes continuavam lá. E embora o mesmo estardalhaço tivesse repercutido por todo o palacete, embora a escuridão tivesse ocorrido em todo o lugar, os inspetores não haviam visto ninguém entrar nem ninguém tentando invadir o ambiente.

— Mesmo porque — disse o coronel — apenas as janelas da galeria são providas de dispositivos de alarme, só eu conheço seu mecanismo,

e não os tinha acionado.

Todos riram ruidosamente da situação, mas riam sem convicção, e com uma certa vergonha, na medida em que cada qual percebia o absurdo de sua própria reação. Tudo o que queriam era sair o quanto antes daquela casa onde, querendo ou não, se respirava um ar de preocupação e angústia.

Ficaram dois jornalistas, contudo, e o coronel veio ter com eles depois de acudir Edith e deixá-la aos cuidados das camareiras. Os três, com os detetives, fizeram uma averiguação que não resultou em nada de minimamente interessante. Depois disso, o coronel abriu uma garrafa de champanhe. De modo que só tarde da noite — às duas e quarenta e cinco, mais precisamente — os jornalistas foram embora, o coronel voltou aos seus aposentos e os detetives se recolheram ao quarto do térreo reservado a eles.

Revezaram-se para montar guarda, guarda esta que consistia, primeiro, em se manter acordado, e depois em fazer uma ronda pelo jardim e subir até a galeria.

Essa diretiva foi pontualmente executada, exceto entre cinco e sete da manhã, quando, o sono levando a melhor, não efetuaram a ronda. Mas lá fora já era dia claro. Além disso, não é certo que teriam acordado ao menor sinal do alarme?

Às sete e vinte, contudo, assim que um deles abriu a porta da galeria e descerrou as venezianas, constatou que as doze tapeçarias tinham desaparecido.

ESTE HOMEM E SEUS COLEGAS foram posteriormente criticados por não terem dado o alerta no mesmo instante, e terem começado a investigar antes de informar o coronel e telefonar para a delegacia. Mas em que esse atraso, tão justificável, pode ter obstruído a ação da polícia?

Seja como for, já eram oito e meia quando o coronel foi finalmente avisado. Estava vestido e pronto para sair. A notícia não pareceu afetá-lo em demasia, ou, pelo menos, ele conseguiu se controlar. Mas o esforço deve ter sido excessivo, já que, de repente, desabou numa cadeira e, por alguns momentos, entregou-se a um legítimo acesso de

desespero, muito penoso de se ver naquele homem de aparência tão enérgica.

Recompondo-se, senhor de si, foi até a galeria, examinou as paredes vazias, em seguida sentou-se a uma mesa e rabiscou rapidamente uma carta que pôs num envelope e selou.

— Tome — disse ele. — Estou com pressa, tenho um compromisso urgente. É uma carta para o comissário de polícia.

E, como os inspetores ficassem olhando para ele, acrescentou:

— É uma impressão minha que estou comunicando ao comissário, uma suspeita que me ocorreu. Que ele avalie. Quanto a mim, também vou entrar em ação.

E saiu, correndo, fazendo gestos dos quais os inspetores, mais tarde, lembrariam a agitação.

Minutos depois, chegou o comissário. Entregaram-lhe a carta. Continha estas palavras:

Que minha amada esposa me perdoe pela dor que vou lhe causar. Seu nome estará nos meus lábios até o último instante.

Assim, num momento de loucura, depois de uma noite em que a tensão nervosa lhe causara uma espécie de febre, o coronel Sparmientto corria para o suicídio. Teria a coragem de executar esse gesto? Ou seria, no último momento, contido pela razão?

A sra. Sparmientto foi avisada.

Enquanto a polícia investigava e tentava encontrar a pista do coronel, ela esperou, trêmula de horror.

No fim da tarde, receberam um telefonema de Ville-d'Avray. Na saída de um túnel, depois da passagem do trem, alguns funcionários haviam encontrado o corpo de um homem terrivelmente mutilado, cujo rosto já não tinha forma humana. Não havia nenhum documento nos bolsos, mas a descrição correspondia à do coronel.

Às sete da noite, a sra. Sparmientto desceu do automóvel em Ville-d'Avray. Foi levada a um dos quartos da estação. Quando afastaram o lençol que o cobria, Edith, Edith Pescoço de Cisne, reconheceu o corpo do marido.

Nessa ocasião, Lupin não teve, como se diz, a imprensa a seu favor.

“Ele que se cuide!”, escreveu um cronista irônico, resumindo a contento a opinião geral.

Mais umas poucas histórias desse tipo e vai perder toda a simpatia que até o momento não lhe regateamos. Lupin só é aceitável na medida em que suas pilantragens são cometidas contra banqueiros corruptos, barões alemães, rastaqueras duvidosos, corporações financeiras e anônimas. E, sobretudo, que não mate ninguém! Mãos de assaltante, vá lá, mas mãos de assassino, não! E o fato é que, se não matou, ele é pelo menos responsável por esta morte. Está respingado de sangue. As armas do seu brasão estão manchadas de vermelho!

A ira e indignação pública eram agravadas pela forte compaixão que o pálido semblante de Edith inspirava. Os convidados da noite anterior se pronunciaram. Soube-se dos impressionantes detalhes da festa, e no mesmo instante se criou uma lenda em torno da bela inglesa, lenda essa que emprestava à história popular da rainha do Pescoço de Cisne um tom verdadeiramente trágico.

Ainda assim, era impossível não admirar a extraordinária virtuosidade com que o roubo fora executado. A polícia logo tratou de explicá-lo da seguinte forma: já que os detetives haviam constatado e posteriormente declarado que uma das três janelas da galeria se achava aberta de par em par, como não supor que Lupin e seus cúmplices tinham entrado por essa janela?

Uma hipótese muito plausível. Mas, nesse caso, como tinham conseguido, em primeiro lugar: passar pelo portão, na ida e na volta, sem ninguém perceber? Depois: atravessar o jardim e assentar uma escada no canteiro sem deixar vestígio nenhum? E, por último: abrir as venezianas e a janela sem acionar os alarmes e as luzes do palacete?

O público, da sua parte, acusou os três detetives. O juiz de instrução os interrogou por muitas horas, investigou em detalhes a vida privada de cada um e declarou cabalmente que estavam acima de qualquer suspeita.

Quanto às tapeçarias, nada permitia supor que pudessem ser recuperadas.

Foi nesse momento que o inspetor-chefe Ganimard regressou do interior da Índia, onde, depois do caso do diadema e do desaparecimento de Sonia Krichnoff, estava seguindo a pista de Lupin

com base em provas irrefutáveis fornecidas por seus antigos cúmplices. Mais uma vez feito de bobo pelo eterno adversário, e imaginando que este o despachara ao Extremo Oriente para se livrar da sua presença no caso das tapeçarias, pediu aos chefes quinze dias de licença, foi visitar a sra. Sparminto e lhe prometeu vingar seu marido.

Edith estava naquele ponto em que a ideia de vingança não trazia nenhum alívio para a dor que a torturava. Na mesma noite do enterro, dispensara os três inspetores e substituíra, por um único criado e uma velha faxineira, a equipe de empregados cuja visão lhe lembrava cruelmente o passado. Indiferente a tudo, encerrada em seu quarto, deixou a Ganimard toda liberdade para agir como lhe aprouvesse.

De modo que ele se instalou no andar térreo e imediatamente deu início a minuciosas averiguações. Retomou a investigação do começo, fez indagações pelo bairro, estudou a disposição do palacete, acionou vinte, trinta vezes cada um dos alarmes.

Passados quinze dias, pediu uma prorrogação da sua licença. O chefe da Sûreté, que era então o sr. Dudouis, vindo visitá-lo, surpreendeu-o na galeria encarapitado numa escada.

Nesse dia, o inspetor-chefe confessou a inutilidade de suas investigações.

Dois dias mais tarde, porém, passando de novo por lá, o sr. Dudouis encontrou Ganimard bastante pensativo. Tinha uma pilha de jornais espalhada à sua frente. Soterrado de perguntas, o inspetor-chefe terminou por murmurar:

— Não descobri nada, chefe, absolutamente nada, mas estou aqui com uma ideia que não me sai da cabeça. Só que é tão absurda! Além disso, não explica nada; pelo contrário, até confunde mais as coisas...

— E então?

— E então, chefe, vou lhe pedir, por favor, para ter um pouco de paciência. Pode deixar comigo. Agora, se um dia desses, de repente, eu lhe telefonar, terá que sair correndo, sem perder um minuto. Porque terei desvendado o mistério.

Mais quarenta e oito horas se passaram. Uma manhã, o sr. Dudouis recebeu um pneumático:

“Que diabos ele vai fazer em Lille?”, pensou o chefe da Sûreté.

O dia transcorreu sem novidades, e mais outro.

Mas o sr. Dudouis estava confiante. Conhecia Ganimard e sabia que o velho policial não era dessas pessoas que se afobam à toa. Quando Ganimard “avançava”, é porque tinha sérios motivos para avançar.

Com efeito, na noite desse segundo dia, o sr. Dudouis recebeu um telefonema.

— É o senhor, chefe?

— É você, Ganimard?

Homens cautelosos que eram, ambos se certificaram de que não estavam enganados quanto à identidade um do outro. E, tranquilizado, Ganimard continuou depressa:

— Dez homens, chefe, agora! E venha o senhor também, por favor.

— Onde você está?

— No palacete, no térreo. Mas vou esperá-lo atrás do portão.

— Estou indo. De carro, naturalmente?

— Sim, chefe. Mande estacionar o carro a uns cem metros. É só dar um leve assobio que eu abro.

Ocorreu tudo conforme prescrito por Ganimard. Pouco antes da meia-noite, quando todas as luzes estavam apagadas nos andares superiores, ele saiu furtivamente e foi ao encontro do sr. Dudouis. Houve uma breve confabulação. Os agentes obedeceram às ordens de Ganimard. Depois, chefe e inspetor-chefe voltaram juntos, atravessaram o jardim sem fazer barulho e se trancaram com as maiores precauções.

— Então, o que foi? — perguntou o sr. Dudouis. — O que significa tudo isso? Estamos parecendo dois conspiradores!

Mas Ganimard não estava para brincadeiras. Seu chefe nunca o vira em tal estado de agitação nem nunca o ouvira falar com uma voz tão transtornada.

— Novidades, Ganimard?

— Sim, chefe, e dessa vez mal consigo acreditar! Mas não, não estou enganado. Descobri toda a verdade. E, por mais inverossímil que pareça, é a verdade verdadeira. Não há outra, é isso e mais nada.

Enxugou o suor que lhe escorria da testa e, como o sr. Dudouis o questionasse, controlou-se, tomou um copo d'água e começou:

— Lupin me fez de bobo várias vezes...

— Ei, Ganimard — interrompeu o sr. Dudouis —, que tal ir direto ao ponto? Em poucas palavras: o que houve?

— Não, chefe — objetou o inspetor-chefe —, o senhor precisa saber das diferentes etapas que percorri. Desculpe, mas acho que é indispensável.

E repetiu:

— Como eu dizia, chefe, Lupin me fez de bobo várias vezes, me aprontou poucas e boas. Mas nesse duelo, em que sempre levei a pior (até agora), pelo menos ganhei experiência sobre seu modo de agir, aprendi a conhecer suas táticas. E ocorre que, nesse caso das tapeçarias, fui quase imediatamente levado a me fazer essas duas perguntas: Lupin, que nunca faz nada sem saber muito bem para onde vai, devia considerar o suicídio do sr. Sparmient como uma possível consequência do sumiço das tapeçarias. Lupin, no entanto, que tem pavor de sangue, mesmo assim roubou as tapeçarias.

— Tentado, decerto, pelos quinhentos, seiscentos mil francos que elas valem — observou o sr. Dudouis.

— Não, chefe, repito, em nenhuma circunstância, por nada nesse mundo, nem por milhões e milhões de francos, Lupin mataria ou aceitaria ser causa de uma morte. Este é um primeiro ponto. O segundo: por que aquela barulheira, na noite anterior, na festa de inauguração? Para assustar, é claro. Para criar em torno do caso, em poucos minutos, um clima de inquietação e terror. E, enfim, para desviar as suspeitas de uma verdade que, de outro modo, talvez se suspeitasse. Não está entendendo, chefe?

— Confesso que não.

— De fato, não está muito claro — disse Ganimard. — Eu mesmo, enquanto pensava no problema nesses termos, não estava entendendo direito. Sim, não havia dúvida de que Lupin queria desviar as suspeitas, desviá-las para si mesmo, Lupin, bem entendido... de modo que a pessoa que de fato conduzia o caso permanecesse ignorada.

— Um cúmplice? — sugeriu o sr. Dudouis. — Um cúmplice

misturado aos convidados, que acionou os alarmes e, na hora de ir embora, conseguiu se esconder no palacete?

— É isso! É isso! Está quase lá, chefe. É certo que as tapeçarias, se não podem ter sido roubadas por alguém que se esgueirou subrepticiamente no palacete, foram levadas por alguém que permaneceu aqui dentro. E é igualmente certo que, examinando a lista dos convidados e procedendo a uma investigação sobre cada um deles, poderíamos...

— E então?

— E então há um porém, chefe: é que os três detetives estavam com essa lista em mãos quando os convidados chegaram, e também quando eles foram embora. Ocorre que entraram sessenta e três convidados, e saíram sessenta e três. Ou seja...

— Um dos empregados?

— Não.

— Os detetives?

— Não.

— Ora, mas se o roubo foi cometido de dentro do palacete — disse o chefe, com impaciência.

— Esse ponto é indiscutível — afirmou o inspetor, cuja excitação parecia aumentar. — Nenhuma hesitação quanto a isso. Todas as minhas investigações deram nessa mesma certeza. E minha convicção foi crescendo a tal ponto que um dia cheguei a formular esse axioma assombroso: “Em tese e de fato, o roubo só pode ter sido cometido com a ajuda de um cúmplice que residia no palacete”. Só que não houve cúmplice.

— Não faz sentido — disse o sr. Dudouis.

— Não, não faz sentido — disse Ganimard. — Mas, assim que pronunciei essa frase absurda, a verdade surgiu dentro de mim.

— Como?

— Bem, uma verdade bastante obscura, bastante incompleta, mas suficiente. E com esse fio condutor pude ir até o fim da meada. Está compreendendo, chefe?

O sr. Dudouis permanecia calado. Devia estar se dando dentro dele o mesmo fenômeno que se dera em Ganimard. Ele murmurou:

— Se não é um dos convidados, nem um dos empregados, nem um dos detetives, não sobra ninguém.

— Sobra, sim, chefe, uma pessoa.

O sr. Dudouis estremeceu como se levasse um choque e, com uma voz que acusava sua emoção:

— Ora, claro que não, isso é absurdo.

— Por quê?

— Ora, pense um pouco...

— Fale, chefe! Diga.

— Como! Não, não pode...

— Diga, chefe.

— Não é possível! Como! Sparmientto, o cúmplice de Lupin?

Ganimard deu uma risadinha:

— Perfeito! O cúmplice de Arsène Lupin. Assim tudo se explica. Durante a noite, enquanto os três detetives montavam guarda lá embaixo, ou melhor, dormiam, pois o coronel Sparmientto lhes servira um champanhe talvez não muito católico, o referido coronel tirou as tapeçarias da parede e as passou pela janela do seu quarto, o qual, situado no segundo andar, dá para a outra rua, que não estava sendo vigiada porque as janelas inferiores foram muradas.

O sr. Dudouis pensou um pouco, depois deu de ombros:

— Isso é absurdo!

— Absurdo por quê?

— Como assim, por quê?! Porque, se o coronel fosse o cúmplice de Arsène Lupin, não teria se matado depois que o golpe deu certo.

— E quem disse que ele se matou?

— Ora! Pois se foi encontrado morto!

— Como eu falei, com Lupin não existem mortos.

— Mas esse morto era bem real. Sem contar que a sra. Sparmientto identificou o corpo.

— Já esperava que dissesse isso, chefe. A mim também esse argumento incomodava. De repente, eis que eu tinha diante de mim não um indivíduo, mas três: Arsène Lupin, ladrão; o coronel Sparmientto, seu cúmplice; e, por último, um morto. É muita coisa: por favor, meu Deus, não me mande mais nada!

Ganimard pegou um maço de jornais, desfez o barbante e mostrou um deles ao sr. Dudouis.

— Está lembrado, chefe? Quando estive aqui, eu estava folheando os jornais. Estava vendo se não tinha havido, na ocasião, algum incidente que pudesse se relacionar a essa história e confirmar minha hipótese. Por favor, leia esta nota.

O sr. Dudouis pegou o jornal e leu em voz alta:

— Um fato insólito nos foi reportado por nosso correspondente de Lille. Verificou-se na manhã de ontem, no necrotério dessa cidade, o desaparecimento de um corpo, o corpo de um desconhecido que, no dia anterior, se jogara sob as rodas de um bonde a vapor. Várias hipóteses vêm sendo levantadas para explicar esse desaparecimento.

O sr. Dudouis ficou um instante pensativo, então perguntou:

— Acha então que...?

— Cheguei há pouco de Lille — respondeu Ganimard — e o que apurei não deixa dúvida quanto a isso. O corpo desapareceu na mesma noite em que o coronel Sparmientou deu sua festa de inauguração. Transportado num automóvel, foi levado diretamente para Ville-d'Avray, onde o automóvel ficou estacionado até a noite próximo à linha férrea.

— Próximo ao túnel, portanto — concluiu o sr. Dudouis.

— Justo ao lado, chefe.

— De modo que foi esse corpo que encontraram, vestido com as roupas do coronel Sparmientou.

— Exatamente, chefe.

— De modo que o coronel Sparmientou está vivo?

— Perfeitamente, chefe.

— Mas para que tantas peripécias? Para que o roubo de uma das tapeçarias, sua restituição, e depois o roubo das doze? Para que a festa de inauguração? E a barulheira? Tudo isso, enfim? Sua história não se sustenta, Ganimard.

— Não se sustenta porque o senhor, como eu, parou no meio do caminho. Porque se essa história já está estranha, ainda é preciso ir além, muito além, no sentido do espantoso e do inacreditável. E, afinal, por que não? Então não se trata de Arsène Lupin? E, vindo

dele, não é justamente isso que devemos esperar, o espantoso, o inacreditável? Não é para a hipótese mais louca que devemos nos voltar? Digo mais louca, mas não é esta a palavra. Porque, pelo contrário, isso tudo é de uma lógica admirável, de uma simplicidade infantil. Cúmplices? Podem trair. Cúmplices para quê? Se é tão cômodo e natural agir por si mesmo, pessoalmente, com as próprias mãos, e contando apenas com os próprios recursos!

— O que está dizendo? O que está dizendo? — escandiu o sr. Dudouis, com um assombro que crescia a cada exclamação.

Ganimard deu outra risadinha.

— Está estarecido, não é, chefe? Como eu, naquele dia em que estive aqui e eu tinha essa ideia martelando minha cabeça. Estava atordoado de espanto. E olhe que já lidei muito com esse elemento. Sei do que ele é capaz. Mas essa, não, essa já é demais!

— Não é possível! Não é possível! — repetia o sr. Dudouis, baixinho.

— Pelo contrário, chefe, é muito possível, e muito lógico, e muito normal, tão cristalino quanto o mistério da Santíssima Trindade. Trata-se da tripla encarnação de um mesmo e único indivíduo! Uma criança resolveria esse problema num minuto, por simples eliminação. Se suprimimos o morto, restam Sparmientto e Lupin. Suprimindo Sparmientto...

— Resta Lupin — murmurou o chefe da Sûreté.

— Sim, chefe, Lupin simplesmente, Lupin em duas sílabas e cinco letras. Lupin despido do seu invólucro brasileiro. Lupin ressuscitado dos mortos, Lupin que, transmudado há seis meses em coronel Sparmientto, e viajando pela Bretanha, vem a saber da descoberta de doze tapeçarias, compra-as, planeja o roubo da mais bonita a fim de chamar a atenção sobre si, Lupin, e desviá-la de si, Sparmientto, promove, com o maior alarde, diante do público estupefato, o duelo de Lupin contra Sparmientto e de Sparmientto contra Lupin, projeta e realiza a festa de inauguração, apavora seus convidados e, quando está tudo pronto, rouba, como Lupin, as tapeçarias de Sparmientto, e enquanto Sparmientto desaparece, vítima de Lupin, e morre insuspeitado, insuspeitável, pranteado por seus amigos, lastimado pelo

público e deixando, para embolsar os lucros do caso...

Nesse ponto, Ganimard se interrompeu, olhou para o chefe, e, num tom que enfatizava a importância de suas palavras, concluiu:

— Deixando atrás de si uma viúva inconsolável.

— A sra. Sparmientto! Acha realmente...

— Mas é claro! — exclamou o inspetor-chefe. — Ninguém maquina uma história dessas sem ter um objetivo em vista... lucros consideráveis.

— Mas me parece que os lucros estão na venda que Lupin vai fazer das tapeçarias. Na América, ou em outro lugar qualquer.

— Certo, mas dessa venda o próprio coronel Sparmientto podia ter tratado. E com maior vantagem, inclusive. Há algo mais, portanto.

— Algo mais?

— Ora, chefe, está esquecendo que o coronel Sparmientto foi vítima de um roubo importante, e que, se ele está morto, sua viúva continua viva. É a viúva, portanto, que irá receber.

— Receber o quê?

— Como assim, o quê? O que lhe devem, ora... o valor do seguro.

O sr. Dudouis ficou estupefato. A história inteira se desvelava, de repente, com seu verdadeiro significado. Murmurou:

— É verdade! É verdade! O coronel fez um seguro das tapeçarias...

— Pois então. E barato não foi.

— De quanto?

— Oitocentos mil francos.

— Oitocentos mil francos!

— Foi o que eu disse. E em cinco companhias diferentes.

— E a sra. Sparmientto já recebeu?

— Recebeu cento e cinquenta mil francos ontem, e duzentos mil hoje, enquanto eu estava fora. O restante será pago no decorrer desta semana.

— Mas isso é terrível! Devíamos ter...

— Devíamos o quê, chefe? Para começar, eles aproveitaram que eu estava ausente para acertar as contas. Só depois que voltei, ao cruzar por acaso com o diretor de uma companhia de seguros que conheço e que obriguei a falar, é que fui descobrir a história toda.

O chefe da Sûreté ficou um bom tempo calado, aturdido, e por fim resmungou:

— Mas que homem, vou lhe contar!

Ganimard meneou a cabeça.

— Sim, chefe, é um canalha, mas, temos que reconhecer, um homem e tanto. Para o plano dar certo, era preciso manobrar de tal forma que, durante quatro ou cinco semanas, ninguém pudesse expressar, ou sequer conceber, a mínima suspeita quanto ao coronel Sparmient. Era preciso que todas as indignações e todas as buscas se concentrassem tão somente em Lupin. Era preciso que, ao fim de tudo, só restasse uma viúva lamuriosa, digna de pena, a pobre Edith Pescoço de Cisne, visão graciosa e lendária, criatura tão comovente que seria quase um prazer para esses senhores das seguradoras dispor em suas mãos algo que lhe atenuasse o sofrimento. E assim foi.

Os dois homens estavam muito próximos, olhando um nos olhos do outro.

Disse o chefe:

— Quem é essa mulher?

— Sonia Krichnoff!

— Sonia Krichnoff?

— Sim, aquela russa que eu prendi no ano passado quando do caso do diadema, e que Lupin ajudou a fugir.

— Tem certeza?

— Absoluta. Confundido, como todo mundo, pelas maquinações de Lupin, não tinha prestado atenção nela. Mas, quando entendi o papel que ela estava desempenhando, lembrei. É Sonia, sim, metamorfoseada em inglesa... Sonia, que não hesitaria em se deixar matar por amor a Lupin.

O sr. Dudouis assentiu:

— Belo trabalho, Ganimard.

— Tenho algo melhor para lhe oferecer, chefe.

— É mesmo? O quê?

— A velha ama de leite de Lupin.

— Victoire?

— Está aqui desde que a sra. Sparmient assumiu o papel de viúva:

é a cozinheira.

— Uau! — exclamou o sr. Dudouis. — Meus parabéns, Ganimard!

— Tenho algo ainda melhor para lhe oferecer, chefe!

O sr. Dudouis se sobressaltou. A mão do inspetor, segurando outra vez a sua, tremia.

— O que quer dizer, Ganimard?

— Acha mesmo que eu o incomodaria a essa hora da noite se a presa fosse só essa, chefe? Sonia e Victoire? Ora, essas podiam esperar.

— E então? — murmurou o sr. Dudouis, que finalmente começava a entender a agitação do inspetor-chefe.

— E então... adivinhou, chefe!

— Ele está aqui?

— Está.

— Escondido?

— Que nada. Apenas disfarçado. É o criado.

Dessa vez o sr. Dudouis não fez um gesto, não disse palavra. A audácia de Lupin o desconcertava.

Ganimard deu uma risadinha:

— A Santíssima Trindade ganhou uma quarta personagem. Edith Pescoço de Cisne podia cometer um vacilo, era necessária a presença do mestre; ele teve a petulância de voltar. Faz três semanas que vem assistindo à minha investigação e acompanhando tranquilamente seus avanços.

— Você o reconheceu?

— Ninguém reconhece Lupin. Ele possui uma técnica de maquiagem e metamorfose que o torna irreconhecível. Além disso, eu estava a mil léguas de supor. Mas agora à noite, enquanto espiava Sonia no vão da escada, ouvi Victoire conversando com o empregado e chamando-o de “meu menino”. Fez-se a luz dentro de mim; “meu menino”, é assim que ela sempre o chamou: então tive certeza.

O sr. Dudouis, por sua vez, parecia transtornado pela presença do inimigo, tanto tempo perseguido e sempre inalcançado.

— Desta vez nós o pegamos... nós o pegamos — disse, com voz abafada. — Não tem como escapar.

— Não tem, não, chefe, nem ele nem as duas mulheres.

— Onde eles estão?

— Sonia e Victoire estão no segundo andar, e Lupin, no terceiro.

— Ora — observou o sr. Dudouis, com uma preocupação repentina —, mas não foi justamente pelas janelas desses quartos que evacuaram as tapeçarias na noite do roubo?

— Foi.

— Nesse caso, Lupin também pode fugir por aí, já que essas janelas dão para a rua Dufrénoy.

— É claro, chefe, mas já tomei minhas precauções. Assim que vocês chegaram, mandei quatro homens se postarem sob as janelas na rua Dufrénoy. A ordem é clara: se aparecer alguém nas janelas e tentar descer, que atirem. Primeiro um tiro de festim, e o segundo, com bala.

— Bem, Ganimard, você pensou em tudo. Assim que amanhecer...

— Esperar, chefe? Usar luvas de pelica com esse pilantra? Preocupar-se com regulamentos e horário permitido e essa bobajada toda? E se ele nos escapar enquanto isso? E se recorrer a um dos seus truques à la Lupin? Ah, não, nem pensar! Está na mão, vamos agarrá-lo, e é já!

E Ganimard, indignado, estremecendo de impaciência, saiu, atravessou o jardim e fez entrar meia dúzia de homens.

— Pronto, chefe! Mande ordem para o pessoal da rua Dufrénoy preparar as armas e mirar nas janelas. Vamos lá.

Essas idas e vindas tinham causado algum barulho, que decerto não passara despercebido aos moradores do palacete. O sr. Dudouis percebeu que não tinha alternativa. Decidiu-se.

— Vamos lá.

A operação foi rápida.

Oito homens, suas Browning em punho, subiram a escada sem maiores precauções, na pressa de surpreender Lupin antes que ele tivesse tempo de organizar sua defesa.

— Abra! — berrou Ganimard, precipitando-se para uma porta, que era a do quarto ocupado pela sra. Sparmient.

Com um golpe de ombro, um agente a arrombou.

Dentro do quarto, ninguém. E no quarto de Victoire, tampouco!

— Estão lá em cima! — exclamou Ganimard. — Foram para a água-

furtada de Lupin. Cuidado!

Subiram, os oito, ao terceiro andar. Ganimard, para sua grande surpresa, encontrou a porta da água-furtada aberta, e o lugar, deserto. Os outros quartos também estavam vazios.

— Maldição! — praguejou. — Onde é que eles se meteram?

Mas o chefe o chamou. O sr. Dudouis, que acabava de voltar ao segundo andar, verificara que uma das janelas não estava fechada, mas apenas encostada.

— Veja — disse a Ganimard —, foi por aqui que eles fugiram: por onde saíram as tapeçarias. Bem como eu disse... a rua Dufrénoy.

— Mas os homens teriam atirado! — contestou Ganimard, rangendo de raiva. — A rua está vigiada.

— Devem ter saído antes disso.

— Estavam todos os três nos seus quartos quando liguei para o senhor, chefe!

— Talvez tenham saído quando você foi me esperar no jardim.

— Mas por que fariam isso? Por quê? Não havia nenhum motivo para eles irem embora hoje e não amanhã, ou na semana que vem, depois de embolsar todo o dinheiro do seguro...

Havia um motivo, sim, e Ganimard soube qual era depois que avistou sobre a mesa uma carta com seu nome, depois que a abriu e tomou conhecimento do conteúdo. Estava redigida nos termos de uma carta de referência, dessas que se dá a um empregado com quem se está satisfeito:

Eu, abaixo-assinado Arsène Lupin, ladrão de casaca, ex-coronel, ex-criado, ex-defunto, atesto para os devidos fins que o sr. Ganimard deu provas das mais notáveis qualidades durante o período da sua permanência neste palacete. Dono de uma conduta exemplar, dedicado, atento, logrou, sem o auxílio de nenhum indício, desbaratar parte dos meus planos e poupar quatrocentos e cinquenta mil francos às companhias de seguro. Congratulo-o por isso, e o desculpo de bom grado por não ter atinado que o telefone do andar térreo se comunica com o aparelho instalado no quarto de Sonia Krichnoff e que, quando ligou para o digníssimo chefe da Sûreté, também me telefonou, alertando-me para escapular o quanto antes. Uma falha venial, que de modo algum obscurece o brilho de seus serviços prestados nem diminui o mérito da sua vitória.

Sendo assim, rogo-lhe que aceite o tributo da minha admiração e do meu mais sincero apreço.

Arsène Lupin

8. A PALHINHA

NAQUELE DIA, POR VOLTA DAS QUATRO HORAS, perto do anoitecer, compadre Goussot voltou da caça com seus quatro filhos. Eram, todos os cinco, homens fortes, altos, de torso musculoso, rosto curtido de sol e ar livre.

E todos os cinco ostentavam, plantada sobre um pescoço enorme, a mesma cabeça pequena, com testa curta, lábios finos, nariz recurvado igual bico de pássaro, semblante duro e pouco simpático. Eram temidos nas redondezas. Eram gananciosos, astutos e um tanto pérfidos.

Chegando à antiga muralha que circunda a fazenda de Heberville, compadre Goussot abriu uma porta estreita e maciça, cuja chave tornou a guardar no bolso depois que seus filhos passaram. E foi andando atrás deles pelo caminho que atravessa o pomar. Viam-se, aqui e ali, árvores grandes desfolhadas pelo outono, e grupos de pinheiros, vestígios do antigo parque onde hoje se estende a fazenda de compadre Goussot.

Um dos filhos comentou:

— Espero que a mãe já tenha acendido o fogo!

— Com certeza — disse o pai. — Olhe, até dá para ver a fumaça.

No final de um gramado, avistavam-se as dependências e a casa principal, e, mais atrás, a igreja do vilarejo, cujo campanário parecia rasgar as nuvens que perambulavam no céu.

— As espingardas estão descarregadas? — perguntou compadre Goussot.

— A minha não está — disse o mais velho. — Pus uma bala para enfiar na cabeça de um peneireiro, e daí...

Esse se envaidecia da própria destreza. Disse aos irmãos:

— Estão vendo aquele galhinho pequeno, lá no alto da cerejeira? Esse eu rebento de um tiro.

Esse pequeno galho sustentava um espantalho, deixado ali desde a primavera, os braços desatinados protegendo ramos sem folha alguma.

Ele apontou. O tiro saiu.

O boneco despencou com largos gestos cômicos e caiu sobre um grosso galho inferior, onde se quedou, rígido, de bruços, com uma enorme cartola na cabeça de trapos e as pernas de feno balançando para um lado e para o outro, logo acima de uma fonte que jorrava perto da árvore, num tanque de madeira.

Todos riram. O pai aplaudiu:

— Belo tiro, meu rapaz. Esse fulano já estava mesmo me irritando. Não podia levantar os olhos do prato enquanto comia sem dar de cara com esse tonto.

ANDARAM MAIS ALGUNS PASSOS. Uns vinte metros, se tanto, os separavam da casa, quando o pai parou bruscamente, exclamando:

— Ei! O que é aquilo?

Os irmãos pararam também, apurando o ouvido.

Um deles murmurou:

— Isso vem da casa, dos lados da lavanderia...

Outro balbuciou:

— Parecem gemidos... E a mãe está sozinha!

Um grito irrompeu de repente, terrível. Desataram todos os cinco a correr. Ressoou mais um grito, depois clamores aflitos.

— Estamos indo! Estamos indo! — bradou o mais velho, que corria na frente.

E, como teria que dar toda a volta para chegar à porta, arrebentou uma janela com um murro e entrou de um pulo no quarto dos pais. Justo ao lado ficava a lavanderia, onde comadre Goussot passava a maior parte do tempo.

— Santo céu! — exclamou, ao vê-la caída no assoalho, o rosto coberto de sangue. — Pai! Pai!

— O quê, onde ela está? — berrou compadre Goussot, que vinha chegando. — Santo céu! Será possível? O que fizeram com você, mulher?

Ela se retesou e, braço estendido, gaguejou:

— Corram atrás dele! Por ali! Por ali! Eu estou bem, são só uns arranhões... Vamos, corram! Ele levou o dinheiro!

Pai e filho dispararam.

— Levou o dinheiro! — vociferou compadre Goussot, precipitando-se para a porta indicada pela mulher. — Ele levou o dinheiro! Pega ladrão!

Nisso, ouviu-se um alarido no corredor por onde estavam vindo os outros três filhos.

— Eu o vi! Eu o vi!

— Eu também! Estava subindo a escada.

— Não, aí vem ele, está descendo de volta!

Uma correria desenfreada sacudiu o assoalho. Súbito, ao chegar no fim do corredor, compadre Goussot avistou um homem na porta do vestíbulo, tentando abri-la. Se conseguisse, estava salvo, era só fugir pela praça da igreja e pelas ruelas do lugarejo.

Flagrado em sua tentativa, o homem, estupidamente, perdeu a cabeça, foi para cima de compadre Goussot, que fez rodopiar, desviou do irmão mais velho e, perseguido pelos quatro filhos, enveredou outra vez pelo comprido corredor, entrou no quarto dos pais, pulou a janela arrombada e desapareceu.

Os filhos saíram em seu encalço pelo gramado e pomar afora, já escurecidos pela sombra da noite.

— O bandido se deu mal — escarneceu compadre Goussot. — Não tem por onde sair. Os muros são altos demais. Está perdido. Canalha!

E ao avistar seus dois empregados que vinham chegando do vilarejo, inteirou-os da situação e deu uma espingarda para cada um.

— Se esse patife sequer se atrever a chegar perto da casa, acabem com ele. Sem dó nem piedade!

Indicou onde deviam se posicionar, certificou-se de que o portão maior, reservado para as carroças, estava trancado, e só então se lembrou de que sua esposa talvez precisasse de ajuda.

— E então, mulher?

— Onde ele está? Conseguiram pegá-lo? — ela foi logo perguntando.

— Sim, estamos cuidando disso. A essa hora os rapazes já puseram

as mãos nele.

Essa notícia terminou de reanimá-la, e um traguinho de rum lhe deu forças para, amparada por compadre Goussot, ir se deitar na cama e contar toda a história.

O relato foi breve. Ela tinha acabado de acender o fogo na sala principal e tricotava tranquilamente à janela do quarto, esperando os homens chegarem, quando julgou ouvir um leve rangido vindo da lavanderia ao lado.

“Vai ver que é a gata”, pensou, “devo tê-la esquecido lá dentro.”

Foi lá dar uma olhada, na maior inocência, e ficou pasma ao ver que as duas portas do armário de roupas onde eles escondiam o dinheiro estavam abertas. Aproximou-se, ainda sem desconfiar de nada. Havia um homem ali, escondido, encolhido junto às prateleiras.

— Mas por onde ele entrou? — perguntou compadre Goussot.

— Ora, por onde! Pelo vestíbulo, imagino. Nunca trancamos a porta...

— E aí? Ele foi pra cima de você?

— Não, quem foi pra cima fui eu. Ele queria fugir.

— Devia ter deixado.

— Como assim? E o dinheiro?

— Já estava com ele?

— Se estava! Canalha! Vi o maço de notas na mão dele. Só por cima do meu cadáver... Ah, a briga foi pra valer!

— Quer dizer que ele não estava armado?

— Que nada. Lutamos com os dedos, as unhas, os dentes. Veja só a mordida que ele me deu. E eu gritei, e chamei! Só que, bem, eu estou velha... Tive que soltá-lo.

— Sabe quem ele é?

— Acho que é o velho Traînard.

— O vagabundo? Mas é claro! — exclamou o fazendeiro. — O velho Traînard! Também tive a impressão de reconhecê-lo... Além disso, faz uns três dias que ele anda rondando em volta da casa. O safado deve ter sentido o cheiro do dinheiro. Ah, velho Traînard, vamos nos divertir! Uma surra de primeira, para começar, e depois, a justiça. E você, mulher, já consegue levantar? Então vá chamar os vizinhos. Que

alguém corra até a polícia! O filho do tabelião tem uma bicicleta... Mas precisa ver como o velho Traînard chispava! Está bem das pernas, para a idade dele. Uma verdadeira lebre!

Ele gargalhava, encantado com a história toda. Não havia risco nenhum. Nenhuma força do mundo poderia fazer com que o vagabundo escapasse, não recebesse o enérgico corretivo que merecia e não seguisse, sob boa escolta, para a cadeia da cidade.

O fazendeiro pegou uma espingarda e foi ter com os dois empregados.

— Alguma novidade?

— Não, patrão, ainda não.

— Não deve demorar. A não ser que o diabo o carregue muro acima!

De vez em quando se ouviam os gritos que os quatro irmãos, ao longe, dirigiam uns aos outros. O velho estava obviamente se protegendo, mais ágil do que seria de esperar. Mas com garotos fortes feito os irmãos Goussot...

Um deles voltou, no entanto, bastante desanimado, e não escondeu sua opinião.

— Por ora, nem adianta insistir. Já é noite escura. O homem deve ter se entocado em algum canto. Amanhã a gente vê.

— Amanhã! Está louco, meu rapaz? — protestou compadre Goussot.

O mais velho chegou, por sua vez, ofegante, e foi da mesma opinião que o irmão. Por que não esperar até o dia seguinte, já que o bandido estava tão preso na fazenda como entre os muros de uma prisão?

— Pois então vou eu mesmo — exclamou compadre Goussot. — Me acendam uma lanterna.

Mas, nesse momento, chegaram três policiais, e os homens do vilarejo também afluíam, vindo assuntar o que acontecera.

O cabo de polícia era um homem metódico. Primeiro pediu que lhe contassem toda a história nos seus mínimos detalhes, então pensou, depois interrogou os quatro irmãos, separadamente e refletindo depois de cada depoimento. Quando soube por eles que o vagabundo fugira para os fundos da propriedade, que o tinham perdido de vista várias vezes e que desaparecera definitivamente perto de um lugar chamado

“monte dos Corvos”, pensou mais um pouco e concluiu:

— É melhor esperar. À noite, na confusão da caçada, o velho Traînard pode se misturar entre nós. E aí, adeus, até mais ver!

O fazendeiro deu de ombros e se rendeu, resmungando, aos argumentos do policial. Este organizou a vigilância, distribuiu os irmãos Goussot e o pessoal do vilarejo sob a supervisão de seus homens, verificou se as escadas de mão estavam bem guardadas e instalou seu quartel-general na sala de jantar, onde ele e compadre Goussot cochilaram diante de uma garrafa de aguardente envelhecida.

A noite foi tranquila. A cada duas horas, o policial fazia uma ronda e trocava as sentinelas. Não houve nenhum alerta. O velho Traînard não saiu da toca.

Ao amanhecer, iniciou-se a batida.

Ela durou quatro horas.

Em quatro horas, os cinco hectares da fazenda foram inspecionados, vasculhados, percorridos em todos os sentidos por cerca de vinte homens batendo nos arbustos com caniços, pisoteando os tufo de capim, sondando as cavidades das árvores, erguendo os montes de folhas secas. E o velho Traînard continuava invisível.

— Mas que coisa! Não dá pra acreditar! — rosnava compadre Goussot.

— Não dá para entender — replicava o policial.

Um fenômeno inexplicável, com efeito. Pois afinal, com exceção de uns antigos arbustos de loureiros e evônimos que tinham sido conscienciosamente examinados, as árvores estavam todas desfolhadas. Não havia nenhuma construção, nenhum galpão, nenhuma pedra, nada, em suma, que pudesse servir de esconderijo.

Quanto ao muro, um exame minucioso terminou de convencer o próprio policial: escalá-lo era impossível.

À tarde, as investigações foram retomadas na presença do juiz de instrução e do procurador substituto. Os resultados não foram mais elucidativos. E, o que é pior, o caso pareceu tão suspeito aos magistrados que estes, expressando seu mau humor, não se impediram de perguntar:

— Tem mesmo certeza de que não foi uma alucinação sua e dos

seus filhos, compadre Goussot?

— E a minha esposa? — gritou compadre Goussot, vermelho de raiva. — Também estava tendo uma alucinação quando aquele cafajeste apertou a garganta dela? Vejam as marcas!

— Certo. Mas, então, onde está esse facínora?

— Aqui, entre esses quatro muros.

— Certo. Então procure-o. Da nossa parte, desistimos. É mais do que evidente que, se houvesse um homem escondido nesta fazenda, já o teríamos encontrado.

— Pois bem, então vou eu mesmo pôr as mãos nele — esbravejou compadre Goussot. — Ninguém vai poder dizer que me deixei roubar seis mil francos. Sim, senhor, seis mil! Três vacas que eu vendi, mais a colheita do trigo, mais as maçãs. Seis notas de mil que eu ia depositar no banco. Pois bem, juro para vocês que esse dinheiro vai voltar para o meu bolso.

— Muito bem, desejo-lhe sucesso — disse o juiz de instrução, retirando-se, seguido pelo procurador substituto e pelos policiais.

Os vizinhos, um tanto zombeteiros, foram indo embora também. No final da tarde, restavam apenas os Goussot e os dois empregados da fazenda.

Compadre Goussot explicou prontamente seu plano. De dia, as buscas. De noite, vigilância minuto a minuto. Levasse o tempo que levasse. Ora essa! O velho Traînard era um homem igual a qualquer outro, e os homens comem e bebem. O velho teria fatalmente que sair da toca para comer e beber.

— Ele pode até ter uns nacos de pão no bolso — disse compadre Goussot — ou pode catar umas raízes durante a noite. Mas para beber não tem jeito. Só existe a fonte. E ele que se atreva a chegar perto dela.

Naquela noite, ele próprio assumiu a guarda da fonte. Três horas mais tarde, foi rendido pelo filho mais velho. Os outros irmãos e os empregados dormiram na casa, revezando-se na vigília, e com todas as velas e lamparinas acesas para não haver surpresas.

E assim foi por quinze noites seguidas. E quinze dias a fio, enquanto dois homens e comadre Goussot ficavam de vigia, os outros cinco

vasculhavam a fazenda de Heberville.

Ao fim de duas semanas, nada.

O fazendeiro ainda estava furioso.

Mandou chamar um antigo inspetor da Sûreté que morava na cidade vizinha.

O inspetor passou uma semana inteira na casa. Não encontrou o velho Traînard, nem qualquer outro indício que desse esperança de encontrá-lo.

— Não dá pra acreditar! — ficava repetindo compadre Goussot. — Pois que esse ordinário está por aqui, isso está. Nem se discute. Então...

Plantado na soleira da porta, amaldiçoava o inimigo em altos brados:

— Seu mentecapto! Prefere morrer no fundo da sua toca do que soltar o dinheiro? Pois então morra, salafrário!

E comadre Goussot, por sua vez, esganiçava com sua voz estridente:

— É a cadeia que te assusta? Pois entregue o dinheiro e vai poder se mandar.

Mas o velho Traînard não dava um pio, e marido e mulher se esgoelavam em vão.

Dias terríveis se passaram. Compadre Goussot já não dormia, estremecendo de febre. Os filhos foram ficando raivosos, briguentos, não largavam as espingardas, sem pensar em mais nada que não fosse matar o vagabundo.

No vilarejo não se falava em outra coisa, e o caso Goussot, de início local, não demorou a ocupar a imprensa. Da cidade vizinha, da capital, vieram jornalistas que compadre Goussot despachou com desacatos.

— Cada macaco no seu galho — dizia para eles. — Vão cuidar da sua vida. Eu cuido da minha. Ninguém tem nada com isso.

— Mas compadre Goussot...

— Me deixem em paz.

E batia a porta na cara deles.

Fazia agora quatro semanas que o velho Traînard estava escondido entre os muros da fazenda de Heberville. Os Goussot persistiam nas

buscas por teimosia, sempre com a mesma convicção, mas com uma esperança que ia arrefecendo dia após dia, como que esbarrando num misterioso obstáculo, desses que desencorajam qualquer esforço. E a ideia de que não tornariam a ver seu dinheiro começava a se assentar dentro deles.

OCORRE QUE, certa manhã, por volta das dez horas, um automóvel que atravessava a praça do vilarejo em grande velocidade estacou, de repente, em decorrência de uma pane.

Tendo o mecânico declarado, depois de uma avaliação, que o conserto iria levar algum tempo, o dono do automóvel resolveu aguardar na estalagem e almoçar.

Era um cavalheiro ainda jovem, com suíças bem aparadas, semblante simpático, que não demorou a entabular conversa com as pessoas da estalagem.

Estas, naturalmente, comentaram a história dos Goussot. Ele não a conhecia, pois estava chegando de viagem, mas pareceu extremamente interessado. Pediu que lhe contassem em detalhes, formulou objeções, discutiu algumas hipóteses com pessoas que comiam à mesma mesa e, por fim, exclamou:

— Ora, não deve ser tão complicado! Tenho alguma experiência nesse tipo de caso. Se estivesse no local...

— Isso é fácil — disse o estalajadeiro. — Conheço o compadre Goussot. Ele não há de recusar.

As negociações foram breves, compadre Goussot estava num estado de espírito em que rechaçava menos brutalmente a intervenção dos outros. Sua esposa, em todo caso, não hesitou.

— Pois que venha esse cavalheiro.

O cavalheiro pagou a conta e deu ordem ao mecânico que testasse o carro na estrada assim que terminasse o conserto.

— Vou precisar de uma hora, não mais — disse. — Esteja pronto dentro de uma hora.

E seguiu para a casa do compadre Goussot.

Na fazenda, falou pouco. Compadre Goussot, recobrando a esperança apesar de tudo, despejou informações, caminhou com o

visitante ao longo do muro até a portinha de saída, mostrou a chave que a abria e fez um relato pormenorizado das buscas efetuadas até então.

Coisa estranha: o desconhecido, embora não falasse, tampouco parecia escutar. Apenas observava, e com um olhar um tanto distraído. Terminada a volta pela propriedade, compadre Goussot indagou, ansioso:

— E então?

— E então o quê?

— Descobriu?

O forasteiro ficou um instante em silêncio. Por fim, declarou:

— Não, nada.

— Também, pudera! — exclamou o fazendeiro, erguendo as mãos.

— Como poderia? Isso tudo é uma grande piada. Quer saber o que eu acho? Pois bem, o velho Traînard tanto fez que acabou morrendo no fundo da sua toca, e o dinheiro vai apodrecer junto com ele. Está me ouvindo? É isso que eu acho.

O cavalheiro, muito calmo, ponderou:

— Só me pergunto uma coisa. O vagabundo, estando à solta, até pode, bem ou mal, ter se alimentado durante a noite. Mas e para beber?

— Não há como! — exclamou o fazendeiro. — Não há como! Só existe essa fonte, e montamos guarda junto dela todas as noites.

— É uma nascente. Onde ela brota?

— Aqui mesmo.

— Isso significa que a pressão é suficiente para ela subir sozinha até o tanque?

— Sim.

— E a água, para onde ela vai quando sai do tanque?

— Sai por esse cano, está vendo, que passa por baixo da terra, e vai até a casa, onde serve para cozinhar. Não há como bebê-la, portanto, já que estávamos aqui e a fonte fica a vinte metros da casa.

— E não choveu nenhuma vez nessas quatro semanas?

— Nenhuma, já lhe disse.

O desconhecido se aproximou da fonte e a examinou. O tanque era

composto de algumas tábuas de madeira agrupadas direto sobre o chão, onde a água jorrava, lenta e límpida.

— A profundidade da água não passa de trinta centímetros, não é? — perguntou.

Para conferir, pegou na relva um pedaço de palha e o inseriu verticalmente dentro do tanque. Estava curvado nessa tarefa quando, de súbito, se interrompeu e olhou ao redor.

— Ah! Que engraçado! — disse, soltando uma gargalhada.

— O quê? O que foi? — balbuciou compadre Goussot, precipitando-se sobre o tanque, como se um homem pudesse estar deitado no estreito espaço entre as tábuas.

E comadre Goussot implorou:

— O quê? O senhor o viu? Onde ele está?

— Nem dentro nem embaixo — respondeu o forasteiro, ainda rindo.

Saiu andando em direção à casa, seguido pelo fazendeiro, a mulher e os quatro filhos. O estalajadeiro também estava ali, bem como as pessoas da estalagem que tinham acompanhado a movimentação do forasteiro. E todos se calaram, à espera da extraordinária revelação.

— Era o que eu pensava — disse, com um ar divertido —, o homem precisava se saciar, e como só existe essa fonte...

— Ora, o que é isso — resmungou compadre Goussot —, nós teríamos visto.

— Era de noite.

— Nós teríamos ouvido, e até visto, já que estávamos bem do lado.

— Ele também estava.

— E tomou a água do tanque?

— Sim.

— Mas como?

— À distância.

— Com o quê?

— Com isso.

O desconhecido mostrou a palha que pegara na relva.

— Veja, está aqui o canudo. Repare no tamanho insólito desse canudo, que na verdade é feito de três palhinhas encaixadas uma na outra. Foi isso que me chamou a atenção, a junção das três palhinhas.

Era uma prova evidente.

— Mas prova do quê, santo Deus? — exclamou compadre Goussot, exasperado.

O desconhecido pegou um pequeno rifle no suporte.

— Está carregado? — perguntou.

— Sim — disse o irmão mais novo —, eu uso para atirar nos pardais. É chumbo fino.

— Perfeito. Uns poucos grãos no traseiro serão suficientes.

Sua expressão, de repente, se tornou autoritária. Ele segurou o fazendeiro pelo braço e falou, num tom imperioso:

— Preste atenção, compadre Goussot, eu não sou da polícia, e não quero, de jeito nenhum, entregar esse pobre-diabo. Quatro semanas de jejum e pavor já são o suficiente. De modo que vai me jurar, o senhor e seus filhos, que vão deixá-lo ir embora sem lhe fazer mal nenhum.

— Se ele devolver o dinheiro!

— Naturalmente. Jura?

— Juro.

O cavalheiro estava outra vez junto à porta, na entrada do pomar. Apontou prontamente um pouco para o alto e na direção da cerejeira que ficava em cima da fonte. O tiro saiu. De lá veio um grito rouco, e o espantalho que estava há um mês escanchado no galho principal despencou no chão, levantou-se a toda pressa e fugiu desabalado.

Houve um momento de espanto, seguido de exclamações. Os filhos saíram chispando atrás dele e, não demorou, alcançaram o fugitivo, todo enredado nos seus andrajos e debilitado pelas privações. Mas o desconhecido o protegeu da fúria deles.

— Basta! Esse homem me pertence. Estão proibidos de encostar um dedo nele. Não queimei demais seu traseiro, velho Traînard?

Plantado sobre as pernas de palha cobertas de farrapos de pano esfiapados, os braços e o resto do corpo vestidos da mesma forma, a cabeça enrolada num trapo, todo amarrado, apertado, engonçado, o velho tinha o aspecto rijo de um manequim. E aquilo era tão cômico, tão inesperado, que todos só podiam rir.

Quando o forasteiro tirou o pano que encobria sua cabeça, viu-se uma máscara de barba grisalha desgrenhada, toda amassada sobre um

rosto esquelético em que reluziam olhos febris.

Os risos redobram.

— O dinheiro! As seis notas! — ordenou o fazendeiro.

O forasteiro o manteve à distância.

— Um momento... Ele vai devolver. Não é, velho Traînard?

E, enquanto ia cortando com o canivete as amarras de palha e tecido, brincou:

— Meu pobre velho, olhe só para você, que pinta! Mas me diga, como conseguiu essa proeza? Você deve ser esperto para diabo, ou melhor, deve ter tido uma sorte danada! Quer dizer que aproveitou a trégua que lhe deram, na primeira noite, para se enfiar nessa fantasia? Nada bobo, você. Um espantalho, quem teria imaginado? Estavam todos tão acostumados a vê-lo pendurado na árvore. Agora, meu pobre coitado, que desconfortável deve ter sido! De braços! Braços e pernas pendurados! E o dia inteiro desse jeito! Que posição mais ingrata! E que malabarismo para esboçar o menor movimento, não? Que medo, quando pegava no sono! E ainda tinha que comer! E beber! E escutando a sentinela! E pressentindo o cano da espingarda a um metro da sua cara! Ui... Mas o mais formidável, quer saber, é essa sua palhinha! Sério, só de pensar que, sem um ruído, sem um gesto, a bem dizer, você tinha que extrair uns fiapos de palha dessa vestimenta, encaixar um no outro, introduzir seu aparato no tanque e sugar, gota a gota, um tantinho da bendita água... Sério, é de gritar de admiração! Bravo, velho Traînard!

E acrescentou entre dentes:

— Só que está fedendo demais, velho. Ficou um mês sem tomar banho, seu porco? E isso porque água você tinha à vontade. Bem, pessoal, agora é com vocês. Vou lavar as mãos.

Mais que depressa, compadre Goussot e seus quatro filhos agarraram a presa deixada para eles.

— Vamos lá, passe o dinheiro.

Mesmo atordoado como estava, o vagabundo ainda encontrou forças para se fingir de surpreso.

— Não me venha com essa cara de bobo — rosnou o fazendeiro. — As seis notas... Me dê.

— O quê? O que querem de mim? — balbuciou o velho Traïnard.
— O dinheiro, e já!
— Que dinheiro?
— As notas!
— Que notas?
— Arre! Você está começando a me irritar. Me ajudem aqui, rapazes...

Derrubaram o velho no chão, arrancaram os andrajos que lhe faziam as vezes de roupa, revistaram, procuraram.

E nada.

— Seu ladrão de uma figa! — gritou compadre Goussot. — O que fez com o dinheiro?

O velho mendigo parecia ainda mais aparvalhado. Ladino demais para confessar, continuava gemendo:

— O que querem de mim? Dinheiro? Não tenho nem três tostões para chamar de meus...

Mas não tirava os olhos esbugalhados da roupa, e parecia que também não estava entendendo.

Já não foi possível conter a fúria dos Goussot. Moeram-no de pancadas, o que não ajudou em nada. Mas o fazendeiro estava convencido de que ele tinha escondido o dinheiro antes de se enfiar dentro do espantalho.

— Onde foi que o escondeu, seu canalha? Fale! Em que lugar do pomar?

— O dinheiro? — repetiu o vagabundo, fazendo cara de idiota.

— É, o dinheiro, o dinheiro que você enterrou em algum canto! Ah, se não o encontrarmos, você vai ter o que merece! Temos testemunhas, não é? Vocês, meus amigos, e também esse cavalheiro...

Virou-se para interpelar o desconhecido, que devia estar para os lados da fonte, uns trinta ou quarenta passos para a esquerda. E ficou muito surpreso de não vê-lo ali lavando as mãos.

— Será que foi embora? — perguntou.

Alguém respondeu:

— Não, não... ele acendeu um cigarro e, passeando, se embrenhou no pomar.

— Melhor assim! — disse compadre Goussot. — É um sujeito bem capaz de encontrar o dinheiro, assim como encontrou o homem.

— A não ser que... — disse uma voz.

— A não ser... O que quer dizer? — indagou o fazendeiro. — O que está pensando? Diga lá, o que é?

Mas se interrompeu bruscamente, assaltado por uma dúvida. Houve um instante de silêncio. Uma mesma suspeita ocorria a todos os camponeses. A passagem do forasteiro por Heberville, a pane do automóvel, a maneira como interrogara as pessoas na estalagem e como dera um jeito de o levarem até a fazenda, tudo isso não sugeria um golpe premeditado, um truque de ladrão que soube da história pelos jornais e resolveu vir in loco tentar a sorte?

— Muito esperto — declarou o estalajadeiro. — Deve ter pegado o dinheiro no bolso do velho Traînard bem na nossa frente, enquanto o revistava.

— Não pode ser! — balbuciou compadre Goussot. — Teríamos visto quando ele foi por ali... pros lados da casa. E ele está passeando no pomar.

Comadre Goussot, toda trêmula, arriscou:

— E a portinha lá do fundo?

— A chave está sempre comigo.

— Mas você mostrou a ele.

— Sim, mas peguei de volta. Veja, está aqui.

Enfiou a mão no bolso e soltou um grito.

— Maldição! Não está! Ele surrupiou...

Desatou a correr, seguido, escoltado pelos seus filhos e por vários camponeses.

No meio do caminho, ouviram o ronco de um automóvel, o do desconhecido, sem dúvida, que instruíra seu motorista a esperar por ele naquela saída afastada.

Quando os Goussot chegaram na porta, viram escritas na madeira carcomida, com um caco de tijolo vermelho, estas duas palavras: “Arsène Lupin”.

APESAR DE TODA A OBSTINAÇÃO e fúria dos Goussot, não houve

meios de provar que o velho Traînard tinha roubado o dinheiro. Com efeito, vinte pessoas tiveram de atestar que, no fim das contas, não encontraram nada com ele. O velho se safou com uns poucos meses de prisão.

Não se arrependeu. Logo que o soltaram, foi secretamente informado de que a cada trimestre, em tal data, tal hora, embaixo de tal marco da estrada, encontraria três luíses de ouro.

Para o velho Traînard, era uma fortuna.

9. O CASAMENTO DE ARSÈNE LUPIN

O sr. Arsène Lupin tem a honra de participar-lhe seu casamento com a srta. Angélique de Sarzeau-Vendôme, princesa de Bourbon-Condé, e o convida a assistir à bênção nupcial a realizar-se na igreja Sainte Clothilde.

O duque de Sarzeau-Vendôme tem a honra de participar-lhe o casamento da sua filha Angélique, princesa de Bourbon-Condé, com o sr. Arsène Lupin, e o convida...

O duque Jean de Sarzeau-Vendôme não conseguiu concluir a leitura das cartas que segurava nas mãos trêmulas. Pálido de raiva, o corpo magro e comprido sacudido por tremores, sufocava de indignação.

— Veja isso! — disse à sua filha, estendendo-lhe os dois papéis. — Veja o que nossos amigos receberam! Veja o que está correndo por aí desde ontem. Então? O que acha dessa infâmia, Angélique? O que sua pobre mãe acharia, se ainda fosse viva?

Angélique era alta e magra como o pai, ossuda e seca como ele. Com trinta e três anos, sempre vestida de lã preta, tímida, apagada, tinha um rosto miúdo demais, apertado de um lado e de outro, do qual o nariz surgia como um protesto contra tamanha exiguidade. Ainda assim, não se podia dizer que era feia, de tão bonitos, doces e sérios que eram seus olhos, de uma altivez meio triste, desses olhos perturbadores que quem viu uma vez jamais esquece.

Num primeiro momento, corou de vergonha ao ouvir as palavras do pai, e ao saber, por ele, do ultraje de que era vítima. Mas como o amava, embora ele se mostrasse duro, injusto e despótico com ela, disse-lhe:

— Acho que é algum tipo de brincadeira, meu pai, e não vale a pena se importar com isso.

— Brincadeira? Mas estão todos comentando! Uns dez jornais publicaram essa carta abominável hoje de manhã, acompanhada de comentários irônicos! Recordam nossa genealogia, nossos ancestrais, os mortos ilustres da nossa família. Fingem levar a coisa a sério.

— Ora, mas ninguém vai acreditar!
— É claro que não. Mas, ainda assim, somos motivo de chacota em toda Paris.

— Amanhã ninguém se lembra mais disso.
— Amanhã, minha filha, vão lembrar que o nome de Angélique de Sarzeau-Vendôme foi mais comentado do que deveria. Ah, se eu soubesse quem é o miserável que se atreveu...

Nesse momento entrou Hyacinthe, seu camareiro, avisando o sr. duque de que o chamavam ao telefone. Ainda furioso, ele pegou o aparelho e resmungou:

— Alô? O que foi? Sim, sou eu mesmo, o duque de Sarzeau-Vendôme.

Alguém respondeu:

— Devo-lhe minhas desculpas, sr. duque, bem como à srta. Angélique. A culpa é do meu secretário.

— Seu secretário?

— Sim, esses convites não passavam de um rascunho, que eu pretendia submeter à sua aprovação. Por desgraça, meu secretário achou...

— Mas quem é o senhor, afinal?

— Como, sr. duque! Não está reconhecendo minha voz? A voz do seu futuro genro?

— Quê?

— Arsène Lupin.

O duque se deixou cair numa cadeira. Estava lívido.

— Arsène Lupin... É ele... Arsène Lupin!

Angélique deu um sorriso.

— Está vendo, meu pai, é tudo uma brincadeira, uma bobagem.

Mas o duque, num novo acesso de fúria, pôs-se a andar de um lado para o outro gesticulando:

— Eu vou prestar queixa! É inadmissível esse indivíduo zombar de mim dessa maneira! Se ainda existe justiça, ela terá de fazer alguma coisa!

Mais uma vez, Hyacinthe entrou. Trazia dois cartões de visita.

— Chotois? Lepetit? Não conheço.

— São dois jornalistas, sr. duque.
— O que eles querem?
— Querem falar com o senhor duque a respeito do... casamento.
— Ponha os dois daqui para fora! — exclamou o duque. — E diga ao zelador que meu palacete está fechado para descarados dessa espécie.

— Ora, meu pai, por favor... — arriscou Angélique.
— Você, minha filha, me deixe em paz. Se tivesse consentido, no passado, em se casar com um dos seus primos, não estaríamos nessa situação.

Naquela mesma tarde, um dos dois repórteres publicava, na primeira página do seu jornal, um relato um tanto fantasioso de sua incursão à secular residência dos Sarzeau-Vendôme, na rua de Varenne, estendendo-se complacentemente sobre a ira e os protestos do velho fidalgo.

No dia seguinte, outro jornal trazia uma entrevista com Arsène Lupin, supostamente realizada num corredor do teatro da Ópera. Respondia Arsène Lupin:

Compartilho inteiramente da indignação do meu futuro sogro. O envio dessas cartas foi uma incorreção pela qual não sou responsável, mas de que faço questão de me desculpar publicamente. Imagine, a data do nosso casamento sequer foi marcada! Meu sogro propõe o início de maio. Minha noiva e eu achamos tempo demais! Seis semanas de espera!

O que dava ao caso um sabor todo especial, e que os amigos da família apreciavam sobremaneira, era o próprio temperamento do duque, seu orgulho, a intransigência das suas ideias e princípios. Último descendente dos barões de Sarzeau, a família mais nobre da Bretanha, bisneto daquele Sarzeau que, tendo desposado uma Vendôme, só depois de dez anos de Bastilha consentiu em usar o novo sobrenome imposto por Luís XV, o duque Jean não renunciara a nenhum dos pressupostos do Antigo Regime. Na juventude, acompanhara o conde de Chambord no exílio. Depois de velho, recusava um assento no Palais Bourbon a pretexto de que um Sarzeau só pode se sentar entre seus pares.

Aquele episódio tocava no seu ponto mais sensível. Não conseguia se acalmar, invectivando Lupin com epítetos sonoros, ameaçando-o de

todos os suplícios imagináveis, acusando sua filha.

— Está vendo? Se tivesse se casado! Partidos é que não lhe faltaram! Seus três primos, Mussy, D'Emboise e Caorches, são de boa nobreza, bem-apessoados, suficientemente ricos, e estão até hoje dispostos a casar com você. Por que os rejeita? Ah, é que a senhorita é uma sonhadora, uma sentimental, e seus primos são muito gordos, ou muito magros, ou muito grosseiros!

Era uma sonhadora, de fato. Entregue a si mesma desde menina, tinha lido todos os livros de cavalaria, todos os insossos romances de antigamente esquecidos nos armários de suas antepassadas, e via a vida como um conto de fadas em que as moças muito bonitas são sempre felizes, enquanto as outras esperam até a morte pelo noivo que não chega. Para que se casar com um dos seus primos se só o que eles queriam era seu dote, os milhões que sua mãe lhe deixara? Melhor ficar solteira e continuar sonhando...

Respondeu mansamente:

— Assim acaba adoecendo, meu pai. Esqueça essa história ridícula.

Mas esquecer como? Toda manhã, uma nova alfinetada vinha cutucar sua ferida. Por três dias seguidos, Angélique recebeu um magnífico buquê de flores que dissimulavam o cartão de Arsène Lupin. Não podia sequer ir ao seu clube sem que um amigo o abordasse:

— A de hoje está muito engraçada.

— O quê?

— A última chacota do seu genro, ora! Ah, não sabe? Tome, leia...

O sr. Arsène Lupin irá solicitar ao Conselho de Estado o direito de acrescentar o sobrenome de sua esposa ao seu próprio e passar a chamar-se Lupin de Sarzeau-Vendôme.

E no dia seguinte lia-se:

Posto que a jovem noiva, em virtude de um decreto não revogado de Carlos X, porta o título e o brasão de Bourbon-Condé, de que é a última herdeira, o primogênito dos Lupin de Sarzeau-Vendôme terá por nome príncipe Arsène de Bourbon-Condé.

E no dia seguinte um reclame anunciava:

A Grande Maison de Linge expõe o enxoval da srta. de Sarzeau-Vendôme. Com as iniciais: L. S. V.

Depois, uma folha ilustrada publicou uma cena fotografada: o duque, seu genro e sua filha, sentados em volta de uma mesa jogando baralho.

E a data também foi anunciada com muito alarde: 4 de maio.

Divulgaram-se detalhes sobre o contrato. Lupin dava mostras de um desprendimento admirável. Assinaria de olhos fechados, dizia-se, sem saber o montante do dote.

Isso tudo punha o velho fidalgo fora de si. Seu ódio por Lupin assumia proporções doentias. Por fim, e embora muito lhe custasse fazer isso, procurou o chefe de polícia, o qual o aconselhou a tomar cuidado.

— Nós aqui conhecemos bem o indivíduo. Ele está usando contra o senhor um dos seus truques favoritos. Se me permite a expressão, duque, ele o está “cozinhando”. Não caia nessa armadilha.

— Que truque, que armadilha? — perguntou, ansioso.

— Ele está tentando assustá-lo e pressioná-lo a cumprir, por intimidação, algum ato que, de cabeça fria, o senhor jamais cumpriria.

— Ora, o sr. Arsène Lupin não espera que eu lhe dê a mão da minha filha em casamento, espera?

— Não, mas espera que cometa... como direi? Algum vacilo.

— Qual?

— Esse que ele quer precisamente que o senhor cometa.

— E sua conclusão, qual é, sr. chefe?

— É que o melhor que tem a fazer, sr. duque, é voltar para casa, ou então, se essa confusão toda o incomoda, ir para o campo, e ficar lá tranquilamente, sem se deixar abalar.

Essa conversa só fez acirrar os temores do velho fidalgo. Lupin se lhe afigurava como uma figura terrível, que lançava mão de procedimentos diabólicos e contava com cúmplices em todas as esferas sociais. Precisava tomar muito cuidado.

A partir daí, sua vida se tornou insuportável.

Foi ficando cada vez mais colérico e taciturno, e deixou de receber todos os seus antigos amigos, inclusive os três pretendentes de Angélique, os primos Mussy, D’Emboise e Caorches, os quais, brigados entre si por conta de sua rivalidade, se alternavam para visitá-lo

semanalmente.

Dispensou, sem motivo, o mordomo e o cocheiro. Não ousou substituí-los, porém, por medo de introduzir na sua casa algum assecla de Arsène Lupin, e Hyacinthe, seu camareiro, em quem depositava toda confiança por tê-lo a seu serviço havia quarenta anos, viu-se forçado a assumir as tarefas de copa e de estrebaria.

— Ora, meu pai — dizia Angélique, procurando trazê-lo à razão —, realmente não entendo qual é seu medo. Ninguém nesse mundo pode me obrigar a esse casamento absurdo.

— Claro que não! Meu medo não é esse.

— Então qual é, meu pai?

— E eu lá sei? Um sequestro! Um assalto! Um ato de violência! E também não há dúvida de que estamos cercados de espiões.

Uma tarde, recebeu um jornal que trazia a seguinte nota, sublinhada a lápis vermelho:

A assinatura do contrato deve realizar-se hoje à noite, no palacete Sarzeau-Vendôme. Uma cerimônia íntima, em que apenas uns poucos privilegiados serão convidados a cumprimentar os felizes noivos. Aos futuros padrinhos da srta. de Sarzeau-Vendôme, o príncipe de la Rochefoucault-Limours e o conde de Chartres, o sr. Arsène Lupin irá apresentar as personalidades que insistiram em ter a honra de assegurar-lhe seus préstimos, o sr. chefe de polícia e o sr. diretor da prisão de la Santé.

Foi a gota d'água. Dez minutos depois, o duque mandou seu criado Hyacinthe postar três pneumáticos. Às quatro horas, na presença de Angélique, recebeu os três primos: Paul de Mussy, gordo, pesado e extremamente pálido; Jacques d'Emboise, esbelto, rosto avermelhado e tímido; Anatole de Caorches, baixo, magro e enfermigo; todos os três já solteirões, desprovidos de garbo e elegância.

A reunião foi breve. O duque tinha elaborado todo um plano de ação defensiva, cuja primeira etapa expôs em termos categóricos.

— Angélique e eu iremos deixar Paris esta noite, vamos nos retirar na nossa propriedade na Bretanha. E para isso, meus sobrinhos, conto com sua ajuda. Você, D'Emboise, virá nos buscar com sua limusine. Você, Mussy, vai trazer seu automóvel e terá a gentileza de cuidar das bagagens junto com Hyacinthe, meu camareiro. Quanto a você, Caorches, estará na estação de Orléans e fará as reservas no vagão-

leito do trem das dez e quarenta para Vannes. Prometem?

O fim do dia transcorreu sem incidentes. Para evitar qualquer risco de indiscrição, o duque esperou até depois do jantar para dizer a Hyacinthe que preparasse um baú e uma mala. Hyacinthe viajaria com eles, bem como a camareira de Angélique.

Às nove horas, todos os criados já tinham ido se deitar por ordem do patrão. Às dez para as dez, o duque, que terminava seus preparativos, escutou a buzina de um automóvel. O zelador abriu o portão do pátio. Da janela, o duque reconheceu o *landaulet* de Jacques d'Emboise.

— Diga-lhe que já estou descendo — ordenou a Hyacinthe — e avise à srta. Angélique.

Ao fim de alguns minutos, como Hyacinthe não voltasse, saiu do quarto. Mas foi atacado, no patamar, por dois homens mascarados que o amordaçaram e amarraram antes que pudesse sequer dar um grito. Um dos homens lhe disse em voz baixa:

— Este é um primeiro aviso, sr. duque. Se persistir em sair de Paris e me negar seu consentimento, vai ser muito pior.

E o mesmo indivíduo ordenou ao seu colega:

— Fique de olho nele. Vou cuidar da senhorita.

Àquela altura, dois outros cúmplices já haviam dominado a camareira, e Angélique, também amordaçada, jazia, desmaiada, numa poltrona do seu boudoir.

Voltou a si quase em seguida por efeito de sais aromáticos que alguém lhe fazia inalar, e, quando abriu os olhos, viu, inclinado sobre ela, um homem jovem, de traje a rigor, rosto simpático e sorridente, que lhe disse:

— Peço que me perdoe, senhorita. Essas ações são um tanto bruscas, e esse modo de agir, um tanto atípico. Mas as circunstâncias muitas vezes nos obrigam a cometer atos que nossa consciência desaprova. Permita-me.

Pegou delicadamente sua mão e, pondo uma larga aliança de ouro no dedo da jovem, declarou:

— Pronto. Estamos noivos. Nunca se esqueça do homem que está lhe dando esta aliança. Ele lhe roga que não fuja, e que aguarde em

Paris as manifestações de seu apreço. Confie nele.

Falava num tom tão grave e respeitoso, com tanta autoridade e deferência, que ela não tinha forças para resistir. Seus olhos se encontraram. Ele murmurou:

— Que olhos lindos e puros a senhorita tem! Vai ser bom viver sob a mirada desses olhos. Agora feche-os...

Ele se retirou. Seus cúmplices o seguiram. O automóvel partiu, e o palacete da rua de Varenne permaneceu silencioso até o instante em que Angélique, recobrando totalmente os sentidos, chamou pelos criados.

Encontraram o duque, Hyacinthe, a camareira e o casal de zeladores, todos firmemente amarrados. Alguns bibelôs de grande valor tinham desaparecido, bem como a carteira do duque e todas as suas joias, alfinetes de gravata, abotoaduras de pérolas finas, relógio etc.

A polícia foi imediatamente alertada. Pela manhã, soube-se que na noite anterior, ao sair de casa em seu automóvel, D'Emboise fora esfaqueado por seu próprio motorista e deixado, semimorto, numa rua deserta. Quanto a Mussy e Caorches, haviam recebido uma mensagem telefônica, pretensamente da parte do duque, cancelando o combinado.

Na semana seguinte, sem mais se importar com o inquérito, sem atender às convocações do juiz de instrução, sem nem sequer ler os comunicados de Arsène Lupin à imprensa sobre a “fuga de Varennes”, o duque, sua filha e seu criado tomaram furtivamente um trem parador para Vannes e chegaram, uma noite, ao antigo castelo feudal que domina a península de Sarzeau. Imediatamente, com a ajuda de camponeses bretões, autênticos vassalos medievais, organizou-se a resistência. No quarto dia, chegou Mussy; no quinto, Caorches; e no sétimo, D'Emboise, cujo ferimento não era tão grave como se temia.

O duque ainda esperou dois dias antes de comunicar aos familiares aquilo que ele denominava — já que, apesar de Lupin, sua fuga fora bem-sucedida — a segunda metade do seu plano. Fez isso na presença dos três primos, por meio de uma ordem peremptória dirigida a Angélique, e que ele explicou da seguinte forma:

— Essa história toda tem me feito muito mal. Travei contra esse homem, de que nos foi dado constatar a audácia, uma luta que está me exaurindo. Quero acabar com isso, custe o que custar. E para tanto só existe um jeito, Angélique, que é você me desonerar de toda responsabilidade aceitando a proteção de um dos seus primos. É preciso que, antes de um mês, se torne a esposa de Mussy, Caorches ou D'Emboise. A escolha é sua. Decida.

Durante quatro dias, Angélique chorou, suplicou ao pai. Mas de que adiantava? Bem via que ele estava inflexível e que, no fim das contas, teria de se curvar à sua vontade. Ela aceitou.

— Que seja o que o senhor preferir, meu pai. Eu não gosto de nenhum deles. De modo que tanto faz, para mim, ser infeliz com este ou com aquele.

O que deu ensejo a mais uma discussão, o duque querendo obrigá-la a uma escolha pessoal. Ela não cedeu. Vencido, e por critérios financeiros, ele elegeu D'Emboise.

Os proclamas foram imediatamente publicados.

Redobrou-se então a vigilância ao redor do castelo, mesmo porque o silêncio de Lupin e a brusca interrupção da campanha que vinha travando nos jornais não deixavam de preocupar o duque de Sarzeau-Vendôme. Era evidente que o inimigo estava armando um golpe e tentaria impedir o casamento com alguma das suas costumeiras manobras.

Nada aconteceu, porém. Na antevéspera, na véspera, na manhã da cerimônia, nada. O casamento foi realizado no cartório, depois houve a bênção nupcial na igreja. E foi só isso.

Só então o duque relaxou. Apesar da tristeza da filha, apesar do silêncio constrangido do genro, que a situação parecia deixar meio sem jeito, esfregava as mãos com um ar satisfeito, como se depois de uma estrondosa vitória.

— Mande baixar a ponte levadiça! — disse para Hyacinthe. — E que deixem entrar todo mundo! Não temos mais nada a temer desse miserável.

Depois do almoço, mandou servir vinho aos camponeses e brindou junto com eles. Cantaram e dançaram.

Por volta das três horas, voltou para as salas do andar térreo.

Era a hora da sua sesta. Dirigiu-se para a última sala, que era a da guarda. Mas, nem bem cruzara a porta, estacou de repente, exclamando:

— O que está fazendo, D’Emboise? Que brincadeira é essa?

Lá estava D’Emboise de pé, vestido como um pescador bretão, calções e jaqueta sujos, rasgados, remendados, muito grandes e largos para ele.

O duque parecia estupefato. Examinou demoradamente, com olhos atônitos, aquele rosto que conhecia e, ao mesmo tempo, lhe despertava vagas lembranças de um passado muito distante. E então, de repente, foi até uma das janelas que dava para a esplanada e chamou:

— Angélique!

— O que foi, meu pai? — ela respondeu, aproximando-se.

— Onde está seu marido?

— Está ali, meu pai — disse Angélique, e apontou para D’Emboise, que estava lendo e fumando um cigarro ali perto.

O duque cambaleou e caiu sentado numa poltrona, sentindo um calafrio de pavor.

— Estou ficando louco!

Mas o homem vestido de pescador se ajoelhou à sua frente, dizendo:

— Olhe para mim, meu tio! Está me reconhecendo, não está? Sou eu, seu sobrinho, que costumava brincar por aqui antigamente, que o senhor chamava de Jacquot... Tente se lembrar. Veja, tenho essa cicatriz...

— Sim... sim... — balbuciou o duque. — Estou te reconhecendo. É você, Jacques. Mas o outro...

Apertou a cabeça entre as mãos.

— Não, não é possível. Explique-se. Não estou entendendo... Não quero entender...

HOUE UM SILÊNCIO, durante o qual o recém-chegado fechou a janela e a porta que comunicava com a sala vizinha. Depois se acercou do velho fidalgo, tocou delicadamente no seu ombro para despertá-lo do seu torpor, e, sem preâmbulos, como se querendo descartar de

pronto toda explicação que não fosse estritamente necessária, começou nestes termos:

— Está lembrado, meu tio, que fui embora da França há quinze anos, depois que Angélique recusou meu pedido de casamento. Ocorre que, faz quatro anos, isto é, no décimo primeiro ano do meu exílio voluntário e estabelecimento no extremo sul da Argélia, durante uma caçada promovida por um grande chefe árabe, conheci um indivíduo que, por seu bom humor, seu carisma, sua incrível destreza, sua invencível coragem, seu espírito a um só tempo irônico e profundo, cativou-me imensamente.

“O conde D’Andrésy passou seis semanas na minha casa. Depois que foi embora, continuamos a nos corresponder regularmente. Além disso, eu com frequência via seu nome nos jornais, nas colunas sociais ou esportivas. Ele ficou de voltar, e eu me preparava para recebê-lo, três meses atrás, quando uma noite, enquanto passeava a cavalo, os dois criados árabes que me acompanhavam vieram para cima de mim, me amarraram, me vendaram os olhos e me levaram, durante sete dias e sete noites, por caminhos desertos, até uma baía no litoral, onde cinco homens os aguardavam. Fui imediatamente embarcado num pequeno iate a vapor, que levantou âncora sem mais delongas.

“Quem eram esses homens? Com que objetivo estavam me raptando? Não havia indício que pudesse me informar. Trancaram-me numa cabine estreita, com uma escotilha gradeada por duas barras de ferro cruzadas. Toda manhã, através de um guichê que se abria entre minha cabine e a cabine vizinha, depositavam sobre minha cama cerca de um quilo de pão, uma farta marmita e uma garrafa de vinho, e retiravam os restos da véspera que eu deixara ali.

“Vez ou outra, à noite, o iate parava, e eu escutava o barulho do bote rumando para algum porto, e depois voltando, decerto carregado de mantimentos. E tornávamos a partir, sem sobressaltos, como num cruzeiro de gente da sociedade, a passeio e sem pressa de chegar. Às vezes, subindo numa cadeira, avistava pela escotilha a linha da costa, mas era tão tênue que não ajudava a me situar.

“Isso durou semanas. Numa manhã da nona semana, notando que o guichê de comunicação não tinha sido trancado, empurrei a

portinhola. A outra cabine, naquele momento, estava deserta. Com algum esforço, consegui pegar uma lixa de unha sobre um lavatório.

“Duas semanas depois, à força de paciência, tinha lixado as barras da escotilha, e poderia fugir por ali; mas, embora seja bom nadador, me canso rápido. De modo que precisava escolher um momento em que o iate não estivesse muito longe da terra firme. Só anteontem, encarapitado no meu posto de observação, é que distingi a costa, e, ao cair da tarde, no pôr do sol, reconheci, para minha estupefação, a silhueta do castelo de Sarzeau, com suas torres pontiagudas e o volume maciço do seu bastilhão. Seria esse o destino da minha misteriosa viagem?

“Passamos toda a noite cruzando ao largo. E também todo o dia de ontem. Hoje de manhã, enfim, nos acercamos a uma distância que me pareceu propícia, mesmo porque navegávamos entre algumas rochas atrás das quais eu poderia nadar sem ser visto. Estava prestes a fugir, porém, quando notei, mais uma vez, que o guichê tinha se aberto sozinho e estava batendo na divisória. Então o entreabri de novo, por curiosidade. À distância do meu braço, havia um pequeno armário que consegui abrir e no qual minha mão, tateando ao acaso, apanhou um maço de papéis.

“Eram cartas, cartas contendo instruções para os bandidos que me mantinham prisioneiro. Uma hora mais tarde, quando pulei a escotilha e me deixei cair no mar, eu sabia de tudo: os motivos do meu sequestro, os meios utilizados, o objetivo pretendido e a abominável maquinação urdida nos últimos três meses contra o duque de Sarzeau-Vendôme e sua filha. Infelizmente, era tarde demais. Forçado a me esconder na cavidade de um recife para não ser visto do barco, só ao meio-dia pude alcançar a costa. Até encontrar a cabana de um pescador, trocar minhas roupas pelas dele, vir até aqui, já eram três horas. Ao chegar, soube que o casamento havia sido celebrado naquela mesma manhã.”

O velho fidalgo não pronunciara uma palavra sequer. Olhos pregados nos do forasteiro, escutava seu relato com um crescente pavor.

Vez ou outra voltavam à sua mente os avisos do chefe de polícia:

“Ele o está cozinhando, sr. duque... o está cozinhando.”

Disse com voz abafada:

— Fale, termine... Isso tudo está me angustiando. Ainda não entendi, e estou com medo.

O forasteiro retomou:

— A história toda é fácil de reconstituir, infelizmente, e pode ser resumida em poucas frases. É o seguinte: enquanto esteve hospedado na minha casa, e pelas confidências que cometi o erro de lhe fazer, o conde D’Andrézy depreendeu várias coisas: primeiro, que eu era seu sobrinho, mas que apesar disso o senhor me conhecia relativamente pouco, uma vez que eu saíra de Sarzeau ainda garoto e, desde então, o contato entre nós se resumira às poucas semanas que passei aqui, quinze anos atrás, momento em que pedi a mão de minha prima Angélique; segundo, que, tendo rompido com todo o meu passado, já não recebia nenhuma correspondência; e, por fim, que havia entre ele, D’Andrézy, e eu certa semelhança física que poderia ser acentuada a ponto de se tornar gritante. Seu plano foi construído com base nesses três pontos.

“Ele subornou meus dois criados árabes, que deveriam avisá-lo caso eu sáísse da Argélia. Então voltou para Paris com meu nome e uma aparência idêntica à minha, apresentou-se ao senhor, a cuja casa era convidado quinzenalmente, e passou a viver sob meu nome, que se tornou assim um dos muitos com os quais esconde sua verdadeira identidade. Há três meses, ‘chegado o momento propício’, como ele diz em suas cartas, deu início ao ataque com uma série de comunicados à imprensa, e, ao mesmo tempo — decerto temendo que algum jornal revelasse, na Argélia, o papel que era encenado sob meu nome em Paris —, fez com que eu fosse espancado por meus criados, e depois raptado por seus cúmplices. Ainda há algo que precise explicar, meu tio?”

Um tremor nervoso agitava o duque de Sarzeau-Vendôme. A pavorosa verdade, para a qual se negava a abrir os olhos, aparecia-lhe por inteiro e assumia o rosto odiado do inimigo. Agarrou as mãos de seu interlocutor e disse-lhe num tom áspero, desesperado:

— É Lupin, não é?

— Sim, meu tio.

— E foi para ele... foi para ele que dei minha filha em casamento!

— Sim, meu tio, para ele, que me roubou o nome, Jacques d'Emboise, e lhe roubou a filha. Angélique é a esposa legítima de Arsène Lupin, conforme o senhor mesmo ordenou. Como bem atesta uma carta dele, que aqui está. Ele tumultuou sua vida, perturbou sua mente, assombrou “os pensamentos dos seus dias e os sonhos das suas noites”, assaltou seu palacete, até que, tomado de medo, o senhor veio se refugiar aqui, e, julgando que assim se livraria das suas manobras e da sua chantagem, mandou sua filha eleger por esposo um dos três primos, Mussy, D'Emboise ou Caorches.

— Mas por que ela escolheu logo este, e não um dos outros dois?

— Quem escolheu foi o senhor, meu tio.

— Ao acaso... porque era o mais rico...

— Não, não foi ao acaso, foi seguindo os conselhos insidiosos, insistentes e muito hábeis do seu criado Hyacinthe.

O duque teve um sobressalto.

— O quê! Como? Então Hyacinthe é cúmplice?

— Não de Arsène Lupin, mas do homem que ele julga ser D'Emboise e prometeu lhe dar cem mil francos uma semana depois do casamento.

— Ah, bandido! Ele planejou tudo, pensou em tudo.

— Em tudo, meu tio, inclusive em simular um atentado contra si mesmo para desviar as suspeitas, em simular um ferimento recebido a seu serviço.

— Mas com que propósito? Por que todas essas infâmias?

— Angélique possui onze milhões, meu tio. Na semana que vem, seu tabelião em Paris iria entregar os títulos ao falso D'Emboise, que os converteria e sumiria em seguida. Já hoje de manhã o senhor lhe deu, como um presente pessoal, quinhentos mil francos em títulos ao portador, que esta noite, às nove horas, fora dos muros do castelo, perto do Grande Carvalho, ele vai repassar a um dos seus cúmplices, o qual irá negociá-los em Paris amanhã de manhã.

O duque de Sarzeau-Vendôme tinha se levantado e andava furiosamente pela sala, batendo os pés.

— Hoje à noite, às nove horas — disse. — É o que vamos ver... É o

que vamos ver. Enquanto isso, vou avisar a polícia.

— Arsène Lupin não está nem aí para os policiais.

— Vamos telegrafar para Paris.

— Sim, mas e os quinhentos mil francos? E o escândalo, meu tio... Pense bem: sua filha, Angélique de Sarzeau-Vendôme, casada com esse vigarista, esse bandido. Não, não, isso não pode ser.

— O que fazer, então?

— O quê?

Levantando-se por sua vez, o sobrinho foi até um suporte em que se achavam penduradas armas de todos os tipos, pegou uma espingarda e a depositou sobre a mesa perto do velho fidalgo.

— Lá, meu tio, nos confins do deserto, quando deparamos com um animal feroz, nós não avisamos os policiais. Pegamos nosso rifle e abatemos esse animal feroz antes que ele nos destroce com suas garras.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que eu, lá, me acostumei a passar sem a polícia. É um jeito um tanto sumário de se fazer justiça, mas é o jeito certo, acredite, e hoje, neste caso preciso, é o único. Enterramos o animal morto num canto qualquer, ninguém nem mesmo ficará sabendo.

— E Angélique?

— Depois lhe contamos.

— Mas o que vai ser dela?

— Ela vai continuar sendo... o que legalmente já é: minha esposa, a esposa do verdadeiro D'Emboise. Amanhã eu a abandono e volto para a Argélia. Daqui a dois meses, é declarado o divórcio.

O duque escutava, pálido, com o olhar parado, o maxilar contraído. Murmurou:

— Tem certeza de que os cúmplices dele, no barco, não vão avisá-lo da sua fuga?

— Não antes de amanhã.

— De modo que...?

— De modo que hoje à noite, às nove horas, para ir ao Grande Carvalho, Arsène Lupin tomará inevitavelmente o caminho da ronda que segue as antigas muralhas e contorna as ruínas da capela. E eu

estarei lá, naquelas ruínas.

— E eu também estarei — disse simplesmente o duque de Sarzeau-Vendôme, tirando uma espingarda de caça do suporte.

Eram, então, cinco horas da tarde. O duque ainda conversou um bom tempo com o sobrinho, conferiu as armas, recarregou-as. E, assim que anoiteceu, conduziu-o por corredores escuros até seu quarto, e o escondeu num cubículo adjacente.

O final do dia transcorreu sem incidentes. Durante o jantar, o duque se obrigou a manter a calma. De vez em quando, olhava de soslaio para o genro e se espantava com a semelhança entre ele e o verdadeiro D'Emboise. A mesma cor de pele, o mesmo formato de rosto, o mesmo corte de cabelo. O olhar, contudo, era diferente — o deste era mais vívido —, e, aos poucos, o duque foi reparando em pequenos detalhes, até então despercebidos, que confirmavam a impostura do indivíduo.

Terminado o jantar, todos se recolheram. O relógio marcava oito horas. O duque foi até seu quarto e libertou o sobrinho. Dez minutos depois, amparados pela noite, os dois se esgueiravam nas ruínas, com as espingardas em punho.

Angélique, entretanto, acompanhada pelo marido, dirigira-se para os aposentos que ocupava no andar térreo de uma torre que flanqueava a ala esquerda do castelo. À porta do apartamento, seu marido lhe disse:

— Vou caminhar um pouco. Quando eu voltar consentirá em receber-me, Angélique?

— Certamente — disse ela.

Ele então subiu ao primeiro andar, fechou a porta à chave, abriu silenciosamente uma janela que dava para os campos e se debruçou. Ao pé da torre, quarenta metros abaixo dele, avistou um vulto. Assobiou de leve. Um ligeiro assobio lhe respondeu.

Tirou então de um armário uma grande pasta de couro abarrotada de papéis, que ele enrolou num pano preto e amarrou. Depois, sentou-se à mesa e escreveu:

Feliz que tenha recebido minha mensagem, pois acho perigoso sair do castelo com o volumoso pacote dos títulos. Aqui estão. Com sua

motocicleta, você chegará a Paris a tempo de pegar o trem da manhã para Bruxelas. Lá, entregue os valores para Z... que os negociará em seguida.

A. L.

P.S. — Quando passar pelo Grande Carvalho, diga aos nossos colegas que já estou indo. Tenho instruções para dar a eles. No mais, está tudo certo. Ninguém aqui desconfia de nada.

Amarrou a carta no pacote e o baixou pela janela por meio de um cordão.

“Pronto”, pensou, “resolvido. Assim fico mais sossegado.”

Esperou mais alguns minutos, deambulando pelo quarto, e, sorrindo para os retratos de dois fidalgos pendurados na parede:

“Horace de Sarzeau-Vendôme, marechal da França... Grande Condé... Eu vos saúdo, meus ancestrais. Lupin de Sarzeau-Vendôme será digno de vós.”

Por fim, tendo chegado a hora, pegou seu chapéu e desceu.

Mas, no térreo, Angélique saiu de seus aposentos exclamando, com um ar desatinado:

— Escute, eu lhe imploro. É melhor...

Em seguida, sem dizer mais nada, tornou a entrar no quarto, deixando no marido uma imagem de pavor e delírio.

“Está doente”, pensou. “O casamento não está lhe fazendo bem.”

Acendeu um cigarro e concluiu, sem dar importância a um incidente que deveria impressioná-lo:

“Pobre Angélique! Isso vai acabar em divórcio...”

Lá fora, a noite estava escura, o céu coberto de nuvens.

Os empregados fechavam as venezianas do castelo. Não havia luz em nenhuma janela, sendo costume do duque se deitar logo depois do jantar.

Ao passar diante da guarita do vigia, e saindo pela ponte levadiça, disse:

— Deixe a porta aberta, só vou passear um pouco e já volto.

O caminho da ronda seguia pela direita e conduzia, ao longo das antigas muralhas que outrora cercavam o castelo com um segundo muro muito mais largo, a uma poterna hoje quase destruída.

Esse caminho, que contornava uma colina para em seguida margear o flanco de um vale escarpado, era ladeado, à esquerda, por um denso matagal.

“Que lugar perfeito para uma emboscada, pensou. Um verdadeiro perigo!”

Estacou, julgando ter ouvido um ruído. Mas não, era um farfalhar de folhas. Uma pedra, contudo, rolou pelos declives, quicando nas asperezas da rocha. Porém, coisa estranha, nada o preocupava. Recomeçou a andar. O ar fresco do mar chegava até ele por sobre as planícies da península, e Lupin enchia os pulmões com alegria.

“Como é bom viver!”, pensou. “Jovem ainda, pertencente a uma antiga nobreza, multimilionário... O que mais pode querer, Lupin de Sarzeau-Vendôme?”

A pouca distância, avistou, na escuridão, o vulto mais escuro da capela, cujas ruínas dominavam o caminho por alguns metros. Pingos de chuva começavam a cair, e ele ouviu um relógio bater nove vezes. Apressou o passo. Houve uma breve descida, depois uma subida. E, súbito, ele estacou de novo.

Uma mão segurou a sua.

Ele recuou, tentou se soltar.

Mas alguém surgiu de um grupo de árvores junto dele, e uma voz lhe disse:

— Quietos... Nem uma palavra...

Reconheceu sua esposa, Angélique.

— O que houve? — perguntou.

Ela sussurrou, tão baixo que mal se distinguiram as palavras:

— Estão à sua espera. Ali, nas ruínas, com espingardas.

— Quem?

— Silêncio! Escute...

Ficaram um instante parados, e então ela disse:

— Não se mexeram. Talvez não tenham me ouvido. Vamos voltar.

— Mas...

— Siga-me!

O tom era tão imperioso que ele obedeceu sem mais perguntas. Mas, de repente, ela se assustou.

— Corra, eles estão vindo! Tenho certeza.

E de fato ouviu-se um som de passos.

Então, depressa, ainda segurando sua mão, com uma força irresistível, ela o arrastou por um atalho, cujas curvas seguia sem hesitar apesar da escuridão e dos espinheiros. Chegaram rapidamente à ponte levadiça.

Ela cruzou o braço no seu. O guarda os cumprimentou. Atravessaram o pátio, entraram no castelo, e ela o levou até a torre angular onde ficavam os aposentos de ambos.

— Entre — disse ela.

— No seu quarto?

— Sim.

Duas camareiras aguardavam. Por ordem da patroa, recolheram-se às dependências que ocupavam no terceiro andar.

Quase em seguida ouviram bater à porta do vestíbulo, e alguém chamou.

— Angélique!

— É o senhor, meu pai? — ela perguntou, contendo o nervosismo.

— Sim, sou eu. Seu marido está aí?

— Acabamos de chegar.

— Preciso falar com ele. Diga-lhe que vá ter comigo no meu quarto. É urgente.

— Está certo, meu pai, eu digo a ele.

Apurou o ouvido uns instantes, depois voltou para o boudoir, onde estava seu marido, e afirmou:

— Tenho certeza de que meu pai ainda está aí fora.

Ele fez um gesto de quem vai sair.

— Neste caso, se ele quer falar comigo...

— Meu pai não está sozinho — disse ela bruscamente, barrando-lhe o caminho.

— Quem está com ele?

— O sobrinho, Jacques d'Emboise.

Houve um silêncio. Ele a fitou com alguma surpresa, não compreendendo ao certo o comportamento da esposa. Mas, sem se deter para examinar a questão, deu uma risadinha:

— Ora! Meu caro D'Emboise está aí? Isso significa que descobriram a trama toda? A não ser que...

— Meu pai sabe de tudo — disse ela. — Escutei uma conversa entre eles agora à tarde. D'Emboise leu umas cartas... Eu primeiro hesitei em avisá-lo, mas depois achei que era meu dever.

Ele a observou novamente. Então, dando-se conta da bizarrice da situação, caiu na gargalhada:

— Como assim? Meus amigos do barco não queimaram minhas cartas? E deixaram o prisioneiro fugir? Mas que palermas! Ah, quando não se faz tudo sozinho! Enfim, seja como for, é hilário. D'Emboise versus D'Emboise... Ei! E se agora não me reconhecerem mais? Se o próprio D'Emboise me confundir com ele mesmo?

Virou-se para um lavatório, pegou uma toalha, que molhou e esfregou num sabonete, e, num piscar de olhos, limpou o rosto, tirou a maquiagem e mexeu no cabelo.

— Pronto — disse, surgindo para Angélique tal como ela o vira na noite do assalto, em Paris. — Pronto. Assim fico mais à vontade para conversar com meu sogro.

— Aonde vai? — perguntou ela, jogando-se na frente da porta.

— Vou me encontrar com esses senhores, ora essa.

— Por essa porta o senhor não passa!

— Por quê?

— E se o matarem?

— Me matar?

— É isso que eles querem, matá-lo. Esconder seu corpo em algum canto... Quem iria saber?

— Certo — disse ele. — Desse ponto de vista, eles têm razão. Mas, se eu não for até eles, os dois virão até aqui. E não será essa porta que irá detê-los... Nem a senhorita, imagino. Assim, o melhor é acabar logo com isso.

— Siga-me! — ordenou Angélique.

Pegou a lâmpada que os iluminava, entrou no seu quarto, empurrou o guarda-roupa, que deslizou sobre rodinhas ocultas, afastou uma velha tapeçaria e disse:

— É uma porta que há muito tempo não se usa. Meu pai acha que a

chave se perdeu. Aqui está ela. Abra. Uma escada na muralha vai levá-lo até o pé da torre. Bastará abrir o ferrolho de uma outra porta e estará livre.

Estupefato, ele compreendeu, de súbito, todo o comportamento de Angélique. Diante daquele rosto melancólico, desgracioso, mas de uma doçura infinita, ficou por um momento desconcertado, quase constrangido. Já não tinha vontade de rir. Um sentimento de respeito, mesclado de remorso e bondade, irrompeu dentro dele.

— Por que está me salvando? — murmurou.

— O senhor é meu marido.

Ele protestou:

— Não, claro que não... Esse título eu roubei. A lei não irá reconhecer esse casamento.

— Meu pai não quer escândalo — disse ela.

— Pois justamente — ele retrucou —, justamente, foi pensando nisso que eu trouxe seu primo D'Emboise. No que eu desaparecer, seu marido será ele. Foi com ele que se casou perante os homens.

— Foi com o senhor que eu me casei perante a Igreja.

— Ora, a Igreja! Com a Igreja existem arranjos... Mandarão anular seu casamento.

— Com que pretexto, que pretexto confessável?

Ele se calou, ponderou sobre essas coisas, para ele insignificantes e ridículas, mas tão sérias para ela, repetindo várias vezes:

— Isso é terrível, terrível... Eu deveria ter previsto.

De repente, uma ideia lhe ocorreu e ele exclamou, batendo palmas:

— Pronto! Já sei! Tenho ótimas relações com um dos principais dignitários do Vaticano. O papa faz tudo o que eu peço. Vou conseguir uma audiência, e não tenho dúvida de que o Santo Padre, tocado pelas minhas súplicas...

Seu plano era tão cômico, e sua alegria tão sincera, que Angélique não pôde conter um sorriso. E lhe disse:

— Eu sou sua esposa diante de Deus.

Fitava-o com um olhar em que não havia desprezo, nem hostilidade, nem mesmo raiva, e ele se deu conta de que ela se esquecia de ver nele o bandido e o malfeitor para pensar apenas no homem que era

seu marido, a quem o padre a unira até a hora suprema da morte.

Ele deu um passo em sua direção e a observou mais atentamente. Ela não baixou os olhos. Mas enrubescceu. E ele nunca tinha visto um rosto tão tocante, imbuído de tanta dignidade. E disse-lhe, como naquela primeira noite, em Paris:

— Seus olhos... seus olhos calmos e tristes... e tão lindos...

Ela abaixou a cabeça e balbuciou:

— Vá! Vá embora!

Ao ver sua perturbação, teve a súbita intuição de sentimentos mais obscuros que a agitavam e que ela própria ignorava. Naquela alma de solteirona, de imaginação romanesca, sonhos insatisfeitos, leituras obsoletas, ele não teria encarnado, naquele momento excepcional, e dadas as circunstâncias atípicas dos seus encontros, algo de especial, o herói à la Byron, o bandido romântico e cavalheiresco? Certa noite, enfrentando todos os obstáculos, o aventureiro famoso, já nobilitado pela lenda, engrandecido por sua audácia, certa noite ele entrara no seu quarto e pusera uma aliança no seu dedo. Noivado místico e passionai, como se via nos tempos do *Corsário* e de *Hernani*.

Comovido, enternecido, esteve a ponto de ceder a um arroubo de entusiasmo e exclamar:

“Vamos partir! Fugir! É minha esposa... minha companheira. Divida comigo meus perigos, minhas alegrias e angústias. É uma vida estranha e fascinante, intensa e magnífica...”

Mas os olhos de Angélique se ergueram para ele, e eram tão puros, tão dignos, que ele enrubescceu.

Não era o tipo de mulher com quem pudesse falar assim. Murmurou:

— Eu lhe peço perdão. Cometi muitos malfeitos na minha vida, mas nenhum que vá me deixar lembrança mais amarga. Sou um miserável, desgracei sua vida.

— Não, pelo contrário — disse ela, mansamente. — O senhor me indicou meu verdadeiro caminho.

Quis lhe pedir que explicasse, mas ela já abrira a porta e lhe apontava a escada. Não havia mais nada a ser dito entre eles. Sem uma palavra, fez uma profunda mesura e saiu.

UM MÊS DEPOIS, Angélique de Sarzeau-Vendôme, princesa de Bourbon-Condé, esposa legítima de Arsène Lupin, tomou o véu sob o nome de irmã Marie-Auguste e se encerrou no convento das freiras dominicanas.

No mesmo dia dessa cerimônia, a madre superiora do convento recebeu um espesso envelope selado e uma carta.

A carta continha essas palavras: *Para os pobres da irmã Marie-Auguste.*

No envelope, havia quinhentas notas de mil francos.

Cronologia

VIDA E OBRA DE MAURICE LEBLANC

- 1864 | 11 nov.: Nasce Maurice Marie-Émile Leblanc em Rouen, Normandia, França. Filho de Émile Leblanc, rico empresário da construção naval e do setor têxtil, e Mathilde Blanche, herdeira de uma tradicional família normanda, é criado num ambiente de grande admiração por toda forma de arte.
- 1869 | 8 fev.: Nascimento de Georgette Leblanc, irmã de Maurice, futura cantora e atriz de sucesso na França.
- 1870: Em meio à guerra franco-prussiana, Émile Leblanc envia o filho para a Escócia.
- 1871: Maurice retorna a Rouen.
- 1871-88: É educado entre França, Alemanha e Itália.
- 1888: Com o objetivo de se dedicar integralmente à escrita, abandona a faculdade de direito e o emprego na empresa do pai e muda-se para Paris, onde passa a trabalhar como jornalista para diversos periódicos. Paralelamente, escreve contos, romances e peças teatrais.
- 1889: Casa-se com Marie-Ernestine Lalanne. O casal terá uma filha, Marie-Louise.
- 1890: Lançamento de *Des couples* [Casais], seu primeiro livro. Autor prolífico, ao longo da vida irá publicar mais de sessenta livros, traduzidos para diversos idiomas.
- 1893: Lança o romance psicológico *Une femme* [Uma mulher].
- 1895: Separa-se de Marie-Ernestine Lalanne.
- 1901: Publica o romance autobiográfico *L'Enthousiasme* [O entusiasmo] e integra definitivamente o círculo literário parisiense.
- 1905: Recebe convite do editor Pierre Lafitte para escrever uma novela policial para a revista francesa *Je Sais Tout*. | 15 jul.: Diante da insistência de Lafitte, lança então “A detenção de Arsène Lupin”, primeira aventura do anti-herói que mais tarde será imortalizado como seu principal personagem. Com o sucesso da publicação, Lafitte incentiva Leblanc a escrever mais histórias sobre Lupin. O escritor segue o conselho do amigo e, ao longo das décadas seguintes, fará de Arsène Lupin protagonista de quinze romances, três novelas, 38 contos e quatro peças de teatro, além de dois romances publicados postumamente.
- 1907 | 10 jun.: Publicação de *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*, livro reunindo as nove primeiras aventuras de Arsène Lupin, veiculadas no ano anterior pela *Je Sais Tout*. Reedição de *Une femme*.

- 1908 | 10 fev.: Publica a coletânea *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*, com dois contos: “A Mulher Loura” e “A lâmpada judaica”.
- 1909: Sai em formato de livro o romance *A Agulha Oca*, que, assim como *Arsène Lupin, o ladrão de casaca* e *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*, foi originalmente publicado como folhetim.
- 1910: Mais um da série de aventuras de Arsène Lupin: *813*. Última aparição de Herlock Sholmes, é considerado por muitos de seus leitores o melhor livro protagonizado por Lupin. Na obra, o ladrão de casaca é acusado de assassinato e tenta provar sua inocência.
- 1912: É condecorado com a Legião de Honra e lança *A rolha de cristal*, com Lupin, e *La frontière [A fronteira]*. Divorciado, casa-se novamente e tem um filho, Claude.
- 1913: Publica a coletânea de contos *As confidências de Arsène Lupin*.
- 1914: Escreve *Os dentes do tigre*, também da série com Lupin.
- 1916: Lança mais uma novela da série, *O estilhaço da granada*, e *La faute de Julie [O erro de Julie]*.
- 1918: Publicação de outro título com Lupin, *O triângulo de ouro*.
- 1919: Vende para Hollywood os direitos de adaptação para o cinema dos livros *Os dentes do tigre* e *813*. Publica o livro de ficção científica *Les trois yeux [Os três olhos]* e um novo volume da série Arsène Lupin, *A ilha dos trinta ataúdes*.
- 1920: Lança *Le formidable événement [O acontecimento extraordinário]*, outra ficção científica.
- 1921: Publica *Os dentes do tigre*.
- 1922: Lançamento de *Le cercle rouge [O círculo vermelho]*, romance policial sem a presença de Lupin.
- 1923: Publicação da coletânea de contos *As oito pancadas do relógio*, da série Arsène Lupin, e *Dorothée, danseuse de corde*, que foi lançado no Brasil como *A rival de Arsène Lupin*, mas não conta com o personagem.
- 1924-28: Mais três livros da série com Lupin: *A condessa de Cagliostro*, *A moça dos olhos verdes* e *A agência Barnett & Cia*.
- 1931: Vende direitos de adaptação de alguns de seus livros para a Metro Goldwyn Mayer.
- 1932: Adaptação para o cinema das histórias de Arsène Lupin, dirigida pelo também produtor e ator americano Jack Conway. O filme foi distribuído pela Metro Goldwyn Mayer.
- 1934: Publicação de *L’Image de la femme nue [A imagem da mulher nua]* e *Arsène Lupin, na pele da polícia*.
- 1935: Sai um novo Lupin, *A vingança da Cagliostro*.
- 1938: *O retorno de Arsène Lupin*, nova adaptação para o cinema dirigida pelo produtor e diretor francês George Fitzmaurice.

1941 | 6 nov.: Aos 76 anos, com problemas pulmonares, morre em Perpignan, sul da França, próximo à fronteira com a Espanha. Publicação póstuma de *Os bilhões de Arsène Lupin*.

1962: Adaptação para o cinema de *Arsène Lupin contra Arsène Lupin*, por Édouard Molinaro.

1973: Publicação de *O segredo de Eunerville*, primeiro dos cinco livros de Arsène Lupin escritos na década de 1970 pela dupla Pierre Boileau e Thomas Narcejac, com autorização dos herdeiros de Leblanc.

2004: Lançamento de *Arsène Lupin — o ladrão mais charmoso do mundo*, filme dirigido por Jean-Paul Salomé.

2012: Publicação póstuma de *O último amor de Arsène Lupin*.

Copyright © 2021 by Editora Zahar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Les Confidences d'Arsène Lupin

Capa e ilustração

Rafael Nobre

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-304-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

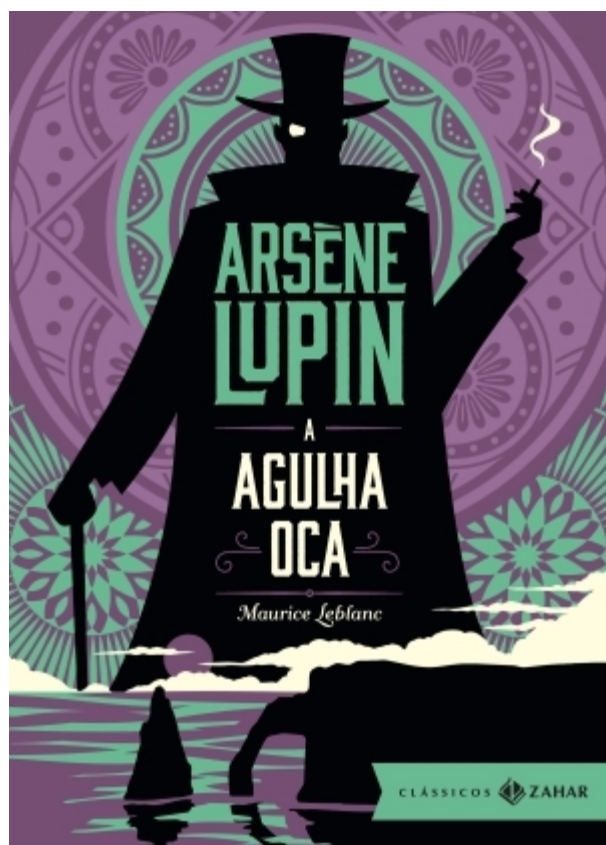
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar



A Agulha Oca: edição bolso de luxo

Leblanc, Maurice

9786557822395

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ladrão de casaca mais famoso do mundo está de volta! Terceiro volume da série — e considerado seu melhor e mais célebre romance —, *A Agulha Oca* é o clássico dos clássicos de Arsène Lupin.

A coleção que inspira a série original da Netflix "Lupin".

Impetuoso e irresistível, Arsène Lupin faz suas próprias leis, mas é fiel a um rigoroso código de honra cavalheiresco. Como o gênio do crime que é, está sempre um passo à frente dos seus inimigos. Mesmo assim, um jovem estudante de ensino médio desafia a sua astúcia justamente no enigma mais célebre da história da França: o segredo da Agulha Oca. Envolvendo a fortuna escondida dos monarcas franceses e tesouros fabulosos, como as joias das rainhas e a Mona Lisa original, trata-se de um caso que ninguém jamais conseguiu desvendar. Com reviravoltas inesperadas — além da participação dos arqui-inimigos de Lupin, Herlock Sholmes e o inspetor Ganimard —, o rocambolesco e genial duelo entre o improvável detetive amador e o maior ladrão do mundo deixa o leitor sem fôlego até o surpreendente final.

[Compre agora e leia](#)

O CONDE DE
**MONTE
CRISTO**

Alexandre
DUMAS

CLÁSSICOS  ZAHAR

O conde de Monte Cristo: edição bolso de luxo

Dumas, Alexandre

9788537808801

1663 páginas

[Compre agora e leia](#)

Traições, denúncias anônimas, tesouros fabulosos, envenenamentos, vinganças e muito suspense. A trama de "O Conde de Monte Cristo" traz uma emoção diferente a cada página e talvez isso explique a razão de a obra do escritor francês Alexandre Dumas ter se transformado em um clássico da literatura mundial, mexendo com a imaginação dos leitores há mais de 150 anos. No romance, o marinheiro Edmond Dantés é preso injustamente, vítima de um complô. Anos depois, consegue escapar da prisão, enriquece e planeja uma vingança mirabolante. A galeria de personagens criada por Dumas faz um retrato fiel da França do século XIX, um mundo em transformação, em que passou a ser possível a mudança de posições sociais. As aventuras de Dantés ainda ganharam diversas versões cinematográficas que colaboraram para o sucesso da trama. Com texto integral e a mesma tradução premiada da Edição Comentada e Ilustrada, vencedora do Jabuti, a versão Bolso de Luxo ainda tem capa dura. E tudo com um preço mais que acessível.

[Compre agora e leia](#)



O ladrão de casaca: edição bolso de luxo

Leblanc, Maurice

9788537815731

274 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos maiores clássicos da literatura policial e de aventura em luxuosa edição com tradução impecável.

A coleção que inspira a série original da Netflix "Lupin".

Brilhante, audacioso, sedutor, mestre do disfarce e do jiu-jítsu, Arsène Lupin é a irônica resposta francesa a Sherlock Holmes: um ladrão refinado e anarquista, espécie de Robin Hood da Belle Époque. Nas nove histórias que compõem essas primeiras aventuras, o irresistível anti-herói atormenta seus oponentes, zomba das convenções estabelecidas, ridiculariza a burguesia e ajuda os mais fracos. E ainda enfrenta um grande detetive inglês, não por acaso chamado Herlock Sholmes.

Essa edição traz texto integral, excelente tradução de André Telles e Rodrigo Lacerda, vencedores do Prêmio Jabuti, apresentação de Lacerda, posfácio de Maurice Leblanc e cronologia de vida e obra do autor. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

ALEXANDRE
DUMAS

O CONDE DE MONTE CRISTO

EDIÇÃO COMENTADA
E ILUSTRADA



CLÁSSICOS  ZAHAR

O conde de Monte Cristo: edição comentada e ilustrada

Dumas, Alexandre

9788537815434

1375 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nova edição da obra consagrada de Alexandre Dumas O conde de Monte Cristo é um clássico da literatura mundial que mexe com a imaginação e a sensibilidade de milhões de leitores há mais de 170 anos. E essa obra-prima está de volta na edição brasileira que merece, que traz o texto integral na tradução viva que venceu o prêmio Jabuti, 170 gravuras de época e mais de 500 notas explicativas, além de uma magnífica apresentação e cronologia de vida e obra do autor. A edição impressa é composta de dois volumes com acabamento em capa dura num lindo box. Manipulando com maestria os cordões da trama, Alexandre Dumas prende o leitor numa teia de peripécias de tirar o fôlego – traições, denúncias anônimas, tesouros fabulosos, envenenamentos e vinganças – e apresenta uma galeria de personagens que retrata o espectro social de um mundo em transformação. Um livro maravilhoso numa edição imperdível.

[Compre agora e leia](#)

H.G. WELLS O HOMEM INVISÍVEL



CLÁSSICOS  ZAHAR

O Homem Invisível: edição bolso de luxo

Wells, H.G.

9788537818503

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma mistura fascinante de humor e ficção científica, gênero que Wells ajudou a estabelecer e no qual se consagrou. Um misterioso forasteiro chega à pacata cidade de Iping. Ninguém sabe seu nome, nem de onde vem ou a razão de estar sempre coberto da cabeça aos pés – com chamativos óculos escuros e bandagens envolvendo toda a cabeça sob um chapéu de abas caídas. Além disso, ele trouxe um verdadeiro laboratório portátil. O suspense cresce quando crimes começam a acontecer e quando se descobre que o homem é invisível! Um dos maiores clássicos da ficção científica, sucesso desde a publicação em 1897, O Homem Invisível é uma engenhosa e divertida combinação de humor e imaginação fantástica, e também uma bela reflexão sobre solidão, incompreensão e os laços entre o indivíduo e a humanidade. Essa edição bolso de luxo da coleção Clássicos Zahar, traz o texto integral e uma instigante apresentação. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)